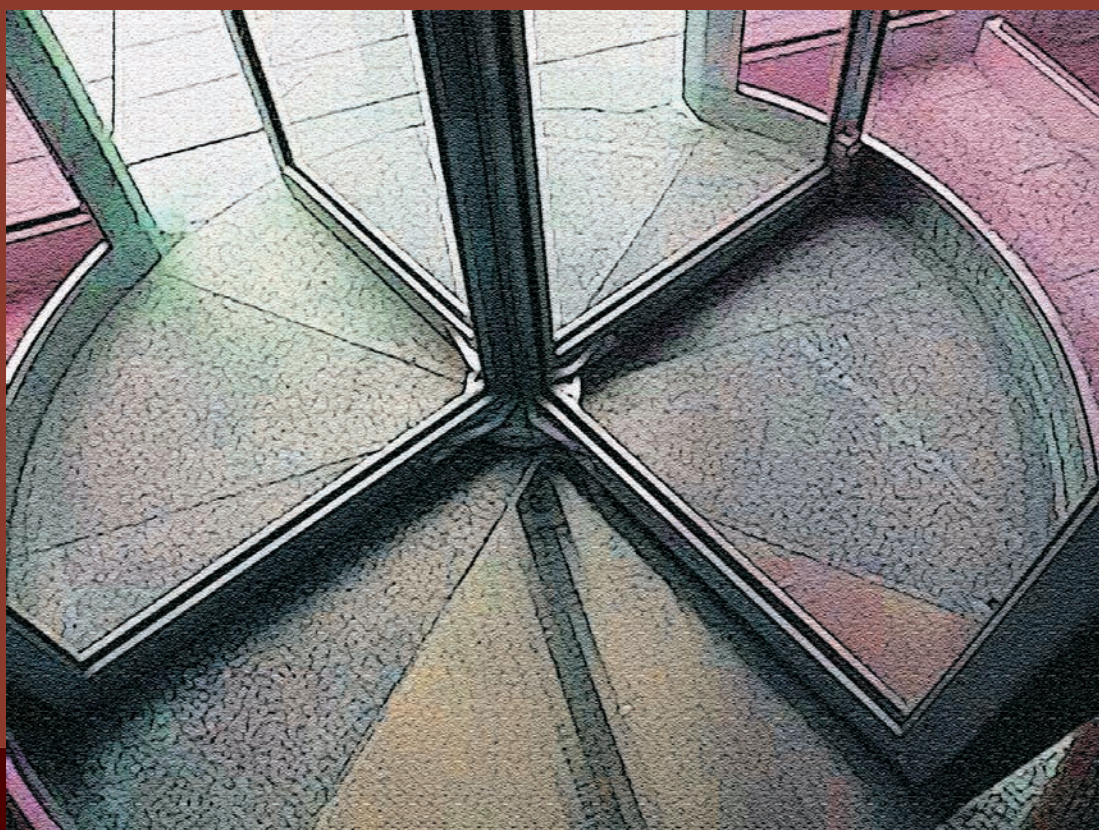


ROTATIVIDADE SETORIAL

DADOS E DIRETRIZES PARA A AÇÃO SINDICAL



DiEese

**FRIEDRICH
EBERT
STIFTUNG**

Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos

Rotatividade setorial: dados e diretrizes para a ação sindical

DIEESE

São Paulo, 2014

DIEESE - Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos

Escritório Nacional: Rua Aurora, 957, Santa Efigênia - São Paulo - CEP 01209-001 - São Paulo/SP

Tels.: 11 3821-2199 - 11 3874-5366 - Fax: 11 3821-2179 - 11 3874-5394 - www.dieese.org.br

DIREÇÃO SINDICAL EXECUTIVA

Presidente: Antônio de Sousa - STI Metalúrgicas Mecânicas e de Material Elétrico de Osasco e Região - SP

Vice Presidente: Alberto Soares da Silva - STI de Energia Elétrica de Campinas - SP

Secretária Executiva: Zenaide Honório APEOESP - Sind. dos Professores do Ensino Oficial do Estado de SP

Diretor Executivo: Alceu Luiz dos Santos - STI Metal. de Máq. Mec. de Mat. Elétrico de Veículos e Peças Automotivas da Grande Curitiba - PR

Diretor Executivo: Josinaldo José de Barros - STI Metal. Mec. e de Mat. Elét. de Guarulhos Arujá Mairiporã e Santa Isabel - SP

Diretor Executivo: José Carlos Souza - STI de Energia Elétrica de São Paulo - SP

Diretor Executivo: Luís Carlos de Oliveira - STI Metal. Mec. e de Mat. Elét. de SP Mogi das Cruzes e Região - SP

Diretora Executiva: Mara Luzia Feltes - SE em Empresas de Ass. Perícias Inf. Pesquisas e de Fundações Estaduais do Rio Grande do Sul - RS

Diretora Executiva: Maria das Graças de Oliveira - Sind. dos Serv. Públicos Federais do Est. de Pernambuco - PE

Diretora Executiva: Marta Soares dos Santos - SE em Estab. Bancários de São Paulo Osasco e Região - SP

Diretor Executivo: Paulo de Tarso Guedes de Brito Costa - Sindicato dos Eletricitários da Bahia - BA

Diretor Executivo: Roberto Alves da Silva - FT em Serv. de Asseio e Conserv. Ambiental Urbana e Áreas Verdes do Estado de São Paulo - SP

Diretor Executivo: Ângelo Máximo de Oliveira Pinho - Sindicato dos Metalúrgicos do ABC - SP

DIREÇÃO TÉCNICA

Diretor técnico: Clemente Ganz Lúcio / **Coordenadora executiva:** Patrícia Pelatieri / **Coordenadora**

administrativa e financeira: Rosana de Freitas / **Coordenador de educação:** Nelson de Chueri Karam

Coordenador de relações sindicais: José Silvestre Prado de Oliveira / **Coordenador de atendimento**

técnico sindical: Ailton Santos / **Coordenadora de estudos e desenvolvimento:** Angela Maria Schwengber

EQUIPE TÉCNICA RESPONSÁVEL

Setor Bancário: Barbara Vallejos Vasquez, Cátia Toshie Uehara, Gustavo Cavarzan e Regina Coeli Camargos

Construção: Karla Braz e Paulo Jäger (revisão crítica)

Comércio e Alojamento e Alimentação: Adalberto da Silva, Bianca Briguglio, Daniela Barea Sandi, Diego Romano e Fabiana Campelo; Leonardo Escobar e José Alvaro Cardoso (revisão crítica)

Metalúrgico: André Cardoso, Igor Pinheiro, Rafael Serrao, Renata Belzunces; Fausto Augusto Júnior, Inaldo Seixas, Roberto Anacleto dos Santos e Zeira Camargo de Santana (revisão crítica);

Químico: Nádia V. de Souza, Daniel Ferrer de Almeida, Thomaz Ferreira Jensen, Victor Gneco Paganni e Ana Georgina Dias (revisão técnica);

Geral: Antonio Ibarra

ORGANIZAÇÃO

José Silvestre Prado de Oliveira

REVISÃO

Geni Marques e Iara Heger

Rotatividade setorial: dados e diretrizes para a ação sindical

Confederação Nacional dos Trabalhadores do Ramo Financeiro (Contraf-CUT)
Confederação Nacional dos Sindicatos de Trabalhadores na Indústria da Construção e da Madeira (Conticom-CUT)
Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria da Construção (CNTIC)
Federação Nacional dos Trabalhadores na Indústria da Construção Pesada (Fenatracop)
Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria da Construção e do Mobiliário (Contricom)
Federação Interestadual de Trabalhadores da Indústria Metalúrgica (FTIMETAL)
Confederação Nacional dos Metalúrgicos (CNM-CUT)
Confederação Nacional dos Trabalhadores Metalúrgicos (CNTM-FS)
Confederação Nacional dos Trabalhadores no Comércio e Serviços (Contracs-CUT)
Confederação Nacional dos Trabalhadores em Turismo e Hospitalidade (Contratuh)
Confederação Nacional dos Químicos (CNQ-CUT)
Confederação Nacional dos Trabalhadores Químicos (CNTQ)



São Paulo, 2014

Tiragem

3 mil exemplares

Projeto gráfico

Caco Bisol Produção Gráfica Ltda.

Capa e produção gráfica

Caco Bisol Produção Gráfica Ltda.

(Márcia Helena Ramos)

Impressão

Pigma

*É permitida a reprodução parcial ou total dos textos desta publicação,
desde que citada a fonte.*

DIEESE

D419r Rotatividade setorial: dados e diretrizes para a ação sindical. São Paulo /
Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos. - São Paulo:
DIEESE, 2014

140 p.

ISBN 978-85-87326-66-9

1. Mercado de Trabalho. 2. Rotatividade. 3. Setores Econômicos 4. Setores econômicos. I.
Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos. II. Título.

CDU 331.5(81)

Sumário

Apresentação	7
Introdução	11
Capítulo 1 A rotatividade dos trabalhadores Metalúrgicos	17
Capítulo 2 A rotatividade no setor Químico	39
Capítulo 3 A rotatividade no setor da Construção	61
Capítulo 4 A rotatividade no Comércio	85
Capítulo 5 A rotatividade no setor Bancário	99
Capítulo 6 A rotatividade dos trabalhadores de Alojamento e de Alimentação	111
Considerações finais	125
Referências bibliográficas	139

Apresentação

Entre outubro de 2012 e agosto de 2013, por demanda do movimento sindical e com apoio da FES (Fundação Friedrich Ebert), o DIEESE realizou uma série de seminários com dirigentes das entidades sindicais de trabalhadores bancários, da construção, do ramo metalúrgico, do comércio, de alojamento e alimentação (hotelaria) e dos químicos. As atividades tiveram como objetivo debater e investigar o fenômeno da rotatividade a partir da ótica setorial, ou seja, averiguar como o problema se manifesta entre esses trabalhadores e quais as características, diferenças ou semelhanças existentes entre os setores. Além do estudo dos dados, os seminários propiciaram aos dirigentes sindicais debater e formular uma série de propostas com o objetivo de reduzir as taxas de rotatividade nos respectivos setores. Os resultados estão publicados neste livro, *Rotatividade setorial: dados e diretrizes para a ação sindical*, editado pelo DIEESE.

A obra é constituída de sete sessões, que tratam, separadamente, de cada setor, a partir dos dados da Relação de Informações Sociais (Rais), do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). No último capítulo estão as considerações finais, com as propostas elaboradas nos seminários.

Há dados sobre rotatividade por tipo de estabelecimento, perfil do trabalhador (sexo, cor, idade), informações sobre o tempo de vínculo empregatício, remuneração etc.

Espera-se que o livro seja uma contribuição ao debate de alternativas para enfrentar o grande desafio de criar mecanismos que possam reduzir a rotatividade a patamares menos alarmantes no país, tanto no âmbito setorial quanto geral.

O DIEESE agradece às entidades sindicais que participaram dos seminários e a FES, sem os quais esta publicação não seria editada.

Os eventos contaram com a participação de cerca de 140 dirigentes sindicais das seguintes entidades: Confederação Nacional dos Trabalhadores do Ramo Financeiro (Contraf-CUT), Confederação Nacional dos Sindicatos de Trabalhadores nas Indústrias da Construção e da Madeira (Conticom-CUT), Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria da Construção (CNTIC), Federação Nacional dos Trabalhadores na Indústria da Construção Pesada (Fenatracop), Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria da Construção e do Mobiliário (Contricom), Federação Interestadual de Trabalhadores da Indústria Metalúrgica (FTIMETAL), Confederação Nacional dos Metalúrgicos (CNM-CUT), Confederação Nacional dos Trabalhadores Metalúrgicos (CNTM-FS), Confederação Nacional dos Trabalhadores no Comércio e Serviços (Contracs-CUT), Confederação Nacional dos Trabalhadores em Turismo e Hospitalidade (Contratuh), Confederação Nacional dos Químicos (CNQ-CUT) e Confederação Nacional dos Trabalhadores Químicos (CNTQ).

Além dos dirigentes das confederações participaram também vários representantes de diversos sindicatos.

O fenômeno da rotatividade tem sido estudado e discutido pelo DIEESE desde 2010. Em 2011, por intermédio de convênio com o Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), foi publicado o livro *Rotatividade e flexibilidade no mercado de trabalho*. Em 2014, dando sequência à parceria, foi lançado *Rotatividade e políticas*

públicas para o mercado de trabalho, que atualiza os dados da primeira publicação e analisa os desligamentos de trabalhadores e o aumento dos gastos do Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT). Traz ainda um conjunto de contribuições e propostas do movimento sindical para enfrentar o desafio de reduzir as taxas de rotatividade e aprimorar o Sistema de Políticas Públicas de Emprego.

Introdução

O mercado de trabalho brasileiro tem passado por fortes transformações nos últimos anos, cujos impactos nas condições de vida da população brasileira têm sido bastante positivos. Algumas informações gerais balizam essa afirmação. Houve uma geração de 12,3 milhões de empregos entre 2006 e 2012, conforme a última informação disponibilizada pelo Ministério do Trabalho e Emprego. O rendimento médio real no mercado de trabalho formal aumentou em 16,2% no mesmo período, principalmente em função da política de valorização do salário mínimo, com esforços das Centrais Sindicais, desde 2006, e como resultado das negociações salariais com ganhos acima da inflação. Em termos de escolaridade, cerca de dois em cada três (66,0%) vínculos ativos no último dia de 2012 já tinham ao menos o ensino médio completo, 11,5 p.p. a mais do que em 2006.

Apesar de todos os avanços conquistados, algumas características estruturais do mercado de trabalho brasileiro ainda são muito presentes. Mesmo com redução na informalidade, cerca de 40% da mão de obra ainda não tem a devida proteção social¹, segundo as informações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Outro fenômeno que vem sendo estudado pelo DIEESE nos últimos anos é a rotatividade laboral em função da flexibilidade que rege as relações de trabalho no país.

1. Considerando os trabalhadores que têm contribuição previdenciária na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2012, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

No Brasil, o tempo médio de permanência no mesmo emprego era de cinco anos em 2012, quando incluídos os funcionários públicos, mas de apenas três anos, considerando somente os vínculos regidos pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT). Trata-se de um tempo médio muito baixo quando comparado ao de países como Itália e Portugal (13 anos), França e Alemanha (12 anos) e Dinamarca (9 anos)², mas próximo do dos EUA, país reconhecido pela flexibilidade na legislação trabalhista e onde o tempo alcançou cinco anos em 2012³.

Os vínculos interrompidos com menos de três meses de vigência representam em torno de 30% de todos os contratos desligados a cada ano. Tratam-se, portanto, de contratos de experiência, em que os empregadores estão isentos de pagar a multa rescisória do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS) e o aviso prévio.

Os contratos rompidos com menos de seis meses de vigência representam aproximadamente 45% de todos os vínculos desligados por ano. Vale aqui lembrar que o critério de elegibilidade do Programa Seguro Desemprego é de pelo menos seis meses de emprego.

Analisando as informações declaradas por empresas/estabelecimentos entregues ao MTE anualmente⁴, observa-se que o volume de contratos (vínculos) rompidos a cada ano tem aumentado numa velocidade bastante superior ao de contratos vigentes no último dia de cada ano (estoque). Entre 2006 e 2012, enquanto os vínculos ativos em 31 de dezembro apresentavam um crescimento de 35,0%, os contratos desligados no ano alcançavam 66,8%, ou seja, quase o dobro.

Quando se analisam os motivos de desligamentos, que incluem demissões sem justa causa, término de contratos, desligamentos a pedido do trabalhador, transferências⁵, aposentadorias e falecimentos, nota-se que os três

2. Dados da OECD. StatExtracts referentes ao ano de 2012.

3. Dados do Bureau of Labor Statistics (BLS).

4. Trata-se da Relação Anual de Informações Sociais (Rais) que os estabelecimentos são obrigados a declarar entre janeiro e março do ano subsequente sobre todos os contratos que tiveram vigência no ano base.

5. São consideradas as transferências os casos em que um contrato é rompido em um CNPJ e formado em outro, da mesma empresa. Esse tipo de situação é bastante comum nos bancos, mas também pode ocorrer em outros setores.

primeiros agrupados representam, em todos os anos, desde 2002, sempre mais de 90% de todos os desligamentos. Dessa forma, será dada mais ênfase a esses motivos nesta publicação.

A legislação permite que se tenham contratos por prazo determinado há décadas. É o que se percebe quando se observa os tipos de contrato. Entretanto, apenas 4,0% dos contratos desligados são desta natureza, enquanto entre os ativos representam apenas 1,4% em 2012. Os contratos temporários também têm baixa participação - 3,8% de todos os desligados e 0,4% entre todos os ativos, em 31 de dezembro de 2012. Nota-se, portanto, que há uma nítida preferência pela contratação por prazo indeterminado, dado que reforça a percepção de um mercado de trabalho flexível.

Não se pode desconsiderar que, nos últimos 10 anos, houve um aumento nos desligamentos a pedido do trabalhador, que representavam 17,5% de todos os contratos rompidos em 2006 e passaram para 25,0%, em 2012. Esse fenômeno, entretanto, não mascara o fato de que a grande maioria dos contratos é rompida por empresas/estabelecimentos. A análise da rotatividade no mercado laboral brasileiro vem sendo detalhada nas publicações do DIEESE: *Rotatividade e flexibilidade no mercado de trabalho* (2011) e *Rotatividade e políticas públicas para o mercado de trabalho* (2014). Nestes livros, o DIEESE apresenta sempre duas taxas de rotatividade - uma global e outra descontada. A taxa de rotatividade global considera todos os desligamentos enquanto a taxa de rotatividade descontada representa os desligamentos por iniciativa dos empregadores, excluindo, portanto, os falecimentos, as aposentadorias, as transferências e os desligamentos a pedido do trabalhador.

Os principais aspectos abordados nas publicações permitiram vislumbrar que o fenômeno da rotatividade é bastante complexo, porque acompanha a heterogeneidade setorial do mercado de trabalho brasileiro. As causas da rotatividade são distintas, conforme os setores/segmentos analisados, fazendo com que propostas de enfrentamento prescindam de análises setoriais mais aprofundadas. Neste sentido, esta publicação analisa seis setores selecionados que representam aproximadamente a metade de todos os desligamentos no Brasil: Alojamento e Alimentação, Bancos, Comércio, Construção Civil, Metalurgia e Químicos.

Em alguns desses setores, observamos que a análise tinha que ser segmentada porque dentro do próprio setor havia comportamentos distintos. No caso dos Bancos, por exemplo, havia a necessidade de distinguir os bancos públicos dos bancos privados, distinguidos pela informação da natureza jurídica de empresas/estabelecimentos. No caso da Construção Civil, a análise por Divisão da Classificação Nacional por Atividades Econômicas (CNAE) já distingue três segmentos específicos desse setor. A Divisão CNAE também foi utilizada para a análise dos segmentos de Alojamento e Alimentação. Na Metalurgia e nos Químicos, as análises foram compostas de segmentos que prescindiam de maior detalhamento para compreender o fenômeno da rotatividade dentro desses setores.

Para cada um dos setores analisados, ocorreu um seminário, contando com a participação sindical correspondente, de discussão de propostas de enfrentamento da questão da rotatividade à luz das informações apresentadas. Essas propostas vão desde aspectos mais gerais, como a regulamentação do parágrafo 4º do Artigo nº 239 da Constituição Federal, sobre o financiamento do Programa de Seguro Desemprego e o retorno da ratificação da Convenção nº 158, da Organização Internacional do Trabalho (OIT) - que trata da demissão imotivada - a propostas específicas nas ações envolvendo os três poderes: Executivo, Legislativo e Judiciário, além de diretrizes sindicais que poderiam auxiliar no combate à rotatividade, como a organização no local de trabalho.

Ressalta-se que, no caso da regulamentação do parágrafo 4º do Artigo nº 239 da CF, a contribuição adicional que as empresas que apresentam taxas de rotatividade acima da média estariam sujeitas deve levar em consideração que os estabelecimentos de menor porte podem ter taxas mais elevadas que os grandes, apesar destes últimos terem uma participação no total de desligados muito superior.

A taxa de rotatividade no Brasil representa uma *proxy* da substituição de trabalhadores para um posto de trabalho. Ela é medida pelo mínimo de desligados no ano ou de admitidos no ano sobre o estoque médio naquele ano. No caso da taxa de rotatividade descontada, utilizam-se somente os desligamentos por iniciativa dos empregadores.

A taxa de rotatividade varia muito conforme os setores analisados, como pode ser visto na Tabela 1. A Construção Civil apresenta as maiores taxas, tanto na global quanto na descontada, seguida de Alojamento e Alimentação e do Comércio. Entretanto, salienta-se que, na Metalurgia, as taxas de rotatividade são crescentes entre 2007 e 2012. No caso dos Bancos, conforme salientado anteriormente, a separação entre os bancos públicos e privados permitirá uma visão distinta do que efetivamente ocorre nesse setor. No setor Químico, os segmentos que o compõem permitem verificar que os comportamentos são distintos no período analisado.

Tabela 1
Taxas de rotatividade global e descontada dos setores selecionados
Brasil - 2007 a 2012 (em %)

Taxa de rotatividade	Todos os setores	Construção Civil	Bancos	Comércio	Alojamento Alimentação	Metalurgia	Químicos	
Global	2007	46,7	103,2	23,2	55,2	63,7	37,2	51,6
	2008	52,4	117,5	22,1	60,2	70,0	44,9	55,2
	2009	49,2	107,5	26,7	57,7	69,5	38,8	48,2
	2010	53,2	117,3	28,4	60,8	74,9	42,3	48,9
	2011	54,6	114,6	19,9	64,9	77,8	44,7	49,1
	2012	55,2	114,3	20,8	63,9	78,1	45,3	47,2
Descontada	2007	34,3	82,5	4,0	40,4	45,7	27,0	37,7
	2008	37,6	91,4	5,0	42,7	48,4	33,3	41,0
	2009	36,0	85,6	4,1	41,7	49,0	33,2	36,9
	2010	37,4	90,0	3,7	41,8	50,1	30,3	35,0
	2011	37,3	86,6	4,1	42,7	50,7	31,8	34,0
	2012	37,4	86,6	5,1	41,4	49,6	32,4	33,3

Fonte: MTE. Rais. Elaboração: DIEESE

Obs.: A taxa de rotatividade descontada exclui os desligamentos por transferências, aposentadorias, falecimentos e a pedido do próprio trabalhador

Como será visto em cada capítulo, muitos estabelecimentos/empresas não praticam a rotatividade. Portanto, não se afirma que todos eles têm alta rotatividade, mas que uma pequena parcela é responsável por um volume de desligamentos que deve ser levado em conta no momento de discutir propostas de enfrentamento do problema. Apenas para adiantar o que ocorre, considerando os desligamentos descontados de 1% dos estabelecimentos/em-

presas que mais praticam a rotatividade nos setores, observa-se que nos Químicos representam 45,6% de todos os desligamentos descontados no setor; no Bancos, 41,8%; na Construção Civil, 39,2%; na Metalurgia, 34,7%; no Comércio, 22,8%; na Alimentação, 20,5%; e em Alojamento, 17,6%. Essa alta concentração de empresas/estabelecimentos, responsáveis por uma enorme parte dos desligamentos descontados, somam, nestes setores, 20.359 instituições - responsáveis por 2.572.722 desligamentos descontados (30,2% do total destes segmentos).

Essas propostas foram pensadas para auxiliar na preparação dos seminários de rotatividade do mercado de trabalho que o DIEESE tem organizado junto com o MTE, no sentido de reunir os trabalhadores, empregadores, representantes governamentais, acadêmicos, para que se possa ampliar o diálogo entre esses atores com o objetivo de produzir medidas que reduzam a rotatividade no país. O I Seminário foi realizado em março de 2014 e apontou para a setorialização dessas discussões, bem como para um conjunto de propostas com condições de viabilidade, para evitar que a sociedade em geral sofra os efeitos desse fenômeno.

A rotatividade tem diversos custos perversos. Para as empresas, representa uma despesa para selecionar e treinar outra pessoa naquele posto de trabalho. Geralmente esse custo não é absorvido pela empresa, mas é repassado ao preço final. O trabalhador não só está afeito ao desemprego como ainda passa a ter, como consumidor, produtos e serviços mais caros. Para o governo federal, os impactos sobre o Programa do Seguro Desemprego são também elevados. Portanto, a sociedade brasileira como um todo tem muito a perder com esse fenômeno estrutural no mercado laboral.

Os capítulos contemplam os anos entre 2007 e 2012, em função da revisão na Classificação Nacional por Atividade Econômica 2.0. Vale lembrar que, em alguns setores/segmentos, a crise internacional deflagrada em 2008 pode induzir a um comportamento atípico, que será devidamente apontado nos textos.

Capítulo 1

A rotatividade dos trabalhadores Metalúrgicos

Caracterização dos trabalhadores metalúrgicos

O setor Metalúrgico possui uma divisão muito heterogênea, a ponto de ser encontrado ao longo das diversas cadeias produtivas das demais atividades econômicas. Abarca desde a transformação dos minérios metálicos, como ferro, zinco, cobre etc., a fundição destes materiais até a construção de grandes plataformas petrolíferas; passa pela produção automobilística, de itens domésticos (como ferramentas, talheres) e de máquinas para uma infinidade de outros setores.

Para o levantamento de dados do setor Metalúrgico, delimitou-se o campo a partir da CNAE (Classificação Nacional de Atividades Econômicas), versão 2.0. A CNAE é uma classificação do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) composta por modelo hierárquico, organizado em divisões, classes e subclasses.

Os segmentos agregados para o setor Metalúrgico utilizados foram: *siderurgia e metalurgia básica, eletroeletrônico, aeroespacial, naval, máquinas e equipamentos, máquinas agrícolas e tratores, outros materiais de transporte, montadoras e autopeças*, estes dois últimos pertencentes ao segmento *automobilístico*.

Os diferentes segmentos que compõem o setor contavam com 2.394.806 trabalhadores em dezembro de 2012. Em relação ao contingente de trabalhadores existente no mesmo período de 2007, houve crescimento de 20,4%. Os segmentos com maior participação no efetivo total eram o de *siderurgia e metalurgia básica*, com mais de 757 mil trabalhadores; *máquinas e equipamentos*, com 554,4 mil; *eletroeletrônico*, com 429,9 mil; e, por fim, o segmento de *autopeças*, com 396,7 mil trabalhadores.

Os dados da Rais revelam a predominância de trabalhadores homens no setor Metalúrgico, mas eles têm perdido participação nos últimos anos. Em 2007, os trabalhadores do sexo masculino correspondiam a 84,5% do

total do setor, enquanto em 2012, eles eram 81,3%. As mulheres do setor Metalúrgico estão mais presentes nos segmentos de *eletroeletrônico* e *autopeças*: 35,3% e 21,1% do total, respectivamente. Os segmentos com menor participação feminina são o *naval* e o de *montadoras*, com 8,7% e 9,5%, respectivamente, do total de trabalhadores em 2012.

Com relação à faixa etária dos trabalhadores metalúrgicos, verifica-se que o maior percentual tem de 30 a 39 anos (31,4%) em todos os segmentos do setor, segundo dados de 2012. Nos segmentos de *aeroespacial* e *montadoras*, os trabalhadores nesta faixa etária correspondem a 39,5% e 38,2%, respectivamente. Em seguida, aparece a faixa de 20 a 29 anos (19,3%). Ainda no segmento de *montadoras*, o número de trabalhadores entre 40 e 49 anos é maior do que entre 20 e 29 anos, com uma participação de 22,9% para o primeiro grupo e de 18,3% para o segundo.

Ainda em relação aos atributos pessoais, os dados evidenciam que 72,9% dos metalúrgicos eram não negros (indígenas, brancos, amarelos e não identificados) em 2012. Entre 2007 e 2012, nota-se ligeira diminuição da parcela de não negros, saindo de 75,9% para 72,9%, respectivamente. Em alguns segmentos, há uma participação ainda maior de trabalhadores não negros, próximos a 50%. São eles: *outros materiais de transporte* (53,7%) e *naval* (49,0%).

Os metalúrgicos são uma categoria de elevada escolaridade. Em 2012, na média, considerando todos os segmentos que compõem o setor, 54% dos trabalhadores ativos tinham ensino médio completo e 11,2%, grau de instrução superior (superior incompleto, completo, mestrado e doutorado). Esse percentual tem crescido sistematicamente nos últimos anos. No segmento *aeroespacial*, 57,6% possuíam ensino médio completo e 30,9%, nível superior incompleto, completo ou pós-graduação. Já nas *montadoras*, os trabalhadores com ensino médio completo representavam 39,3% e aqueles que detinham algum grau de instrução superior correspondiam a 42%. Ainda assim, nesse grau de instrução (ensino médio completo), os empregados dos segmentos *naval* e *siderurgia e metalurgia básica*, com 48,1% e 51,6%, respectivamente, encontravam-se abaixo da média do setor. Contudo, quase 30% dos trabalhadores do setor como um todo têm até o ensino médio incompleto, uma participação considerável.

Quanto à jornada de trabalho contratual, predominam 41 a 44 horas semanais no setor Metalúrgico. Em 2012, quase 90% dos trabalhadores ativos eram contratados para esta jornada. Em seguida, estão os trabalhadores contratados na faixa de 31 a 40 horas semanais, que correspondiam a 8,7% dos trabalhadores. Apenas 1% dos trabalhadores tinha contratos de até 30 horas. Na maioria dos segmentos, mais de 90% dos contratos eram de jornadas entre 41 e 44 horas semanais. A exceção é o segmento de *montadoras*, onde apenas 32,3% dos contratos eram de jornada de 41 a 44 horas e 67,2%, de 31 a 40 horas.

TABELA 1
Contratos ativos no setor metalúrgico, por segmento
Brasil - 2007 a 2012

Segmentos	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Siderurgia e metalurgia básica	675.075	708.795	682.745	748.909	772.497	757.996
Eletroeletrônico	357.699	364.527	359.216	398.256	422.940	429.958
Aeroespacial	29.692	28.699	23.865	25.594	25.957	26.592
Naval	25.739	33.112	35.431	41.554	46.441	59.260
Outros materiais de transportes	33.497	36.431	38.346	41.010	40.341	36.874
Máquinas e equipamentos	370.638	396.923	380.783	430.501	463.320	480.082
Máquinas agrícolas e tratores	61.207	67.893	65.037	76.749	86.655	89.561
Montadoras	103.706	109.999	105.425	118.023	122.390	117.777
Autopeças	332.379	346.403	341.625	388.137	403.709	396.706
Total	1.989.632	2.092.782	2.032.473	2.268.733	2.384.250	2.394.806

Fonte: MTE. Rais
Elaboração: DIEESE

Os desligamentos no setor Metalúrgico ao longo de 2012 somaram 1,085 milhão, número 4,3% maior do que o observado em 2011 e 54,8% superior ao que foi verificado em 2007. Em 2012, o maior número de desligados foi verificado no segmento de *siderurgia e metalurgia básica*, 355,6 mil, seguido de *máquinas e equipamentos*, com 293,9 mil trabalhadores desligados e *eletroeletrônico*, onde foram registrados 196,1 mil desligamentos no ano (Tabela 2).

Apenas os segmentos de *siderurgia e metalurgia básica* e *aeroespacial* registraram um número menor de desligamentos em relação ao total de 2011. A redução foi 0,3% e 13,0%, respectivamente, no total de desligamentos entre 2011 e 2012.

Com relação aos atributos dos trabalhadores metalúrgicos, o perfil dos desligados segue basicamente o mesmo dos ativos. Os trabalhadores são, na maioria, do sexo masculino, mas com crescimento da participação feminina nos últimos anos. A proporção das mulheres entre os desligados é de 16,8%, quase 2,0% menor do que entre os ativos. A participação dos negros sobe 3,0%, mais concentrada no segmento *naval*, seguido por *outros materiais de transporte*. Nos desligamentos, quando vistos a partir do corte etário, nota-se predomínio de trabalhadores com idade entre 18 a 24 e 30 a 39 anos (28,4% e 28,5%, respectivamente). Já em relação ao grau de instrução, os trabalhadores desligados que têm até o ensino médio incompleto aumentam a participação em torno de 3,0% entre os desligados e os demais níveis de instrução se-

guem o mesmo recorte dos trabalhadores ativos. No tocante à jornada semanal contratual dos desligados, 93,6% eram de 41 e 44 horas. De maneira geral, esse perfil não mudou muito nos últimos anos.

TABELA 2
Contratos interrompidos no setor Metalúrgico, por segmento
Brasil - 2007 a 2012

Segmentos	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Siderurgia e metalurgia básica	250.995	319.379	306.017	323.259	356.792	355.655
Eletroeletrônico	139.875	160.840	149.448	160.306	188.588	196.170
Aeroespacial	4.318	6.000	8.080	4.669	4.718	4.103
Naval	12.856	14.425	15.452	17.850	24.654	27.371
Outros materiais de transportes	9.752	15.083	14.848	14.897	15.775	16.376
Máquinas e equipamentos	180.283	237.462	215.709	236.959	270.052	293.949
Máquinas agrícolas e tratores	14.919	23.410	22.273	23.119	28.232	32.681
Montadoras	9.567	11.856	15.541	8.609	13.596	14.888
Autopeças	78.344	128.548	109.794	119.359	137.495	143.854
Total	700.909	917.003	857.162	909.027	1.039.902	1.085.047

Fonte: MTE. Rais
Elaboração: DIEESE

Há grandes diferenças econômicas entre as regiões geográficas brasileiras. Refletindo a maior capacidade econômica da região, a maioria dos trabalhadores do setor Metalúrgico está nos estados do Sudeste (63,5%), onde também se concentra a parcela mais expressiva dos trabalhadores desligados em 2012 (57,4%). A região Sul absorve o segundo maior contingente de metalúrgicos, ou seja, 24,1% do total. O Nordeste, por sua vez, detém apenas 5,7% do total. No Norte (4,5%) e no Centro-Oeste, estão 4,5% e 2,2% dos trabalhadores do setor, respectivamente. Quando é analisada a distribuição dos desligados, o percentual do Sul aumenta em 3,6%, enquanto o do Sudeste cai 6,1%. Nas demais regiões também aumenta a participação dos desligados entre 0,7% a 1,4%.

Desligamentos no setor Metalúrgico segundo motivo

A demissão sem justa causa é o principal motivo de desligamento entre os trabalhadores metalúrgicos (Gráfico 1). No período recente, ocorreu ligeira diminuição deste tipo desligamento, que passou de 57,3%, em 2007, para 55,6%, em 2012. A trajetória de queda sofreu inflexão em 2009, ano de

forte impacto da crise econômica, quando essa modalidade de desligamento atingiu 66,4%. A predominância de trabalhadores desligados por esse motivo revela que demitir no Brasil não é uma prática que encontra grandes entraves. Nessa modalidade de desligamento, a decisão é exclusiva do empregador, que a utiliza com diversos objetivos, inclusive o de reduzir custo com pessoal, situando-o dentro da margem considerada benéfica para o negócio.

O segundo motivo é o desligamento a pedido do trabalhador. Nesta tipologia foram desligados 17,7% de trabalhadores, em 2007. Em 2012, observa-se crescimento de 21,9%. Esse tipo de desligamento é característico de mercado de trabalho aquecido, em que o trabalhador se sente mais seguro para pedir demissão porque há mais oportunidades de encontrar uma nova vaga de emprego em condições melhores. O crescimento dessa modalidade de desligamento entre os metalúrgicos não foi linear no período entre 2007 e 2012, uma vez que, em 2009, apenas 12,8% dos trabalhadores metalúrgicos pediram demissão. Muito provavelmente, esse percentual menor se deve à crise econômica, que teve ápice em 2009. A diminuição dos desligamentos a pedido nesse ano deu lugar ao aumento da demissão sem justa causa, conforme mencionado anteriormente.

O término de contrato¹ manteve-se como o terceiro motivo de desligamento no período, tendo demonstrado estabilidade, com percentuais de 14,1% e 14,8%, respectivamente, em 2007 e 2012 (Gráfico 1).

Desligamentos no setor Metalúrgico segundo sexo

A distribuição dos desligados metalúrgicos por sexo revela ligeiro aumento da participação das mulheres. Em 2007, elas respondiam por 14,4% do total dos desligamentos e, em 2012, por 16,8% (Tabela 3).

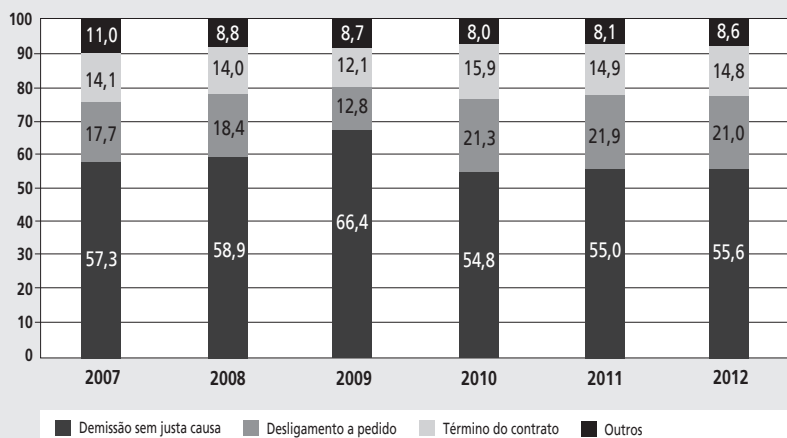
O crescimento da participação das mulheres entre os desligados reflete o aumento da participação feminina entre o total de metalúrgicos ativos. Entre 2007 e 2012, o percentual de mulheres no setor Metalúrgico passou de 15,8% para 18,7%, equivalente ao crescimento de 2,8 pontos percentuais (p.p). No mesmo período, o incremento da participação feminina entre os desligamentos foi de 2,4 p.p.

O segmento *eletroeletrônico* tem a maior presença de mulheres entre os trabalhadores metalúrgicos (35,3%, em 2012). Nele, a proporção de mulheres nos desligamentos passou de 30,3%, em 2007, para 33,1%, em 2012. O segmento com menor participação da mão de obra feminina é o *naval*, onde também foi observado crescimento dos desligamentos das mulheres, de 4,5% para 7,5%.

1. Em termos de contrato predominam os contratos com menos de três meses de experiência, além de contratos por prazo determinado e indeterminado.

GRÁFICO 1

Distribuição dos metalúrgicos desligados segundo motivo de desligamento Brasil - 2007 a 2012 (em %)



Fonte: MTE. Rais
Elaboração: DIEESE

TABELA 3
Distribuição dos desligados por sexo segundo segmento do setor Metalúrgico Brasil - 2007, 2009 e 2012 (em %)

Segmentos	2007		2009		2012	
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
Siderurgia e metalurgia básica	89,6	10,4	89,0	11,0	87,1	12,9
Eletroeletrônico	69,7	30,3	67,4	32,6	66,9	33,1
Aeroespacial	86,0	14,0	85,6	14,4	82,2	17,8
Naval	95,5	4,5	95,6	4,4	92,5	7,5
Outros materiais de transportes	85,6	14,4	84,1	15,9	83,9	16,1
Máquinas e equipamentos	91,6	8,4	90,7	9,3	89,7	10,3
Máquinas agrícolas e tratores	91,7	8,3	91,0	9,0	89,5	10,5
Montadoras	90,3	9,7	92,5	7,5	89,5	10,5
Autopeças	83,3	16,7	81,2	18,8	78,7	21,3
Total	85,6	14,4	84,8	15,2	83,2	16,8

Fonte: MTE. Rais
Elaboração: DIEESE

Desligamentos no setor Metalúrgico segundo faixa etária

A maior proporção dos desligamentos dos metalúrgicos por idade situa-se nas faixas entre 18 a 39 anos. Em 2007, somavam 78,1%, em 2009 eram 76,4% e chegaram a 79,2%, em 2012 (Tabela 4). Uma desagregação maior desse grupo etário em três faixas, 18 a 24 anos, 25 a 29 anos e 30 a 39 anos, demonstra que não há predominância de nenhuma delas.

Entre os trabalhadores ativos, há predomínio daqueles com 30 a 39 anos de idade, cuja participação é de 31,4% (2012). Entre os desligados, 28,5% estavam nesta faixa.

Com a diferença nos percentuais, é possível notar que trabalhadores nas faixas mais jovens são os mais atingidos pelo desligamento (Tabela 4).

Desligamentos no setor Metalúrgico segundo cor

A análise dos trabalhadores metalúrgicos desligados também foi realizada segundo critério de cor, abrangendo dois grandes grupos: negros (negros e pardos) e não negros (brancos, amarelos e indígenas).

No período analisado, a participação total de negros entre os desligados passou de 28,9%, em 2007, para 30,3%, em 2012, crescimento de 1,4 p.p.. (Tabela 5) Esta alta está associada ao incremento da participação desse grupo entre os vínculos ativos que, nesse mesmo período, aumentou de 24,6% para 26,2%. Verifica-se, portanto, que o aumento da proporção entre os ativos em 2,1 p.p. superou a participação entre os desligamentos de 1,4 p.p..

Entre os segmentos metalúrgicos, o maior peso dos negros entre os desligados ocorre no segmento *naval* e o menor, no *aeroespacial*. No caso do *naval*, a participação era próxima à metade, com 49,5% dos desligados, em 2007, e 48%, em 2012. Já no *aeroespacial* era de 14,6%, em 2007, e de 12,0%, em 2012 (Tabela 5).

Desligamentos no setor Metalúrgico segundo tempo de permanência

O tempo de permanência no emprego é um dos elementos mais sensíveis na análise da rotatividade. A partir de diversas faixas de tempo definidas pela Relação Anual de Informações Sociais (Rais), esse critério revela qual é o período em que o trabalhador permaneceu no vínculo desfeito.

Entre os trabalhadores metalúrgicos desligados, mais da metade manteve-se no emprego por menos de um ano, exceto em 2009. Em 2007,

TABELA 4
Distribuição dos desligados por segmento do setor Metalúrgico segundo faixa etária
Brasil - 2007, 2009 e 2012 (em %)

Faixa etária (anos)	2007									
	Siderurgia e metalurgia básica	Eletroeletrônico	Aeroespacial	Naval	Outros materiais de transportes	Máquinas e equipamentos	Máquinas agrícolas e tratores	Montadoras	Autopeças	Total
Até 17	1,0	1,0	0,7	0,4	1,3	0,7	1,3	1,6	1,3	1,0
De 18 a 24	28,7	30,7	18,9	17,1	31,4	24,8	30,0	18,4	31,4	28,1
De 25 a 29	23,0	25,8	22,7	21,2	24,1	21,6	23,9	20,2	25,5	23,4
De 30 a 39	26,4	26,8	28,6	27,9	25,9	26,8	26,2	29,7	25,9	26,6
De 40 a 49	13,9	11,5	18,6	19,5	11,6	15,7	12,6	15,5	11,1	13,7
De 50 a 64	6,7	4,2	10,2	13,3	5,4	9,8	5,7	14,4	4,5	7,0
65 ou mais	0,3	0,2	0,4	0,5	0,2	0,5	0,4	0,3	0,2	0,3
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Faixa etária (anos)	2009									
	Siderurgia e metalurgia básica	Eletroeletrônico	Aeroespacial	Naval	Outros materiais de transportes	Máquinas e equipamentos	Máquinas agrícolas e tratores	Montadoras	Autopeças	Total
Até 17	1,0	0,9	0,8	0,2	0,9	0,7	1,1	0,7	1,2	0,9
De 18 a 24	26,6	30,4	17,8	19,5	29,1	24,0	29,5	18,2	28,5	26,6
De 25 a 29	21,7	25,3	25,2	21,6	24,0	21,5	24,0	21,7	24,3	22,7
De 30 a 39	27,1	26,8	31,2	28,1	27,3	27,1	25,9	26,5	26,9	27,0
De 40 a 49	14,9	11,2	13,7	16,4	12,1	15,7	12,1	12,0	12,5	14,0
De 50 a 64	8,4	5,1	11,1	13,5	6,2	10,5	7,0	20,5	6,4	8,3
65 ou mais	0,4	0,2	0,2	0,5	0,3	0,5	0,4	0,4	0,3	0,4
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Faixa etária (anos)	2012									
	Siderurgia e metalurgia básica	Eletroeletrônico	Aeroespacial	Naval	Outros materiais de transportes	Máquinas e equipamentos	Máquinas agrícolas e tratores	Montadoras	Autopeças	Total
Até 17	1,2	1,3	1,0	0,5	1,1	0,8	1,6	0,5	1,7	1,2
De 18 a 24	29,6	30,4	17,1	22,4	28,8	25,7	33,4	19,2	29,3	28,4
De 25 a 29	21,6	24,3	19,7	22,0	22,4	21,5	22,9	21,3	23,3	22,3
De 30 a 39	27,8	28,8	34,8	31,6	29,8	28,7	26,7	31,5	28,9	28,5
De 40 a 49	12,7	10,7	14,0	13,6	11,5	13,9	10,2	12,7	11,7	12,5
De 50 a 64	6,7	4,4	12,6	9,4	6,1	8,8	4,9	14,6	5,0	6,8
65 ou mais	0,4	0,2	0,9	0,6	0,4	0,6	0,3	0,3	0,2	0,4
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: MTE. Rais
 Elaboração: DIEESE

TABELA 5
Distribuição dos desligados por segmento do setor Metalúrgico segundo cor
Brasil - 2007, 2009 e 2012 (em %)

Cor/raça	2007									Total
	Siderurgia e metalurgia básica	Eletro-eletrônico	Aero-espacial	Naval	Outros materiais de transportes	Máquinas e equipamentos	Máquinas agrícolas e tratores	Montadoras	Auto-peças	
Negros	29,1	31,1	14,6	49,5	38,8	29,9	14,7	19,7	22,2	28,9
Não Negros	70,9	68,9	85,4	50,5	61,2	70,1	85,3	80,3	77,8	71,1
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Cor/raça	2009									Total
	Siderurgia e metalurgia básica	Eletro-eletrônico	Aero-espacial	Naval	Outros materiais de transportes	Máquinas e equipamentos	Máquinas agrícolas e tratores	Montadoras	Auto-peças	
Negros	30,0	29,7	9,3	44,4	42,7	28,2	14,4	19,9	22,6	28,2
Não Negros	70,0	70,3	90,7	55,9	57,3	71,8	85,6	80,1	77,4	71,8
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Cor/raça	2012									Total
	Siderurgia e metalurgia básica	Eletro-eletrônico	Aero-espacial	Naval	Outros materiais de transportes	Máquinas e equipamentos	Máquinas agrícolas e tratores	Montadoras	Auto-peças	
Negros	31,0	32,4	12,0	48,0	46,1	30,4	15,8	23,3	25,1	30,3
Não Negros	69,0	67,6	88,0	52,0	53,9	69,6	84,2	76,7	74,9	69,7
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: MTE. Rais
 Elaboração: DIEESE

54% foram desligados antes de completar um ano; em 2009, foram 49,1%; e, em 2012, o percentual foi superior, correspondendo a 56,6% (Tabela 6).

Entre os segmentos metalúrgicos, existe grande disparidade em relação ao tempo de duração do vínculo de trabalho. Em geral, os setores que desligam trabalhadores com pouco tempo de permanência estão entre aqueles cuja taxa de rotatividade apresenta-se mais elevada, como se verá adiante.

Em 2012, quando a média geral entre os que permaneceram até um ano foi de 56,6%, os segmentos *montadora* (24,4%) e *aeroespacial* (30,5%) apresentaram-se abaixo da média e os segmentos *naval* (64,2%) e *máquinas e equipamentos* (64,5%) destacaram-se como aqueles que mais desligaram trabalhadores nessa faixa de tempo de permanência.

TABELA 6
Distribuição dos desligados por segmento do setor Metalúrgico segundo tempo de permanência no emprego - Brasil - 2007, 2009 e 2012 (em %)

Tempo de serviço (em meses)	2007									
	Siderurgia e metalurgia básica	Eletroeletrônico	Aeroespacial	Naval	Outros materiais de transportes	Máquinas e equipamentos	Máquinas agrícolas e tratores	Montadoras	Autopeças	Total
Até 2,9	24,2	20,4	11,6	26,2	21,8	34,9	24,2	12,5	18,1	25,3
3,0 a 5,9	12,4	11,9	7,5	12,4	11,6	13,4	11,9	5,5	10,1	12,2
6,0 a 11,9	17,3	17,5	22,3	20,4	18,3	15,0	15,5	7,5	14,9	16,4
12,0 a 23,9	16,5	19,0	25,5	17,3	19,0	13,1	14,0	16,1	17,2	16,2
24,0 a 35,9	9,4	9,9	7,0	8,7	9,5	7,4	8,9	9,8	13,0	9,4
36,0 a 59,9	8,7	9,4	9,3	9,0	8,8	6,3	12,0	7,1	12,6	8,7
60,0 a 119,9	6,8	7,1	13,4	5,2	7,4	4,7	8,0	14,8	9,4	6,8
120,0 ou mais	4,2	4,5	3,3	0,5	3,3	2,2	4,9	26,6	4,5	4,0
{n class}	0,4	0,2	0,0	0,2	0,3	2,9	0,4	0,1	0,3	1,0
Tempo de serviço (em meses)	2009									
	Siderurgia e metalurgia básica	Eletroeletrônico	Aeroespacial	Naval	Outros materiais de transportes	Máquinas e equipamentos	Máquinas agrícolas e tratores	Montadoras	Autopeças	Total
Até 2,9	20,0	18,4	4,5	23,9	17,8	28,2	14,1	3,6	11,7	20,2
3,0 a 5,9	11,3	10,5	3,0	11,3	8,5	11,8	9,4	5,2	9,2	10,7
6,0 a 11,9	19,4	17,9	6,9	20,8	17,4	18,0	18,8	9,8	17,3	18,2
12,0 a 23,9	19,8	22,0	24,0	20,9	23,9	17,4	26,5	24,9	22,8	20,3
24,0 a 35,9	8,9	10,5	43,2	7,4	12,4	7,5	9,7	7,4	10,4	9,4
36,0 a 59,9	9,2	9,9	13,5	7,5	9,7	6,6	7,0	9,4	11,4	8,9
60,0 a 119,9	6,6	6,8	3,7	7,2	7,0	5,2	8,6	9,7	10,9	6,9
120,0 ou mais	4,4	3,7	1,2	0,7	3,0	3,2	5,6	29,8	6,1	4,6
{n class}	0,4	0,3	0,0	0,2	0,2	2,1	0,2	0,1	0,2	0,8
Tempo de serviço (em meses)	2012									
	Siderurgia e metalurgia básica	Eletroeletrônico	Aeroespacial	Naval	Outros materiais de transportes	Máquinas e equipamentos	Máquinas agrícolas e tratores	Montadoras	Autopeças	Total
Até 2,9	26,8	22,9	9,9	27,9	20,4	34,5	23,9	9,4	19,5	26,8
3,0 a 5,9	12,6	12,6	6,6	15,3	9,9	13,3	12,4	4,7	9,5	12,3
6,0 a 11,9	18,3	18,5	14,0	21,0	17,4	16,7	17,7	10,3	16,3	17,5
12,0 a 23,9	17,7	19,6	19,8	16,7	21,0	15,2	19,0	17,8	20,3	17,8
24,0 a 35,9	8,9	9,4	8,3	8,4	9,9	6,5	8,9	9,6	10,9	8,6
36,0 a 59,9	7,1	8,0	10,4	5,6	9,6	5,7	7,4	10,0	9,2	7,2
60,0 a 119,9	5,2	6,2	27,6	3,2	8,7	4,2	6,6	13,7	8,5	5,8
120,0 ou mais	3,1	2,5	3,4	0,8	3,1	1,7	3,6	24,5	5,5	3,2
{n class}	0,4	0,4	0,1	1,1	0,2	2,3	0,4	0,1	0,3	0,9

Fonte: MTE. Rais. Elaboração: DIEESE. Obs.: Total = 100,0%

Os trabalhadores desligados em 2012, que permaneceram mais de 5 anos no mesmo emprego, representaram 9% em todo o setor. Por segmento, destacam-se *montadoras* (38,17%) e *aeroespacial* (30,95%), com patamares bem acima da média. Com o menor percentual, aparece o *naval* (4,1%).

Desligamentos no setor Metalúrgico segundo escolaridade

O perfil dos metalúrgicos desligados, no quesito escolaridade, demonstra aumento da participação dos trabalhadores mais instruídos ao longo do período. Em 2007, 35% tinham até o ensino fundamental completo e, em 2012, esse percentual diminuiu para 24,5%. Uma queda considerável que ocorreu concomitantemente ao aumento do nível médio (incompleto e completo) de 55,3% para 65,8%. Os trabalhadores com nível superior (incompleto e completo) mantiveram-se estáveis em 9,7%, do início ao final do período observado. Essa mesma dinâmica observa-se em todos os segmentos metalúrgicos analisados (Tabela 7).

Essa evolução é condizente com o aumento geral do nível de escolaridade no período recente, portanto, não se pode concluir que os trabalhadores com ensino médio tenham sido mais desfavorecidos ao longo do período e sim que houve ampliação dos anos de estudo, diminuindo a quantidade de pessoal menos escolarizado também entre os desligados.

Ainda no que diz respeito à escolaridade dos trabalhadores dos diversos segmentos metalúrgicos, há diferenças. A presença de trabalhadores desligados com menos escolaridade é maior no setor *naval*, seguido de *siderurgia* (53,4%) e *metalurgia básica* (42,9%), em 2012. De outro lado, a presença do ensino superior é maior entre *montadoras* (36,6%) e *aeroespacial* (32,7%) - Tabela 7.

Remuneração

A remuneração média dos trabalhadores ativos no mercado de trabalho formal brasileiro apresentou trajetória ascendente no período, com acréscimo total de 15,4%, entre 2007 e 2012 (Gráfico 2). Entre o total de trabalhadores desligados também se observou aumento da remuneração média, porém em menor proporção (8,6%).

À primeira vista, essa informação pode ter sentido contrário à constatação divulgada pelo movimento sindical de que a rotatividade é um mecanismo que substitui trabalhadores de maiores salários por aqueles de menores salários (recém-contratados). É preciso ter cautela e observar detalhadamente quem são os trabalhadores desligados. O perfil desses trabalhadores revela itens

TABELA 7
Distribuição dos desligados por segmento do setor Metalúrgico
segundo grau de escolaridade - Brasil - 2007, 2009 e 2012 (em %)

Escolaridade	2007									Total
	Siderurgia e metalurgia básica	Eletroeletrônico	Aeroespacial	Naval	Outros materiais de transportes	Máquinas e equipamentos	Máquinas agrícolas e tratores	Montadoras	Autopeças	
Até fundamental completo	42,9	19,6	9,0	53,4	34,1	39,5	35,2	19,8	27,2	35,0
Médio inc. ⁽¹⁾	12,6	9,7	4,3	9,4	14,6	10,8	13,9	10,5	12,7	11,5
Médio comp. ⁽²⁾	38,0	55,7	60,5	31,7	43,4	41,8	38,4	32,0	49,6	43,8
Superior inc. ⁽¹⁾	2,8	5,2	4,7	1,9	3,4	3,3	5,1	6,5	4,2	3,7
Superior comp. ⁽²⁾	3,7	9,7	21,6	3,7	4,5	4,6	7,4	31,2	6,3	6,0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Escolaridade	2009									Total
	Siderurgia e metalurgia básica	Eletroeletrônico	Aeroespacial	Naval	Outros materiais de transportes	Máquinas e equipamentos	Máquinas agrícolas e tratores	Montadoras	Autopeças	
Até fundamental completo	36,9	16,2	3,9	44,0	27,4	34,7	29,0	19,2	24,0	30,2
Médio inc. ⁽¹⁾	12,4	9,7	4,0	10,3	12,3	10,5	13,8	9,1	11,4	11,2
Médio comp. ⁽²⁾	43,7	61,3	69,4	40,2	51,5	46,4	46,4	36,0	55,4	49,2
Superior inc. ⁽¹⁾	2,8	4,9	2,9	2,1	3,5	3,4	5,2	4,6	3,7	3,5
Superior comp. ⁽²⁾	4,2	7,8	19,8	3,4	5,3	5,0	5,7	31,0	5,5	5,9
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Escolaridade	2012									Total
	Siderurgia e metalurgia básica	Eletroeletrônico	Aeroespacial	Naval	Outros materiais de transportes	Máquinas e equipamentos	Máquinas agrícolas e tratores	Montadoras	Autopeças	
Até fundamental completo	30,5	15,5	5,0	30,9	22,4	25,1	24,8	15,6	21,1	24,5
Médio inc. ⁽¹⁾	12,4	9,6	5,3	10,7	10,3	10,3	15,1	9,3	11,3	11,1
Médio comp. ⁽²⁾	50,4	61,0	57,0	50,2	58,5	56,1	48,1	38,5	57,6	54,7
Superior inc. ⁽¹⁾	2,6	5,0	6,4	2,6	3,2	3,3	4,8	5,2	3,6	3,5
Superior comp. ⁽²⁾	4,1	8,9	26,3	5,5	5,6	5,3	7,2	31,4	6,4	6,2
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: MTE, Rais
 Elaboração: DIEESE

Nota: 1) inc. = incompleto; 2) comp. = completo

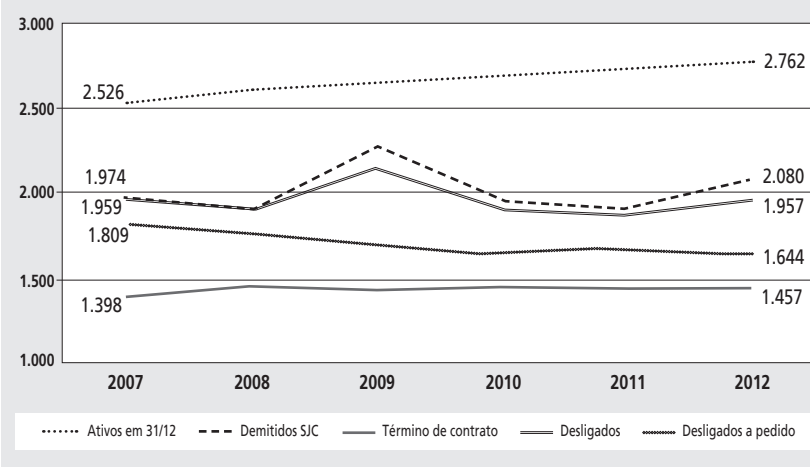
Obs.: Os níveis de ensino superior e médio envolvem os trabalhadores na situação em que completaram e que não completaram a escolaridade descrita

como grau de escolaridade e remuneração menores que os trabalhadores ativos², demonstrando que a situação deles é mais frágil no que se refere à manutenção do emprego.

A rotatividade, nesse aspecto, incide com mais intensidade sobre os trabalhadores cujas características e, conseqüentemente, cujos postos de trabalho são instáveis. Por isso, a comparação com o conjunto do mercado de trabalho formal pode revelar uma aparente contradição, mas, de fato, o que mostra é o reforço da tese de que os mais frágeis estão mais sujeitos ao desligamento e respondem pela maior parte da rotatividade no Brasil.

GRÁFICO 2

Remuneração média do mercado de trabalho formal de vínculos ativos e desligados segundo motivação - Brasil - 2007 a 2012



Fonte: MTE. Rais

Elaboração: DIEESE

Obs.: Valores deflacionados pelo INPC a preços de 2012

Na comparação entre a remuneração média dos trabalhadores desligados no Brasil e os trabalhadores metalúrgicos desligados, verifica-se que, em 2012, a média de rendimento dos metalúrgicos era 43,7% superior à observada para o conjunto dos desligados do país. Essa remuneração manteve-se estável, considerando o valor de R\$ 1.959,02, em 2007, e o valor final de R\$ 1.956,74, em 2012 (Tabela 9).

Ao longo desses seis anos, apenas em 2009 houve modificação, com considerável elevação (9,8%) da remuneração média dos desligados, na

2. DIEESE, 2011.

comparação com o início da série. Esse ano registrou crescimento da proporção de trabalhadores metalúrgicos desligados segundo motivo de demissão sem justa causa.

A demissão sem justa causa, principal motivo de desligamento entre metalúrgicos, teve elevação real de 5,4% no período. Entre os trabalhadores que encerraram o contrato de trabalho, a maior remuneração ocorre em *outros*, sobretudo devido aos que são desligados mediante aposentadoria.

TABELA 8
Remuneração média dos desligados metalúrgicos, segundo motivo de desligamento
Brasil - 2007 a 2012 (em reais)

Motivo de desligamento	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Demissão sem justa causa	1.974	1.908	2.271	1.957	1.917	2.080
Término de Contrato	1.397	1.449	1.431	1.451	1.436	1.457
Desligamento da pedido	1.797	1.737	1.668	1.651	1.672	1.634
Demissão com justa causa	1.466	1.432	1.350	1.367	1.353	1.333
Transferências	3.034	3.316	3.173	3.180	3.206	3.076
Outros	3.471	4.120	3.469	4.052	3.129	3.266
Total	1.959	1.909	2.149	1.892	1.873	1.956

Fonte: MTE. Rais
Elaboração: DIEESE

A remuneração média dos trabalhadores desligados, na comparação com os ativos em 31/12, demonstrou queda para o período em análise (Tabela 10). Como pode ser observado na Tabela 9, a remuneração média dos desligados manteve-se estável, portanto, a queda é explicada pelo aumento da remuneração média dos metalúrgicos ativos.

A série parte do ano de 2007 quando, excepcionalmente, a remuneração dos desligados superou a dos ativos em 112,13%. Os anos que se seguiram revelaram queda da remuneração média dos desligados em relação à dos ativos até o patamar de 70,85%, em 2012.

Os motivos de desligamento em que a remuneração média supera a recebida pelos ativos são transferência e outros (aposentadoria, falecimento etc.). Para todos os demais motivos, a renda média dos desligados é menor que os ativos, com destaque para término de contrato, com 52,75%, e desligamento com justa causa, com 48,29%, em 2012. Para o motivo de desligamento mais frequente, demissão sem justa causa, a remuneração de desligamento ficou mais próxima dos ativos, com 85,97%, em 2009, e mais distante com o percentual de 70,64%, em 2011 (Tabela 9).

TABELA 9
Relação entre a remuneração média (em %) dos desligados e dos ativos em 31/12,
segundo motivo de desligamento - Brasil - 2007 a 2012 (em %)

Motivo de desligamento	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Demissão sem justa causa	78,2	73,2	86,0	73,6	70,6	75,3
Término de Contrato	55,3	55,6	54,2	54,6	52,9	52,7
Desligamento da pedido	71,1	66,6	63,2	62,1	61,6	59,2
Demissão com justa causa	58,1	54,9	51,1	51,4	49,9	48,3
Transferências	120,1	127,1	120,1	119,6	118,1	111,4
Outros	137,5	158,0	131,3	152,4	115,7	118,3
Total	112,1	73,2	81,4	71,2	69,0	70,8

Fonte: MTE. Rais
 Elaboração: DIEESE

Desligamentos no setor Metalúrgico segundo porte de estabelecimento

A definição de estabelecimento na Rais considera as unidades de cada empresa separadas espacialmente, ou seja, com endereços distintos. Dessa forma, é diferente da ideia de empresa, pois uma empresa pode ter vários estabelecimentos.

Os maiores estabelecimentos - aqueles com mais de 500 vínculos - foram responsáveis por 19,6% dos desligamentos em 2007, 22,4%, em 2009 e 23,1% do total de trabalhadores metalúrgicos em 2012 (Tabela 10).

Já os estabelecimentos de micro e pequeno porte, por sua vez, detêm a maior parte dos desligamentos. Em 2007, 50,2% dos trabalhadores foram desligados por estabelecimentos que possuíam entre 1 a 99 empregados. Em 2009 e 2012, esse percentual foi idêntico: 47,9%.

Entre os segmentos metalúrgicos, observam-se diferenças de desligamento por porte de estabelecimento. Em 2012, aproximadamente 80% dos desligamentos estão concentrados nos estabelecimentos com mais de 1.000 trabalhadores, ou seja, entre as *montadoras*, que, devido às características operacionais, concentram trabalhadores em maiores unidades. O segmento *naval* foi responsável por 39,6% dos desligamentos e o *aeroespacial*, por 41% (Tabela 10).

Desligamentos no setor Metalúrgico segundo principais ocupações

Em 2012, 20 ocupações do setor Metalúrgico responderam por 63,6% do total dos desligados (Tabela 11, p. 34). Como característica comum,

TABELA 10
Distribuição dos desligados por segmento do setor Metalúrgico segundo tamanho de estabelecimento - Brasil - 2007, 2009 e 2012 (em %)

Empregados	2007									Total
	Side-rurgia e metalurgia básica	Eleto-eletrônico	Aero-especial	Naval	Outros materiais de transportes	Máqui-nas e equipa-mentos	Máqui-nas agrí-colas e tratores	Monta-doras	Auto-peças	
Zero	7,9	5,6	9,8	1,5	6,0	4,4	3,9	17,5	3,1	5,9
De 1 a 4	9,0	6,7	1,5	4,8	4,9	7,8	4,3	0,3	3,7	7,2
De 5 a 9	7,7	5,2	4,1	2,8	4,6	6,7	5,9	0,2	2,8	6,1
De 10 a 19	12,1	6,1	2,2	8,4	5,7	10,0	10,3	0,4	5,8	9,2
De 20 a 49	17,7	9,5	9,3	7,4	16,3	18,2	12,7	2,4	9,8	14,7
De 50 a 99	13,9	11,5	4,5	12,1	15,4	14,1	17,5	1,6	9,9	12,9
De 100 a 249	13,1	13,8	9,5	21,9	17,1	16,3	17,4	4,1	15,1	14,5
De 250 a 499	8,2	11,1	5,1	4,9	11,0	9,5	9,1	3,2	15,5	9,8
De 500 a 999	4,2	13,3	2,3	3,7	4,7	7,1	9,5	3,6	12,4	7,8
1000 ou mais	6,1	17,4	51,7	32,5	14,3	5,8	9,5	66,5	21,8	11,8
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Empregados	2009									Total
	Side-rurgia e metalurgia básica	Eleto-eletrônico	Aero-especial	Naval	Outros materiais de transportes	Máqui-nas e equipa-mentos	Máqui-nas agrí-colas e tratores	Monta-doras	Auto-peças	
Zero	6,5	5,9	1,1	2,8	2,5	7,2	1,9	4,3	5,4	6,1
De 1 a 4	8,4	3,8	1,0	3,8	2,9	7,7	3,0	0,0	2,4	6,1
De 5 a 9	7,9	3,5	1,1	3,5	4,8	7,4	4,9	0,3	2,3	5,9
De 10 a 19	11,5	6,8	2,0	6,0	6,8	12,5	7,8	0,7	4,6	9,5
De 20 a 49	18,1	12,6	3,7	6,5	10,2	16,9	13,1	0,4	7,9	14,6
De 50 a 99	13,1	11,3	5,3	5,2	10,7	13,9	12,2	1,6	8,0	11,8
De 100 a 249	13,3	14,9	7,9	13,3	26,0	14,3	17,0	1,6	13,5	13,9
De 250 a 499	7,1	13,4	2,1	9,1	11,1	9,2	8,7	0,9	15,0	9,7
De 500 a 999	5,2	8,8	0,0	17,4	9,1	5,0	13,5	4,6	16,7	7,7
1000 ou mais	9,0	19,1	75,8	32,4	16,0	5,8	17,9	85,6	24,4	14,7
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Empregados	2012									Total
	Side-rurgia e metalurgia básica	Eleto-eletrônico	Aero-especial	Naval	Outros materiais de transportes	Máqui-nas e equipa-mentos	Máqui-nas agrí-colas e tratores	Monta-doras	Auto-peças	
Zero	4,8	4,9	2,0	2,8	3,7	5,1	4,4	0,6	4,8	4,7
De 1 a 4	7,6	4,0	3,1	4,9	1,9	8,0	2,7	0,1	2,7	6,0
De 5 a 9	8,1	3,9	4,6	2,4	3,9	8,2	4,1	0,1	2,7	6,2
De 10 a 19	12,6	5,6	4,5	3,6	5,2	11,7	6,8	0,4	5,1	9,4
De 20 a 49	17,7	11,3	11,1	7,8	13,7	17,1	10,7	1,4	8,1	14,3
De 50 a 99	14,1	10,4	13,2	8,8	13,5	13,4	12,3	2,6	6,6	11,9
De 100 a 249	13,9	13,9	10,5	10,5	18,1	15,7	17,0	4,8	14,0	14,3
De 250 a 499	9,0	12,1	5,1	11,7	14,5	7,0	13,7	3,9	14,0	9,9
De 500 a 999	4,3	10,9	4,8	7,9	5,4	7,4	9,3	7,0	16,1	8,2
1000 ou mais	7,8	22,9	41,0	39,6	20,1	6,4	19,2	79,4	25,9	15,0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,2	100,0	100,0

Fonte: MTE. Rais. Elaboração: DIEESE. Obs.: Os estabelecimentos com 0 (zero) são os que demonstraram alguma movimentação ao longo do ano, mas encerram o período sem nenhum trabalhador

essas ocupações têm a transversalidade, ou seja, estão presentes em diversos segmentos do setor. Outro elemento comum é o nível médio de ensino como exigência máxima para exercê-las. Portanto, não há ocupações com maior exigência de escolaridade entre as que mais desligam trabalhadores. Entre os desligados, o nível fundamental e o médio representam a escolaridade de 90,3% dos trabalhadores em 2012 (Tabela 7, p. 28).

Ao comparar as 20 ocupações que mais desligaram, em 2012, com o início do período em análise, verifica-se certa estabilidade. Em 2007 e 2009, essas mesmas ocupações foram responsáveis por 60,1% e 61,5% dos desligamentos, respectivamente (Tabela 11).

Taxas de rotatividade

Diversas são as formas de medir a rotatividade. A metodologia adotada neste trabalho para cálculo das taxas de rotatividade é definida pelo método dos mínimos, que consiste em identificar o valor mínimo entre o total de admissões e de desligamentos no ano e comparar com o estoque médio de trabalhadores no mesmo período. As taxas são calculadas para cada ano a partir de dados da Rais, do MTE.

Além disso, são adotadas duas variações para a taxa de rotatividade: pode ser medida de forma global ou descontada. Para a taxa de rotatividade global são consideradas todas as demissões ocorridas, independentemente do motivo. Inclui: aposentadoria, falecimento, desligamento a pedido etc. Já a taxa de rotatividade descontada exclui do cômputo as demissões cujos motivos são: transferência, aposentadoria, falecimento e demissão a pedido (voluntária), ou seja, este recorte possibilita identificar e caracterizar a participação da demissão imotivada de trabalhadores.

A comparação entre a taxa de rotatividade global do Brasil, considerando todo o mercado de trabalho formal, e o setor Metalúrgico, revela que o setor apresenta taxas inferiores em qualquer um dos seis anos analisados (Gráfico 3). De 2010 em diante, a taxa do país superou 50%, enquanto no setor, variou entre 42,3% (em 2010) e 45,3% (em 2012) - Gráfico 3.

No período analisado, a taxa de rotatividade global mais elevada para o setor Metalúrgico foi verificada em 2012 (45,3%) - exatamente o último ano da série. A taxa indica que, a cada 100 metalúrgicos contratados em 2012, mais de 45 substituíram outros trabalhadores. Já em 2007, ponto de partida da série histórica, a taxa verificada era de 37,2% (Tabela 12).

O comportamento da taxa global para os segmentos do setor Metalúrgico mostra diferenças significativas conforme a atividade a que o trabalhador está ligado. O segmento com a taxa mais elevada é o de *máquinas e equipamentos*, sempre com percentuais superiores a 51%, atingindo o maior pata-

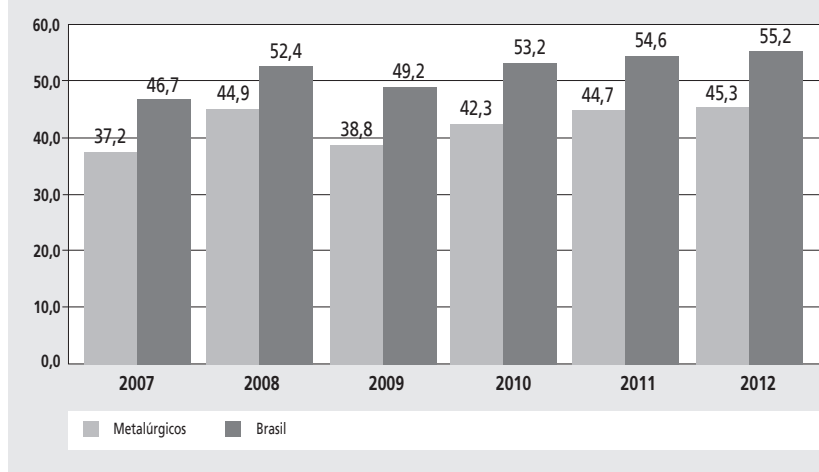
TABELA 11
Ranking das 20 principais ocupações entre os trabalhadores metalúrgicos desligados - Brasil - 2007, 2009 e 2012

Familia ocupacional	2007		2009		2012	
	Desligados	Em %	Desligados	Em %	Desligados	Em %
Alimentadores de linhas de produção	68.287	9,7	90.551	10,5	136.898	12,6
Trabalhadores de soldagem e corte de metais e de compósitos	41.970	6,0	54.142	6,3	71.645	6,6
Montadores de equipamentos eletroeletrônicos	42.057	6,0	42.691	4,9	58.788	5,4
Escriturários em geral, agentes, assistentes e auxiliares administrativos	32.328	4,6	39.430	4,6	51.044	4,7
Preparadores e operadores de máquinas-ferramenta convencionais	39.689	5,6	50.418	5,8	49.835	4,6
Trabalhadores de caldearia e serralaria	31.163	4,4	37.719	4,4	46.557	4,3
Mecânicos de manutenção de máquinas industriais	29.905	4,2	34.689	4,0	43.935	4,0
Trabalhadores de traçagem e montagem de estruturas metálicas e de compostos	22.465	3,2	26.114	3,0	38.348	3,5
Almoxarifes e armazenistas	12.805	1,8	17.864	2,1	25.551	2,4
Ajudantes de obras civis	14.027	2,0	15.333	1,8	20.453	1,9
Técnicos de controle da produção	11.923	1,7	15.351	1,8	18.817	1,7
Operadores de máquinas a vapor e utilidades	11.229	1,6	13.650	1,6	16.422	1,5
Operadores de equipamentos de acabamento de chapas e metais	11.369	1,6	14.748	1,7	16.280	1,5
Trabalhadores da pintura de equipamentos, veículos, estruturas metálicas e de compostos	8.261	1,2	11.442	1,3	15.128	1,4
Trabalhadores de fundição de metais puros e de ligas metálicas	11.974	1,7	13.474	1,6	14.562	1,3
Operadores de máquinas e centros de usinagem CNC	9.711	1,4	13.055	1,5	14.383	1,3
Operadores de máquinas de conformação de metais	9.094	1,3	12.664	1,5	14.070	1,3
Montadores de máquinas industriais	7.391	1,0	10.396	1,2	13.245	1,2
Trabalhadores nos serviços de manutenção de edificações	0	0,0	7.335	0,9	13.099	1,2
Vendedores e demonstradores em lojas ou mercados	8.010	1,1	9.405	1,1	11.488	1,1
Total das 20 ocupações	423.658	60,1	530.471	61,5	690.548	63,6
Total Geral	704.563	100,0	862.783	100,0	1.085.086	100,0

Fonte: MTE, Rais
 Elaboração: DIEESE

GRÁFICO 3

Taxa de rotatividade global do setor Metalúrgico e do Brasil Brasil - 2007 a 2012 (em %)



Fonte: MTE. Rais
Elaboração: DIEESE

TABELA 12

Taxa de rotatividade global segundo segmento do setor Metalúrgico e total Brasil - 2007 a 2012 (em %)

Segmento	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Siderurgia e metalurgia básica	38,8	46,2	41,5	45,2	46,9	46,5
Eletroeletrônico	40,9	44,5	40,7	42,3	45,9	46,0
Aeroespacial	15,8	17,3	11,9	18,9	18,3	15,6
Naval	50,5	49,0	45,1	46,4	56,0	51,8
Outros materiais de transportes	31,0	43,1	33,9	37,5	38,8	32,7
Máquinas e equipamentos	51,9	61,9	51,4	58,4	60,4	62,3
Máquinas agrícolas e tratores	27,5	36,3	27,9	32,6	34,6	37,1
Montadoras	9,7	11,1	12,2	7,7	11,3	11,9
Autopeças	25,2	37,9	28,6	32,7	34,7	34,7
Total	37,2	44,9	38,8	42,3	44,7	45,3

Fonte: MTE. Rais
Elaboração: DIEESE

mar (62,3%), em 2012, embora este segmento tenha tido crescimento do nível do emprego na maioria dos anos, exceto em 2009. Nesse caso, fica difícil compreender o elevado número de postos de trabalho substituídos em períodos de produção setorial crescente, a não ser por motivos como, por exemplo, ajustes das empresas nos custos das folhas de pagamento.

No outro extremo destacam-se os segmentos *montadoras* e *aeroespacial*, que registraram em 2012 taxas de 11,9% e 15,6%, respectivamente. Entende-se que as taxas em patamares inferiores nestes segmentos estão relacionadas a três importantes aspectos: a consolidação da organização no local de trabalho (com ênfase nas *montadoras*); a utilização de instrumentos diversificados de manutenção do emprego em períodos de crise ou oscilações da produção; a especialização necessária para o cumprimento de determinadas tarefas e/ou ocupações, o que implica maior dificuldade para a empresa encontrar, com certa rapidez, substitutos no mercado de trabalho.

Nos demais segmentos, a alta taxa de rotatividade é uma característica em comum: em 2012, todos superaram a casa dos 32%. Vale destacar que, além das duas divisões já citadas acima, *outros materiais de transporte*, *máquinas agrícolas e tratores* e *autopeças* apresentaram taxa inferior à média verificada em 2012. Entre estes segmentos, somente *máquinas agrícolas e tratores* apresentou evolução no total de vínculos ativos. As demais substituíram 1/3 dos trabalhadores ao mesmo tempo em que reduziram os postos de trabalho.

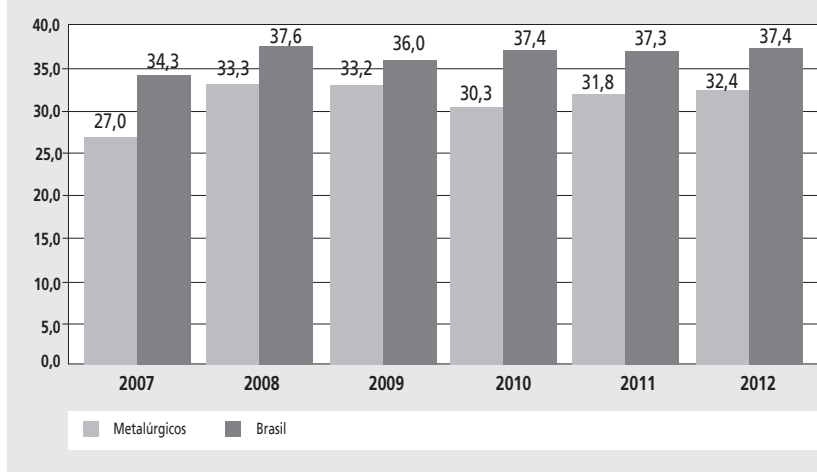
A comparação entre a taxa de rotatividade descontada no mercado de trabalho formal brasileiro e a do setor Metalúrgico, da mesma forma que a global, revela que a taxa da indústria metalúrgica foi inferior em todo o período analisado. Por outro lado, observa-se que, de 2008 em diante, as taxas de rotatividade se elevam tanto para os metalúrgicos como para o conjunto dos trabalhadores no país (Gráfico 4).

A taxa de rotatividade descontada no setor Metalúrgico registrou pequeno salto de 2007 para 2008, porém, entre esse último ano e 2012, nota-se certa estabilidade (Tabela 13). Em 2009, ano no qual a crise mundial foi apontada como motivação para expressiva parcela das demissões, observou-se um importante movimento. Neste ano, o primeiro semestre no setor foi marcado por fechamentos de postos de trabalho, mas, a partir de agosto, os empregos retomaram a curva ascendente. Esse elemento caracteriza forte substituição de trabalhadores no período da crise.

Com exceção de 2009, quando a diferença entre a taxa global e a descontada dos metalúrgicos situou-se em 5,6%, para os demais anos, verificou-se diferença acima de dois dígitos, na faixa de 10% a 13%, entre as duas taxas. Essas diferenças são resultantes da substituição de postos de trabalho de aposentados, daqueles que pediram demissão, dos terminos de contratos, entre outros desta modalidade.

GRÁFICO 4

Taxa de rotatividade descontada do setor Metalúrgico e do Brasil Brasil - 2007 a 2012 (em %)



Fonte: MTE. Rais
Elaboração: DIEESE

TABELA 13

Taxa de rotatividade descontada segundo segmento do setor Metalúrgico e total Brasil - 2007 a 2012 (em %)

Segmento	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Siderurgia e metalurgia básica	28,8	34,3	35,0	32,8	34,0	33,6
Eletroeletrônico	27,7	33,0	31,9	29,7	31,4	31,5
Aeroespacial	6,9	9,2	11,9	8,5	9,6	9,0
Naval	39,6	37,6	34,4	33,6	43,6	32,8
Outros materiais de transportes	23,2	33,4	32,6	27,6	28,7	32,7
Máquinas e equipamentos	39,7	47,1	45,4	44,0	44,8	46,6
Máquinas agrícolas e tratores	19,0	26,4	27,3	22,2	23,1	24,4
Montadoras	4,8	8,2	12,2	5,1	6,6	8,8
Autopeças	18,0	26,9	25,4	21,7	23,2	25,1
Total	27,0	33,3	33,2	30,3	31,8	32,4

Fonte: MTE. Rais
Elaboração: DIEESE

Nos anos seguintes, a redução da taxa descontada não foi expressiva, mas caiu para 30,3%, em 2010, e posteriormente elevou-se até atingir 32,4%, em 2012.

Assim como na taxa global, na descontada, os segmentos *aeroespacial* e *montadoras* se destacam: ambos possuem taxas de um dígito, realidade pouco recorrente no mercado de trabalho nacional. Nos outros segmentos, as taxas continuam altas, em especial em *máquinas e equipamentos* (46,6%), o que mostra a grande incidência de demissões sem justa causa (imotivadas).

Capítulo 2

A rotatividade no setor Químico

Caracterização dos trabalhadores do setor Químico

O setor Químico possui uma cadeia produtiva bastante heterogênea, que se inicia com a extração de petróleo e gás, além da agricultura da cana-de-açúcar, passando pela produção de petroquímicos básicos, pela indústria de higiene pessoal, perfumaria, *cosméticos* e produtos de limpeza, de transformação plástica, de tintas, entre outros.

Para este estudo, o setor Químico foi delimitado a partir da Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE), na versão 2.0. As agregações propostas para a análise foram: *sucroalcooleiro; papel e celulose; químicos; farmacêuticos; borracha; plásticos; vidro; brinquedos; minério; e produção e exploração de petróleo e gás natural*. Por serem segmentos com diferenças substanciais a análise foi feita de forma desagregada. As classes de atividade econômica agregadas em cada grupo (segmento) podem ser vistas na Tabela 1 do Anexo.

Os diferentes segmentos que compõem o setor Químico contavam com 1.820.965 trabalhadores em dezembro de 2012, elevação de 19,35% em relação ao total do final de 2007. Destes, 461,7 mil estavam no segmento *sucroalcooleiro*, 352,7 mil na indústria plástica e quase 275 mil no segmento de *produtos químicos*, para citar apenas os segmentos que contam com maior contingente de trabalhadores. O estoque de pessoal do setor aumentou em todos os anos da série analisada. Em alguns segmentos, foram observadas reduções pontuais, mas todos cresceram entre 2007 e 2012 (Tabela 1).

Há predomínio de homens trabalhando no setor Químico, apesar de, nos últimos anos, a situação estar mudando aos poucos. Em 2007, os traba-

TABELA 1
Vínculos ativos no setor Químico
Brasil - 2007 a 2012

Trabalhadores ativos em 31/12	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Sucroalcooleiro	391.013	413.712	439.282	431.597	465.712	461.694
Papel e celulose	158.676	161.354	163.182	173.219	175.122	177.230
Químicos	240.849	247.786	252.760	271.120	273.143	274.919
Cosméticos	36.059	37.716	38.774	42.897	41.535	43.353
Farmacêutico	84.867	90.855	91.931	92.472	93.386	96.618
Borracha	92.268	94.878	90.169	99.759	100.301	99.634
Plásticos	311.118	318.095	324.371	346.610	343.966	352.739
Vidro	31.409	32.514	33.527	38.236	40.850	42.832
Brinquedos	13.194	13.294	14.009	15.153	16.842	16.625
Minério	135.156	142.074	141.573	159.495	175.917	195.903
Petróleo e Gás Natural	67.231	82.466	87.741	88.973	96.168	102.771
Total	1.525.781	1.597.028	1.638.545	1.716.634	1.781.407	1.820.965

Fonte: MTE. Rais
 Elaboração: DIEESE

lhadores do sexo masculino correspondiam a 80,4% do total do setor, enquanto em 2012 eram 78,3%. As mulheres estão mais presentes nos segmentos de *cosméticos*, *farmacêutico* e de *brinquedos*: 54,3%, 47,5% e 45,7% do total, respectivamente. No segmento *sucroalcooleiro*, elas eram apenas 9,7% do total de trabalhadores em 2012.

Com relação à faixa etária, verifica-se que o setor Químico conta com forte presença de trabalhadores mais maduros, no geral. A faixa que concentra maior percentual de trabalhadores é a de 30 a 39 anos (32,2%) em todos os segmentos que compõem este setor, segundo dados de 2012. Em seguida, vem a faixa de 40 a 49 anos (20,4%). Nos segmentos de *cosméticos*, *brinquedos*, *plásticos* e *vidro*, o número de trabalhadores de até 24 anos é maior do que os da faixa entre 40 e 49 anos. Já no segmento de *petróleo e gás natural*, os trabalhadores com 50 anos ou mais estão presentes em maior número do que aqueles que estão na faixa etária anterior.

Ainda sobre os atributos pessoais, 63,3% dos trabalhadores eram não negros (indígenas, brancos, amarelos ou não identificados) em 2012, mas esse quadro tem mudado, pois em 2007 esse percentual era de quase 68% e foi diminuindo. No entanto, em alguns segmentos, há uma prevalência ainda maior de trabalhadores não negros, superando os 70%, como é o caso dos segmentos de: *papel e celulose*, *químicos*, *farmacêutico*, *borracha*, *plásticos* e *brin-*

quedos. Apenas no segmento *sucroalcooleiro*, os trabalhadores negros (pretos e pardos) são maioria: 55,7%.

O setor Químico é formado por trabalhadores de elevada escolaridade, na maioria dos segmentos que o compõem. Na média, 59% dos trabalhadores ativos tinham ensino médio completo ou algum grau superior de escolaridade em 2012. Esse percentual tem crescido sistematicamente nos últimos anos. No segmento de *petróleo e gás natural*, 93,2% dos trabalhadores estavam nessa faixa de escolaridade. A única exceção é o segmento *sucroalcooleiro*, onde apenas 28,3% dos trabalhadores tinham ensino médio completo ou mais. Quase 40% dos trabalhadores deste segmento tinham, no máximo, a 5ª série do ensino fundamental incompleta.

A jornada de trabalho contratual predominante é de 41 a 44 horas semanais no setor. Em 2012, quase 85% dos trabalhadores ativos eram contratados nesta faixa de jornada. Em seguida, estão contratados na faixa de 31 a 40 horas semanais, que correspondiam a 14,32% em 2012. Apenas 1% dos trabalhadores tinha contratos de até 30 horas. Na maioria dos segmentos, mais de 90% dos contratos são de jornadas entre 41 e 44 horas semanais. A exceção é *petróleo e gás natural*, onde 74% dos contratos são de jornada de 31 a 40 horas. No segmento de *cosméticos*, há quase um equilíbrio na distribuição dos trabalhadores com jornada de 31 a 40 horas (50,3%) e de 41 a 44 horas (48,5%).

Entre as categorias de trabalhadores que compõem o setor Químico, cabe destacar duas que já convencionaram jornadas semanais inferiores à constitucional de 44 horas. Os farmacêuticos de São Paulo preveem, em convenção coletiva, jornada de 40 horas semanais. Já os petroquímicos da Bahia estipulam, também em convenção coletiva, jornada de 40 horas para os trabalhadores em regime administrativo e de 36 horas para os trabalhadores em regime de turno ininterrupto de revezamento, conforme previsto no artigo sétimo, inciso XIV, da Constituição Federal.

Caracterização dos trabalhadores desligados do setor Químico

Os trabalhadores desligados no setor Químico ao longo de 2012 somaram 850,2 mil, contingente 1% menor do que o total de 2011, mas 10,56% maior do que verificado em 2007. Em 2008, houve um pico de desligamentos no setor, quando o total de vínculos interrompidos chegou perto de 862 mil. Historicamente, o maior número de desligamentos costuma ser verificado no segmento *sucroalcooleiro*. Em 2012, foram quase 303 mil desligados. Em seguida, vêm a *indústria plástica*, com 184 mil trabalhadores desligados em 2012, e o segmento de *produtos químicos*, no qual houve 108,7 mil desligamentos no mesmo ano. Esses três seg-

mentos têm se mantido nas primeiras posições em relação ao volume de contratos interrompidos.

Os resultados de 2012 mostram que seis dos 11 segmentos que compõem o setor Químico registraram um número menor de desligamentos em relação ao total de 2011. No segmento *sucroalcooleiro*, a redução foi de 7,3%, a mais expressiva. Já os segmentos de produtos químicos, *plásticos*, *vidro*, *minério* e *petróleo e gás natural* registraram aumento no número de desligamentos no último ano.

TABELA 2
Vínculos interrompidos no setor Químico
Brasil - 2007 a 2012

Trabalhadores desligados	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Sucroalcooleiro	372.786	389.686	349.602	333.257	326.737	302.780
Papel e celulose	52.141	61.559	57.645	63.725	70.265	68.644
Químicos	79.086	92.710	90.764	101.722	101.473	108.674
Cosméticos	12.872	15.526	16.175	18.721	19.819	19.548
Farmacêutico	25.828	29.104	28.461	30.020	35.583	31.826
Borracha	29.995	38.544	29.968	34.034	39.980	36.913
Plásticos	131.527	165.160	143.346	165.213	179.370	184.082
Vidro	12.962	13.449	11.871	14.318	17.533	18.627
Brinquedos	9.362	9.368	9.226	10.120	11.658	11.551
Minério	49.147	54.232	48.194	53.389	55.872	64.912
Petróleo e Gás Natural	6.133	8.122	10.576	14.030	20.459	22.179
Total	768.967	861.934	779.653	819.828	858.930	850.188

Fonte: MTE. Rais
Elaboração: DIEESE

Com relação aos atributos dos trabalhadores, o perfil dos desligados é semelhante ao dos ativos. A maioria dos trabalhadores é do sexo masculino, mesmo com o crescimento da participação feminina nos últimos anos. A prevalência de não negros é maior nos segmentos de *papel e celulose*, *cosméticos*, *farmacêutico*, *borracha*, *plásticos* e *brinquedos*. Apenas no segmento *sucroalcooleiro*, os trabalhadores negros são maioria (64,4%) e a participação cresce desde 2007.

Em 2012, houve predomínio de desligamento de trabalhadores com idade entre 30 e 39 (29,9%), apesar de haver uma grande incidência também na faixa com até 24 anos (27,7%), diferentemente da situação dos ativos, na qual predominam os mais velhos. No período entre 2007 e 2012, houve

redução de desligamentos na faixa com até 24 anos e aumento entre 30 e 39 anos. Ainda assim, quase metade dos desligados em 2012, tinham até 29 anos (49,2%).

Grande parte dos desligados do setor Químico tem, pelo menos, o ensino médio completo e esse percentual cresceu significativamente nos últimos anos, saindo de 30,2%, em 2007, para 46,9% em 2012. Em relação à escolaridade, a exceção é observada no segmento *sucroalcooleiro*, onde apenas 17,9% do total de desligados tinham ensino médio completo ou mais em 2012. Cabe destacar que este percentual também aumentou bastante, pois em 2007 eles eram apenas 9,7% do total. A jornada semanal contratual de 91,3% dos desligados era de 41 a 44 horas. De maneira geral, esse perfil não mudou muito nos últimos anos.

Uma observação importante é que, no geral, os percentuais de trabalhadores negros, jovens ou menos escolarizados ainda são maiores entre os desligados do que entre os ativos.

Distribuição dos trabalhadores por região geográfica

Refletindo a maior capacidade econômica da região, a maioria dos trabalhadores do setor Químico está nos estados do Sudeste (57,2%), onde se concentra também a maior parte dos trabalhadores desligados em 2012 (51,6%). Outros 17,3% do total de trabalhadores do setor estão na região Nordeste, enquanto do Sul são 16,1% do total. Nas regiões Centro-Oeste e Norte, estão, respectivamente, 6,5% e 2,9% dos trabalhadores do setor Químico. Quando é analisada a distribuição dos trabalhadores desligados, verifica-se que praticamente as mesmas proporções são mantidas por região durante o período de 2007 a 2012.

Quando os dados do setor Químico são analisados por segmento, observa-se que o *sucroalcooleiro* e os *plásticos* concentram a maior parte dos trabalhadores: 25,4% e 19,4%, respectivamente. Da mesma forma, a maior parcela dos desligados em 2012 também foi desses dois segmentos, mas em percentuais maiores: 35,6% no *sucroalcooleiro* e 21,7% nos *plásticos*. Nas regiões Nordeste e Centro-Oeste, praticamente a metade dos trabalhadores do setor Químico está no segmento *sucroalcooleiro*, um dos mais intensivos em força de trabalho. No Nordeste, o segundo segmento com maior número de trabalhadores é o de *plásticos* (11%), seguido pelo de *produtos químicos* (10,2%). Já no Centro-Oeste, a segunda posição é ocupada pelo segmento de *minério*, com 13,5% do total de trabalhadores.

Os segmentos de *produtos químicos* e *minério* somam 15,1% e 10,8% dos trabalhadores, respectivamente. A menor parte está no segmento de *brinquedos*, responsável por apenas 0,9% dos trabalhadores do setor em 2012.

Quase a totalidade dos trabalhadores deste segmento está na região Sudeste (80%). Já os *cosméticos* e *vidro* respondem igualmente por 2,4% do total de trabalhadores no setor Químico brasileiro.

TABELA 3
Distribuição dos desligados no setor Químico por região geográfica
Brasil - 2007 e 2012 (em %)

Trabalhadores desligado 2007	Norte	Nordeste	Centro-Oeste	Sudeste	Sul	Total
Sucroalcooleiro	4.798	116.481	53.981	166.167	31.359	372.786
Papel e celulose	1.557	3.406	2.017	29.887	15.274	52.141
Químicos	1.948	12.148	5.741	44.431	14.818	79.086
Cosméticos	76	841	744	9.413	1.798	12.872
Farmacêutico	108	1.099	4.075	17.921	2.625	25.828
Borracha	425	2.368	1.174	17.514	8.514	29.995
Plásticos	6.435	9.805	4.483	67.828	42.976	131.527
Vidro	117	871	351	10.002	1.621	12.962
Brinquedos	84	243	312	7.729	994	9.362
Minério	3.367	6.750	4.865	28.002	6.163	49.147
Petróleo e Gás Natural	62	1.734	48	3.688	601	6.133
Total	18.901	154.905	77.047	393.169	124.945	768.967
Trabalhadores desligado 2012	Norte	Nordeste	Centro-Oeste	Sudeste	Sul	Total
Sucroalcooleiro	2.367	111.315	42.284	126.894	19.920	302.780
Papel e celulose	1.946	5.497	4.024	36.029	21.148	68.644
Químicos	1.706	9.378	7.591	68.264	21.735	108.674
Cosméticos	152	969	798	14.596	3.033	19.548
Farmacêutico	144	1.442	5.914	21.417	2.909	31.826
Borracha	1.052	2.824	1.431	22.806	8.800	36.913
Plásticos	6.244	15.983	7.480	94.477	59.898	184.082
Vidro	388	1.809	1.182	10.731	4.517	18.627
Brinquedos	397	315	437	9.242	1.160	11.551
Minério	6.299	9.475	7.734	33.718	7.686	64.912
Petróleo e Gás Natural	1.152	4.644	158	15.350	875	22.179
Total	21.695	162.682	78.235	438.928	148.648	850.188

Fonte: MTE. Rais
Elaboração: DIEESE

Distribuição dos trabalhadores por motivo de desligamento

Observando os motivos dos desligamentos no setor Químico como um todo, verifica-se que há uma prevalência das rescisões por iniciativa do empregador. Em 2012, 50,2% dos desligamentos foram sem justa causa e

18,3% por conta de término do contrato (incluindo o fim de contratos de experiência, de até três meses). Isso permite concluir que 68,5% dos desligamentos ocorreram por decisão unilateral dos empregadores e, portanto, seriam objeto de negociação nos termos propostos pela Convenção 158 da OIT.

O segmento com menor percentual de demissão sem justa causa é o de *petróleo e gás natural*: 33,96% do total em 2012. Nos segmentos de *cosméticos* e de *borracha*, 55,5% e 57,4% dos desligamentos se enquadram como demissão sem justa causa no mesmo ano. Outros segmentos onde mais da metade dos desligamentos estão enquadrados nesse motivo são: *minério, vidro, plásticos e papel e celulose*.

No segmento *sucroalcooleiro*, além do forte peso da demissão sem justa causa, também há um grande número de desligados por término de contrato (28,33%). Isso ocorre especialmente em função da característica do setor, onde a sazonalidade acaba por interferir no grande volume de contratações e desligamentos ao longo do ano.

No segmento de *brinquedos*, também é elevado o número de desligados por término de contrato. Neste caso, grande parte dos desligamentos ocorre no período de experiência (até três meses de vínculo).

Comparando a evolução dos dados de 2007 a 2012, verifica-se aumento de 10,69% nos desligamentos sem justa causa e redução de 3,14% naqueles por término de contrato. O que mais chama atenção é o aumento de 41,26%, entre 2007 e 2012, dos desligamentos a pedido do trabalhador. Nos outros motivos estão considerados as transferências, as aposentadorias e os desligamentos por falecimento (Tabela 4).

Distribuição dos trabalhadores por tempo de emprego

No setor Químico, verifica-se redução do número de desligados que têm menos de seis meses de tempo de emprego - ou seja, menos que o tempo mínimo para solicitação do seguro-desemprego, que é de seis meses de vínculo empregatício. O dado geral do setor mostra que, em 2007, 41,7% dos trabalhadores desligados tinham até seis meses de vínculo. Em 2012, eram 36,5% do total. Apesar de estar se reduzindo nos últimos anos, o percentual de desligados nessa faixa de tempo de emprego está bem acima do total de trabalhadores ativos na mesma faixa, que tem ficado em torno de 18% e 20% entre 2007 e 2012.

Na análise por segmentos, a maior parte registra percentuais superiores a 35% dos desligados com menos de seis meses de vínculo, chegando a 50,5% no segmento de *brinquedos*. Este último, por sua vez, só tem 16,1% dos trabalhadores ativos com esse tempo de vínculo. A média geral do setor Químico, contudo, é puxada para baixo em função dos segmentos de *petróleo e gás natu-*

TABELA 4
Distribuição dos desligados no setor Químico segundo motivos de desligamento
Brasil - 2007 e 2012 (em %)

Trabalhadores desligado 2007	Demissão sem justa causa	Término de contrato	Desligamento a pedido	Outras causas	Total
Sucroalcooleiro	149.316	119.312	56.550	47.608	372.786
Papel e celulose	31.512	4.920	9.297	6.412	52.141
Químicos	46.905	9.402	12.830	9.949	79.086
Cosméticos	8.479	1.536	2.072	785	12.872
Farmacêutico	13.734	1.653	5.315	5.126	25.828
Borracha	19.019	2.683	5.027	3.266	29.995
Plásticos	81.153	15.414	25.355	9.605	131.527
Vidro	6.612	857	1.759	3.734	12.962
Brinquedos	4.833	2.814	1.562	153	9.362
Minério	29.657	3.446	6.504	9.540	49.147
Petróleo e Gás Natural	2.970	209	1.629	1.325	6.133
Total	385.711	160.710	125.828	96.718	768.967

Trabalhadores desligado 2012	Demissão sem justa causa	Término de contrato	Desligamento a pedido	Outras causas	Total
Sucroalcooleiro	146.571	85.764	47.323	23.122	302.780
Papel e celulose	35.491	8.952	18.292	5.909	68.644
Químicos	53.901	16.339	22.615	15.819	108.674
Cosméticos	10.856	3.176	4.341	1.175	19.548
Farmacêutico	14.840	2.615	9.408	4.963	31.826
Borracha	21.189	4.355	9.101	2.268	36.913
Plásticos	96.564	25.567	48.858	13.093	184.082
Vidro	10.001	2.692	4.811	1.123	18.627
Brinquedos	5.424	3.165	2.462	500	11.551
Minério	35.419	5.599	10.844	13.050	64.912
Petróleo e Gás Natural	7.531	618	4.033	9.997	22.179
Total	426.931	155.666	177.747	89.844	850.188

Fonte: MTE. Rais
 Elaboração: DIEESE

ral e farmacêutico, onde 26,3% e 26,8%, respectivamente, dos trabalhadores desligados tinham até seis meses de vínculo empregatício (Tabela 5).

Os trabalhadores que são desligados com menos de três meses de emprego, que equivalem ao tempo de experiência de 90 dias, somaram cerca de 22% dos desligamentos do setor em 2012. Nos segmentos de *brinquedos* e *plásticos*, são mais de 30% do total. O fato de quase a totalidade dos trabalhadores do setor Químico ser contratada por prazo indeterminado não é suficiente para evitar o grande volume de desligamentos em um curto período de vínculo.

TABELA 5
Participação dos ativos e desligados no setor Químico com menos de seis
meses de vigência - Brasil - 2007 a 2012 (em %)

Trabalhadores ativos em 31/12	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Sucroalcooleiro	33,0	29,4	29,4	28,0	24,8	22,5
Papel e celulose	14,6	15,0	16,8	17,2	15,2	15,2
Químicos	15,4	15,4	15,8	17,7	15,1	14,9
Cosméticos	17,5	17,9	18,7	21,6	16,1	17,3
Farmacêutico	12,9	15,1	14,0	14,6	15,9	15,6
Borracha	16,3	13,1	15,3	15,6	13,0	13,4
Plásticos	20,0	18,5	20,1	20,4	18,5	19,0
Vidro	20,1	18,9	16,5	19,5	16,8	16,6
Brinquedos	15,9	15,6	17,5	17,0	15,5	16,1
Minério	16,9	16,7	16,2	19,2	17,1	18,8
Petróleo e Gás Natural	6,1	10,4	6,9	12,1	13,7	11,2
Total	20,5	19,4	19,9	20,4	18,4	17,9
Trabalhadores desligados	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Sucroalcooleiro	52,2	42,6	36,2	42,8	40,6	36,2
Papel e celulose	30,1	29,9	29,4	36,3	36,0	36,8
Químicos	31,1	33,0	33,0	34,2	34,6	35,3
Cosméticos	33,0	32,6	34,3	37,6	36,7	39,2
Farmacêutico	20,8	24,1	23,2	25,8	28,5	26,8
Borracha	30,6	31,4	26,9	37,4	35,5	35,5
Plásticos	35,8	38,6	35,0	41,5	40,8	41,7
Vidro	24,7	32,9	30,0	40,8	40,9	40,4
Brinquedos	52,2	51,0	47,8	53,6	48,8	50,5
Minério	29,7	30,7	28,2	30,8	31,3	30,3
Petróleo e Gás Natural	26,2	29,4	21,4	25,8	22,5	26,3
Total	41,7	37,8	33,6	39,1	37,9	36,5

Fonte: MTE. Rais
 Elaboração: DIEESE

O total de trabalhadores ativos no setor Químico com cinco ou mais anos de vínculo no mesmo estabelecimento era de 28,8% em 2012, o maior percentual do período desde 2007. No segmento de *petróleo e gás natural*, esse percentual era de 47,5% em 2012. Apesar de concentrar boa parte dos trabalhadores do setor, é menos comum que os desligamentos ocorram entre os trabalhadores dessa faixa de tempo de emprego. O dado setorial mostra que apenas 9,1% dos trabalhadores desligados em 2012 tinham cinco ou mais anos de vínculo, e este percentual é um dos maiores do período a partir de 2007. Em todos os segmentos, o percentual de trabalhadores ativos com esse tempo de vínculo foi maior do que o percentual de desligados.

TABELA 6
Participação dos ativos e desligados no setor Químico com cinco anos
ou mais de vigência - Brasil - 2007 a 2012 (em %)

Trabalhadores ativos em 31/12	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Sucroalcooleiro	20,4	21,7	21,6	23,1	23,6	26,3
Papel e celulose	34,7	33,4	32,7	30,7	31,6	32,1
Químicos	34,3	33,7	32,7	30,8	32,0	32,3
Cosméticos	28,6	26,5	22,8	20,1	22,5	22,7
Farmacêutico	33,2	30,6	31,4	29,7	30,8	30,0
Borracha	31,0	31,9	33,8	32,4	33,2	34,6
Plásticos	22,1	21,8	22,4	21,9	22,6	23,2
Vidro	31,4	28,2	28,3	25,6	24,0	27,0
Brinquedos	25,8	25,7	25,8	24,3	23,3	23,6
Minério	26,9	26,6	27,0	25,9	25,1	24,4
Petróleo e Gás Natural	51,6	49,4	49,7	46,3	47,9	47,5
Total	28,0	27,9	27,9	27,3	27,9	28,8
Trabalhadores desligados	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Sucroalcooleiro	3,7	2,9	3,9	4,1	5,1	5,6
Papel e celulose	15,9	16,7	16,6	13,5	11,6	11,6
Químicos	15,1	15,2	15,3	14,3	12,9	14,1
Cosméticos	12,5	10,9	10,1	10,8	7,5	8,1
Farmacêutico	18,2	17,9	15,2	15,6	14,8	16,0
Borracha	13,2	11,4	15,4	11,8	11,6	11,6
Plásticos	9,5	8,5	9,2	7,4	7,6	7,7
Vidro	19,9	18,0	13,5	9,5	7,9	8,2
Brinquedos	6,2	6,5	6,3	6,2	6,2	5,8
Minério	12,5	10,6	12,5	9,7	10,5	10,6
Petróleo e Gás Natural	17,0	16,7	19,5	16,8	22,5	21,1
Total	8,5	8,0	8,9	8,2	8,6	9,1

Fonte: MTE. Rais
 Elaboração: DIEESE

No segmento de *brinquedos*, por exemplo, 23,6% dos trabalhadores ativos tinham cinco ou mais anos de emprego e apenas 5,8% dos desligados se enquadravam nessa faixa. Na indústria de *vidro*, onde 27% dos ativos tinham vínculo igual ou superior a cinco anos, foram desligados somente 8,2% dos trabalhadores desta faixa em 2012. Mesmo no setor de petróleo e gás, a proporção entre trabalhadores desligados e ativos é relativamente pequena nessa faixa. Isso mostra que os trabalhadores mais experientes do setor Químico tendem a permanecer no posto de trabalho.

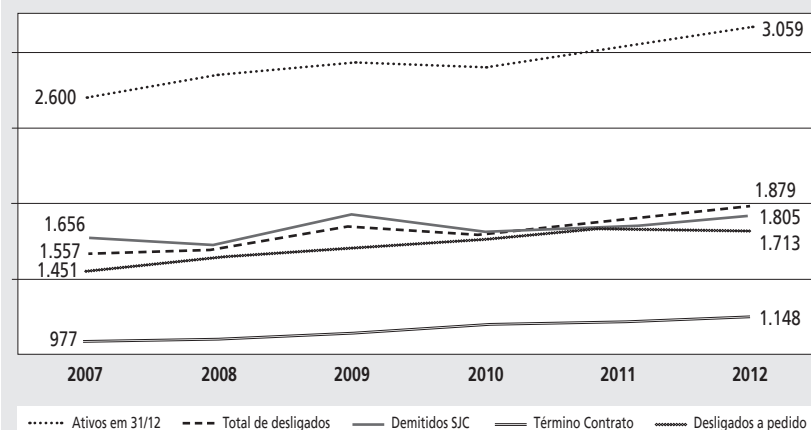
Distribuição dos trabalhadores por remuneração

A remuneração média real dos trabalhadores do setor químico aumentou nos últimos anos. Em dezembro de 2007, correspondia a R\$ 2.600 e em dezembro de 2012 chegou a R\$ 3.059, o que significa aumento de 17,6% no período. Os valores estão atualizados em reais (R\$) de dezembro de 2012. Em alguns segmentos, a remuneração teve crescimento mais expressivo. É o caso dos subsetores *sucroalcooleiro* e de *minério*, que registraram variação de 30,4% e 42,8% no período, respectivamente. No segmento *farmacêutico*, a remuneração média real ficou praticamente estabilizada na comparação entre 2007 e 2012 (0,8%), e em alguns anos chegou a cair.

A situação dos trabalhadores desligados é mais desfavorável que daqueles que permanecem com vínculo ativo, no que diz respeito à remuneração, apesar desta também ter aumentado nos últimos anos entre os desligados (+20,7%, entre 2007 e 2012). O total de desligados do setor Químico, em 2007, recebia uma remuneração média real de R\$ 1.557, sendo que essa média era maior ou menor a depender do motivo do desligamento. Neste ano, a remuneração do total de desligados equivalia a 59,9% da remuneração dos trabalhadores ativos, ou seja, é como se, na média, os ativos tivessem uma remuneração de R\$ 1.000, e enquanto os desligados tivessem rendimento de R\$ 599,00. Os dados da relação da remuneração dos desligados e ativos por segmento está no Anexo - Tabela 2.

GRÁFICO 1

Remuneração média real no setor Químico
Brasil - 2007 a 2012 (em R\$ de 2012)



Fonte: MTE. Rais. Elaboração: DIEESE

O padrão se repete em todos os anos da série, inclusive em 2012, quando o total de desligados recebia R\$ 1.879 de remuneração média real, o que equivale a 61,4% dos ganhos médios dos trabalhadores que permaneceram ativos no ano. Em todos os segmentos, o rendimento médio dos desligados era menor que o dos que permaneceram ativos. O segmento que se destaca por ter a melhor relação é o de *minério*, onde a remuneração média real do total de desligados em 2012 equivalia a 83,1% do rendimento dos que permaneceram ativos no mesmo ano. A pior relação é verificada no segmento de *vidro*, em que os desligados recebiam uma remuneração média real equivalente a 64,3% da dos trabalhadores ativos.

A relação entre o rendimento dos desligados e dos ativos do setor Químico tem melhorado timidamente, quando analisado o período de 2007 a 2012. Apesar disso, os dados por segmento não são animadores. Apenas os segmentos *farmacêutico* e de *petróleo e gás natural* registraram melhora na relação entre as remunerações no intervalo de tempo analisado. Em 2007, a relação nestes segmentos equivalia a 75,1% e 56,7%, respectivamente. Em 2012, tinha aumentado para 78,2% no segmento *farmacêutico* e para 72,6% no de *petróleo e gás natural*. O segmento de *vidro* merece destaque pelo resultado negativo, uma vez que a relação entre o rendimento dos desligados e dos ativos caiu de 89,7%, em 2007, para 64,3%, em 2012.

A remuneração média real dos desligados por término de contrato era a menor na comparação com os trabalhadores desligados sem justa causa ou a pedido. A exceção ocorreu apenas no segmento *sucroalcooleiro*, caso em que a remuneração dos trabalhadores desligados a pedido foi menor que a dos desligados por término de contrato, em 2007: R\$ 899 e R\$ 1.002, respectivamente. Entre os trabalhadores desligados por término de contrato no setor, a remuneração média real era de R\$ 977, em 2007. Já os demitidos sem justa causa recebiam, em média, R\$ 1.656, e os trabalhadores desligados a pedido, R\$ 1.451 no mesmo ano. Apenas nos segmentos *farmacêutico*, de *minério* e de *petróleo e gás natural* a remuneração média dos trabalhadores desligados a pedido era maior do que a dos demitidos sem justa causa (Tabela 7).

Em 2012, também se observa a diferenciação do rendimento, a depender do motivo do desligamento. Permaneceu a grande disparidade no segmento *farmacêutico* entre a remuneração dos trabalhadores desligados por término de contrato e a dos desligados a pedido. A relação entre essas remunerações era de 30,7% neste ano, uma vez que os desligados por término de contrato recebiam R\$ 1.100, enquanto os desligados a pedido recebiam R\$ 3.582. Outro segmento em que se observa uma grande distância entre os rendimentos dos desligados por término de contrato e aqueles desligados a pedido é o de *petróleo e gás natural*. O rendimento médio real dos desligados por término de contrato era de 32,4% daquele recebido pelos trabalhadores

TABELA 7
Distribuição da remuneração média real dos desligados no setor Químico
segundo motivos de desligamento - Brasil - 2007 e 2012 (em R\$ de 2012)

Trabalhadores desligados 2007	Demissão sem justa causa	Término de contrato	Desligamento a pedido	Total de desligados
Sucroalcooleiro	1.116	1.002	899	1.058
Papel e celulose	1.804	806	1.593	1.908
Químicos	2.619	1.038	2.228	2.575
Cosméticos	1.539	892	1.419	1.477
Farmacêutico	3.630	1.197	4.058	3.565
Borracha	1.644	825	1.369	1.696
Plásticos	1.521	830	1.144	1.390
Vidro	2.112	790	1.433	2.032
Brinquedos	1.167	816	844	1.008
Minério	1.739	937	1.801	1.807
Petróleo e Gás Natural	5.618	2.779	8.308	6.291
Total	1.656	977	1.451	1.544

Trabalhadores desligados 2012	Demissão sem justa causa	Término de contrato	Desligamento a pedido	Total de desligados
Sucroalcooleiro	1.370	1.215	1.256	1.331
Papel e celulose	1.975	873	1.435	1.744
Químicos	2.321	1.455	2.067	2.406
Cosméticos	1.584	955	1.318	1.489
Farmacêutico	3.389	1.100	3.582	3.754
Borracha	1.704	912	1.334	1.630
Plásticos	1.488	909	1.119	1.341
Vidro	1.751	932	1.310	1.548
Brinquedos	1.092	867	886	989
Minério	2.175	1.025	2.447	2.455
Petróleo e Gás Natural	5.898	2.849	8.782	8.411
Total	1.805	1.148	1.713	1.879

Fonte: MTE. Rais
Elaboração: DIEESE

desligados a pedido. A menor disparidade entre os rendimentos dos desligados é percebida no segmento *sucroalcooleiro*, onde os desligados por término de contrato recebiam 88,7% do rendimento médio dos trabalhadores demitidos sem justa causa.

No mercado de trabalho formal brasileiro como um todo, a remuneração média real dos trabalhadores ativos ao final de 2007 era de R\$ 1.803 e ao final de 2012 era de R\$ 2.080, valores bem abaixo das médias no setor Químico. O mesmo ocorre com as remunerações médias reais do total de

desligados, dos demitidos sem justa causa e dos desligados a pedido e por término de contrato. A exceção fica entre os desligados por término de contrato em 2007 e 2008, quando a remuneração média real foi maior no mercado de trabalho brasileiro do que no setor Químico.

Taxas de rotatividade global e descontada

A taxa de rotatividade no setor Químico brasileiro foi de 47,2%, em 2012. Apesar de bastante elevada, caiu na comparação com a taxa de 2007, quando era 51,6%. A média do setor foi influenciada fortemente pelos dados do segmento *sucroalcooleiro*, em que a taxa foi superior a 100% em 2007 e caiu em 2012 para 65,0%. Esta acelerada redução da rotatividade pode ser atribuída à mecanização do corte e de colheita da cana no Centro-Sul do Brasil, para os quais a região vem se preparando desde 2004 e que resultou no *Compromisso Nacional para o Aperfeiçoamento das Condições de Trabalho na Cana-de-açúcar*, pacto que pretendia garantir condições mínimas de trabalho na atividade *sucroalcooleira*. Vale ressaltar que no Nordeste não houve o pacto da mecanização e, em São Paulo, mesmo com o pacto, as taxas de rotatividade continuam muito elevadas.

Outros segmentos que registraram redução na taxa de rotatividade foram o de *brinquedos*, que era de 72,4% em 2007 e caiu para 69% em 2012; e o de *minério*, passando de 36,8%, em 2007, para 34,9% em 2012. Os demais segmentos do setor Químico apresentaram trajetória de alta no período analisado. Os destaques ficam para os segmentos de *cosméticos*, cuja taxa de rotatividade era de 36,0% em 2007 e subiu para 46,1%, e os *plásticos*, onde a taxa subiu de 43,2% para 52,8% no período.

Também cabe dar ênfase aos dados do segmento de *petróleo e gás natural*, cuja taxa de rotatividade global era de 9,1% em 2007 e subiu para 22,3% em 2012. Neste caso, entretanto, verificou-se muito mais o aumento dos desligados não enquadrados na demissão imotivada, uma vez que a taxa descontada permaneceu relativamente baixa em 2012 (8,3%), ainda que tenha aumentado em relação a 2007, quando era de 4,8%. No período, houve expressivo aumento das transferências e aposentadorias neste segmento (Tabela 8).

Assim como a taxa global, a taxa descontada de rotatividade também caiu no setor Químico como um todo, passando de 37,7%, em 2007, para 33,3%, em 2012. Os mesmos segmentos nos quais a taxa global havia sido reduzida no período analisado também tiveram redução na taxa descontada. Em relação à magnitude da rotatividade, o segmento que registrou a maior taxa descontada em 2012 foi o *sucroalcooleiro* (52,1%). Em seguida, vem o segmento de *brinquedos*, com taxa de 51,6%. Os segmentos com menor taxa de rota-

TABELA 8
Taxas de rotatividade global e descontada no setor Químico
Brasil - 2007 a 2012 (em %)

Taxa de rotatividade global	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Sucroalcooleiro	101,3	96,8	82,0	76,5	72,8	65,0
Papel e celulose	33,3	38,5	35,5	37,9	40,3	39,0
Químicos	33,0	37,9	36,3	38,8	37,3	39,7
Cosméticos	36,0	42,1	42,3	45,8	46,2	46,1
Farmacêutico	30,7	33,1	31,1	32,6	38,3	33,5
Borracha	32,8	40,1	32,0	35,8	40,0	36,9
Plásticos	43,2	52,5	44,6	49,2	51,9	52,8
Vidro	41,1	42,1	36,0	39,9	44,3	44,5
Brinquedos	72,4	70,7	67,6	69,4	72,9	69,0
Minério	36,8	39,1	34,0	35,5	33,3	34,9
Petróleo e Gás Natural	9,1	10,9	12,4	15,9	22,1	22,3
Total	51,6	55,2	48,2	48,9	49,1	47,2
Taxa de rotatividade descontada	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Sucroalcooleiro	75,7	75,7	66,5	60,7	54,0	52,1
Papel e celulose	23,7	26,2	24,8	24,8	26,5	25,9
Químicos	24,0	26,7	26,6	25,4	25,9	26,1
Cosméticos	28,4	31,2	30,5	31,8	34,7	33,5
Farmacêutico	18,6	21,0	18,4	18,2	20,1	18,7
Borracha	24,2	32,1	25,6	25,2	27,6	26,3
Plásticos	32,2	38,2	33,4	34,1	35,9	35,9
Vidro	24,2	27,0	27,9	27,9	29,7	31,3
Brinquedos	59,5	57,2	55,0	53,4	54,6	51,6
Minério	25,1	28,9	26,1	23,3	22,1	22,4
Petróleo e Gás Natural	4,8	5,7	6,8	8,0	7,4	8,3
Total	37,7	41,0	36,9	35,0	34,0	33,3

Fonte: MTE. Rais
 Elaboração: DIEESE

tividade em 2012 foram o de *petróleo e gás natural* (8,3%) e o *farmacêutico* (18,7%).

É bom lembrar que a taxa descontada exclui as demissões a pedido do trabalhador, os desligamentos por falecimento, por aposentadoria com rescisão e as transferências entre empresas e estabelecimentos. Portanto, não considera aqueles desligamentos que não se enquadram como demissão imotivada.

Distribuição dos trabalhadores desligados por estabelecimento

Em 2012, 40.314 estabelecimentos empregavam 1,82 milhão de trabalhadores no setor Químico. No mesmo ano, 850 mil vínculos de trabalho foram interrompidos, dos quais 70,5% se deram por iniciativa do empregador (desligados descontados), ou seja, são aqueles rompidos por demissão sem justa causa ou por término de contrato, comumente chamados de desligamentos imotivados. No segmento *sucroalcooleiro*, os trabalhadores desligados por esses motivos correspondiam a 79,8% do total de desligados (599.162 trabalhadores). No segmento de *brinquedos*, esses eram 74,8% do total. Já no segmento de *petróleo e gás natural*, apenas 37,4% dos desligados se enquadravam nesta situação.

TABELA 9
Distribuição dos ativos, desligados e desligados descontados e dos estabelecimentos no setor Químico - Brasil - 2012

	Ativos em 31/12	Desligados no ano	Desligados descontados	Estabelecimentos
Sucroalcooleiro	461.694	302.780	241.489	765
Papel e celulose	177.230	68.644	45.618	4.458
Químicos	231.566	89.126	57.156	7.684
Cosméticos	43.353	19.548	14.230	1.459
Farmacêutico	96.618	31.826	17.790	929
Borracha	99.634	36.913	26.248	2.812
Plásticos	352.739	184.082	125.028	11.670
Vidro	42.832	18.627	13.090	910
Brinquedos	16.625	11.551	8.641	813
Minério	195.903	64.912	41.587	8.081
Petróleo e Gás Natural	102.771	22.179	8.285	733
Total	1.820.965	850.188	599.162	40.314

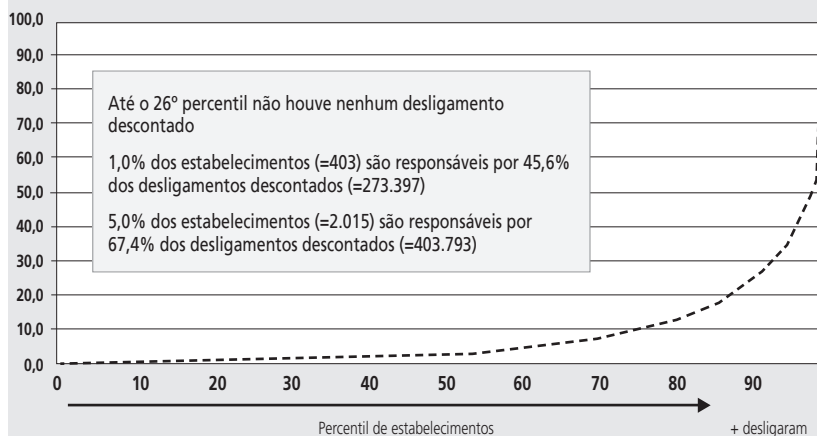
Fonte: MTE. Rais
Elaboração: DIEESE

Dos 40 mil estabelecimentos ativos no setor Químico em 2012, verifica-se que 26% não registraram desligamento imotivado em 2012. Entretanto, apenas 2.015 dos estabelecimentos, ou 5% do total, foram responsáveis por 67,4% (403.793 vínculos) dos vínculos desligados no ano. Quando se olha apenas para 1% dos estabelecimentos ativos (403), verifica-se que estes foram responsáveis por 45,6% dos desligamentos descontados no ano (273.397 vínculos). Isso aponta para uma forte concentração da rotatividade no setor

Químico, uma vez que um volume de desligamentos muito elevado deve-se à ação de um número muito pequeno de estabelecimentos.

GRÁFICO 2

Desligamentos descontados acumulados segundo percentil de estabelecimentos no setor químico - Brasil - 2012



Fonte: MTE. Rais. Elaboração: DIEESE

Ocupações com maior número de desligamentos

A distribuição dos desligamentos no setor Químico por tipo de ocupação do trabalhador mostra forte concentração de vínculos desligados em um grupo pequeno. Em 2012, as primeiras 20 ocupações que registraram maior número de desligamentos somam quase 56% de todas as dispensas do setor. Para dar melhor dimensão do que esse dado significa, basta dizer que o total de desligamentos do setor abrange um conjunto de mais de mil ocupações distribuídas em 11 segmentos.

É possível observar que nesta lista encontram-se algumas ocupações transversais, que são aquelas presentes em todos os segmentos analisados. Podem ser citados como exemplo o alimentador de linha de produção e o auxiliar de escritório, que também aparecem nas listas de todos os segmentos que compõem o setor Químico como as ocupações que mais registraram desligamentos em 2012.

Ao mesmo tempo, estão listadas algumas ocupações específicas de um segmento, como é o caso de quatro ocupações que só aparecem no segmento *sucroalcooleiro* e uma que só aparece no segmento de *plásticos*. A ocupação de

trabalhador na cultura da cana, por exemplo, encabeça a lista do setor Químico e foi responsável por quase 20% do total de desligados em 2012.

Chama atenção o fato de as ocupações que mais desligaram não exigirem nível superior de escolarização. Quando muito, são ocupações de nível técnico. Isso leva a crer que esses trabalhadores desligados podem ser mais facilmente substituídos do que aqueles que necessitam de maior qualificação ou nível de escolaridade para exercerem suas funções. Por isso, colocar a culpa pela demissão apenas no trabalhador não é o suficiente para enfrentar o problema da rotatividade no setor. A facilidade com que as empresas podem demitir no Brasil é um fator determinante para que esse fenômeno ocorra com forte intensidade no mercado de trabalho como um todo e também no setor Químico.

TABELA 10
Ranking das 20 ocupações entre as com mais desligamentos no setor Químico
Brasil - 2012

Ocupações	Desligados	20 + dos segmentos
Trabalhador da cultura de cana-de-açúcar	169.909	sucroalcooleiro
Alimentador de linha de produção	116.557	sucroalcooleiro, papel e celulose, químicos, cosméticos, farmacêutico, borracha, plásticos, vidro, brinquedos, minério, petróleo e gás natural
Motorista de caminhão (rotas regionais e internacionais)	23.729	sucroalcooleiro, químicos, borracha, plásticos, vidro, brinquedos, minério
Auxiliar de escritório, em geral	20.153	sucroalcooleiro, papel e celulose, químicos, cosméticos, farmacêutico, borracha, plásticos, vidro, brinquedos, minério, petróleo e gás natural
Moldados de plástico por injeção	13.679	plásticos
Tratorista agrícola	13.332	sucroalcooleiro
Operador de máquinas fixas, em geral	12.468	papel e celulose, químicos, cosméticos, borracha, plásticos, vidro, brinquedos
Assistente administrativo	12.280	papel e celulose, químicos, cosméticos, farmacêutico, borracha, plásticos, vidro, brinquedos, minério, petróleo e gás natural
Embalador, a mão	11.950	papel e celulose, químicos, cosméticos, farmacêutico, borracha, plásticos, vidro, brinquedos

Continua ►

TABELA 10 (conclusão)
Ranking das 20 ocupações entre as com mais desligamentos no setor Químico
Brasil - 2012

Ocupações	Desligados	20 + dos segmentos
Mecânico de manutenção de máquinas, em geral	11.369	sucroalcooleiro, papel e celulose, químicos, cosméticos, farmacêutico, borracha, plásticos, vidro, minério, petróleo e gás natural
Almoxarife	11.167	papel e celulose, químicos, cosméticos, farmacêutico, borracha, plásticos, vidro, brinquedos, petróleo e gás natural
Trabalhador volante da agricultura	10.172	sucroalcooleiro
Operador de produção (química, petroquímica e afins)	8.149	químicos, farmacêutico, borracha, plásticos
Auxiliar de produção farmacêutica	7.451	químicos, cosméticos, farmacêutico
Faxineiro	6.318	sucroalcooleiro, químicos, cosméticos, farmacêutico, plásticos, vidro
Servente de obras	6.106	sucroalcooleiro, minério
Apontador de produção	6.097	sucroalcooleiro, cosméticos, farmacêutico, plásticos
Embalador, a máquina	5.221	papel e celulose, químicos, cosméticos, farmacêutico, plásticos, brinquedos
Trabalhador agropecuário, em geral	4.928	sucroalcooleiro
Soldador	4.632	sucroalcooleiro, minério, petróleo e gás natural
Total das 20 + ocupações	475.667	
TOTAL GERAL	850.188	

Fonte: MTE. Rais
 Elaboração: DIEESE

Conclusões

Os dados aqui apresentados indicam que, para o setor Químico, o nível de rotatividade tende a ser menor nas atividades em que os processos produtivos são contínuos (exemplo: *petróleo e gás natural*), em comparação com aqueles em que há descontinuidade temporal e forte sazonalidade, como é o caso do segmento *sucroalcooleiro*. Da mesma forma, atividades com maior

exigência de escolaridade e níveis de qualificação/treinamento costumam apresentar baixos níveis de rotatividade, uma vez que o custo da substituição dos trabalhadores seria mais elevado do que naqueles setores em que a necessidade de qualificação/escolaridade é baixa.

Os dados apresentados de forma desagregada revelaram que, inclusive dentro de um mesmo setor, o fenômeno da rotatividade se expressa de diferentes formas, atingindo grupos diferenciados de trabalhadores, sendo observado em empresas com tamanhos e dinâmicas diferentes, entre outros. Nos 11 segmentos que compõem este setor, as realidades são distintas, mas a alta rotatividade está presente em todos eles.

Por isso, é importante reforçar que a grande causa da rotatividade não é o trabalhador e que ele não deve ser responsabilizado por um fenômeno que está presente em todo o mercado de trabalho brasileiro. As ações para combater esse fenômeno devem ter abrangência macro, mas também respeitar as particularidades setoriais e intra-setoriais para que tenham a efetividade almejada.

Anexo

TABELA 1
Agregações de Classes CNAE 2.0 em Grupos do setor Químico

Grupos	Classes CNAE 2.0
Sucroalcooleiro	107: Fabricação e refino de açúcar 193: Fabricação de biocombustíveis
Papel e celulose	171: Fabricação de celulose e outras pastas para fabricação de papel 172: Fabricação papel, cartolina e papel-cartão 173: Fabricação de embalagem de papel, cartolina, papel-cartão e papelão ondulado 174: Fabricação de produtos diversos de papel, cartolina, papel-cartão e papelão ondulado
Químicos	201: Fabricação de produtos químicos inorgânicos 202: Fabricação de produtos químicos orgânicos 203: Fabricação de resinas e elastômeros 204: Fabricação de fibras artificiais e sintéticas 205: Fabricação de defensivos agrícolas e desinfetantes domissanitários 206: Fabricação de sabões, detergentes, produtos de limpeza, cosméticos, produtos de perfumaria e de higiene pessoal 207: Fabricação de tintas, vernizes, esmaltes, lacas e produtos afins 209: Fabricação de produtos e preparados químicos diversos
Farmacêuticos	211: Fabricação de produtos farmoquímicos 212: Fabricação de produtos farmacêuticos
Borracha	221: Fabricação de produtos de borracha
Plásticos	222: Fabricação de produtos de material plástico
Vidros	231: Fabricação de vidro e de produtos de vidro
Brinquedos	322: Fabricação de instrumentos musicais 324: Fabricação de brinquedos e jogos recreativos
Minério	050: Extração de carvão mineral 071: Extração de minério de ferro 072: Extração de minerais metálicos não ferrosos 081: Extração de pedra, areia e argila 089: Extração de outros minerais não metálicos 099: Atividades de apoio à extração de minerais, exceto petróleo e gás natural
Produção e exploração de petróleo e gás natural	060: Extração de petróleo e gás natural 091: Atividades de apoio à extração de petróleo e gás natural 191: Coquearias 192: Fabricação de produtos derivados do petróleo

Fonte: IBGE. CNAE
Elaboração: DIEESE

TABELA 2
Relação entre a remuneração média real dos desligados e a dos ativos
no setor Químico - Brasil - 2007 a 2012 (em %)

Trabalhadores desligados X ativos em 31/12	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Sucroalcooleiro	72,2	70,1	75,1	73,6	74,0	69,6
Papel e celulose	80,1	77,1	75,9	70,3	66,1	68,1
Químicos	79,6	75,4	81,5	67,2	66,0	68,6
Cosméticos	75,5	77,4	78,1	77,6	71,6	74,4
Farmacêutico	74,9	81,9	87,6	87,6	76,0	78,2
Borracha	79,2	65,3	92,2	66,5	67,5	69,5
Plásticos	86,5	77,9	78,9	73,3	71,3	72,1
Vidro	88,3	79,9	81,2	65,0	63,9	64,3
Brinquedos	81,6	74,1	74,9	70,3	69,8	68,9
Minério	87,4	80,1	91,3	78,9	76,7	83,1
Petróleo e Gás Natural	56,5	57,3	57,7	67,5	76,8	72,6
Total	59,4	56,8	61,3	60,3	61,0	61,4

Fonte: MTE. Rais
 Elaboração: DIEESE

Capítulo 3

A rotatividade no setor da Construção

Mercado de trabalho no setor da Construção

O setor da Construção é composto pelos seguintes segmentos: *construção de edifícios* (formado pelas obras de edificações ou residenciais e pelas de incorporação de empreendimentos imobiliários); *construção de obras de infraestrutura* (construção pesada); e *serviços especializados para construção*, conforme as divisões 41, 42 e 43, da Classificação Nacional de Atividade Econômica - CNAE 2.0 (IBGE)¹.

Na Indústria da Construção, o atraso histórico das relações de trabalho, a ausência de ação propositiva e fiscalizatória do Estado no enfrentamento das questões centrais que têm impactos sobre o setor - informalidade, rotatividade, terceirização, saúde e segurança - são os principais desafios a ser vencidos de forma a estabelecer relações e condições de trabalho decentes para os trabalhadores.

De acordo com as informações da Relação Anual de Informações Sociais (Rais) de 2012, o total de vínculos ativos no setor da Construção alcançou a cifra de 3 milhões, em 31 dezembro daquele ano, o que representa um aumento de 80,0% em relação a 2007. A maior parte dos trabalhadores do setor encontra-se na atividade de *construção de edifícios*, que concentra 47,7% do total de trabalhadores; o de *infraestrutura* absorve cerca de 29,7% dos empregados; e os *serviços especializados para construção*, por sua vez, emprega 22,6% desse contingente.

1. A indústria da construção é formada pelas divisões 41, 42 e 43, da CNAE 2.0. A divisão 41 corresponde à construção de edifícios - que abrange as obras de construção de edifícios e de incorporação de empreendimentos imobiliários; a divisão 42 é da construção de obras de infraestrutura - que engloba a construção de rodovias, ferrovias, obras urbanas, obras de artes especiais, obras de infraestrutura para energia elétrica, telecomunicações, água, esgoto, transporte por dutos e construção de outras obras de infraestrutura; e a divisão 43 corresponde aos serviços especializados para construção - formada por obras de demolição e preparação do terreno, instalações elétricas, hidráulicas, outras instalações em construções, obras de acabamento e outros serviços especializados para a construção. Conclia - Comissão Nacional de Classificação. Disponível em www.cnae.ibge.gov.br.

TABELA 1
Número de vínculos ativos no setor da Construção e suas divisões
Brasil - 2007 a 2012

CNAE 2.0 Classe Ativos em 31/12	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Divisão 41 - Construção de Edifícios	718.472	852.125	957.057	1.197.149	1.309.243	1.339.911
Divisão 42 - Construção de Obras de Infraestrutura	610.393	720.109	788.111	847.985	920.170	945.889
Divisão 43 - Serviços Especializados para Construção	345.618	414.897	476.086	588.540	679.718	729.573
Total	1.674.483	1.987.131	2.221.254	2.633.674	2.909.131	3.015.373

Fonte: MTE, Rais
 Elaboração: DIEESE

O setor da Construção é majoritariamente masculino: 91,1% da força de trabalho é composta por homens e apenas 8,9% são mulheres. As trabalhadoras estão mais presentes no segmento de *construção de edifícios*. Além disso, vale destacar que a maior concentração feminina no setor da Construção é observada em atividades administrativas (Tabela 1 do Anexo).

No que diz respeito à idade dos trabalhadores do setor, os dados indicam que cerca de 35,0% dos vínculos ativos em 2012, estavam concentrados na faixa de até 29 anos, seguida da faixa de 30 a 39 anos, com cerca de 30,0% dos contratos ativos no período (Tabela 2 do Anexo).

Com o aumento da escolaridade média do brasileiro, verifica-se que a taxa de analfabetismo tem se reduzido - segundo o último Censo do IBGE, a taxa de analfabetismo caiu de 15,7% para 10,5%, entre 2000 e 2010, considerando as pessoas com cinco anos ou mais de idade. Esta melhora nos indicadores educacionais, por consequência, gera impactos diretos sobre o perfil da mão de obra que chega ao mercado de trabalho. O setor da Construção, atividade em que o analfabetismo sempre foi uma realidade, também tem apresentado redução na participação de trabalhadores sem instrução nos últimos anos. O Censo de 2010 indica uma taxa de analfabetismo de 8,2% para o setor, enquanto em 2000, esta era de 10,7%. Em 1980, por sua vez, 22,0% dos trabalhadores do setor não eram alfabetizados.

Já as informações da Rais indicam, para o mercado formal, uma redução de 1,1% na participação dos trabalhadores sem instrução no total do setor, em 2007, para 0,9%, em 2012. Apesar dessa melhora nos números relativos, houve forte expansão, em números absolutos, do emprego no setor - que cresceu 54%. Por outro lado, aumentou também a participação dos trabalhadores

com nível médio completo, cujo percentual passou de 21,4%, em 2007, para 33,0%, em 2012. Destaca-se também a expressiva participação de trabalhadores com o nível fundamental completo, que respondem por 18,6% do total de trabalhadores na Construção (Tabela 3 do Anexo).

Quanto à **jornada de trabalho** na *indústria da construção*, nota-se a predominância da jornada semanal contratada na faixa de 41 a 44 horas, que prevalece para 97% dos trabalhadores contratados formalmente nesse segmento em 2012. Esta faixa da jornada é predominante nas três divisões do setor (Tabela 4 do Anexo).

O rendimento médio real na atividade da Construção entre 2007 e 2012 registrou crescimento de 24,3%, ao passar de R\$ 1.415,22, em dezembro de 2007, para R\$ 1.758,98, em 2012. Considerando os segmentos do setor, o maior avanço na remuneração ocorreu para *obras de infraestrutura*, que, no período em análise, cresceu 33,0%. Na atividade de *construção de edifícios*, a remuneração aumentou 26,0% e nos *serviços especializados para construção*, o avanço foi de aproximadamente 16,0% no mesmo período (Tabela 5 do Anexo).

Perfil dos desligamentos no setor da Construção

O mercado de trabalho no setor da Construção, no ciclo recente de expansão setorial iniciado em 2004, também se ampliou. Chama a atenção, no entanto, que ao longo dos últimos anos, apesar de todo o aumento observado no emprego setorial, a proporção de desligamentos - contratos que foram rompidos ao longo do ano - em relação ao total de vínculos (ativos e inativos) permanece estável. Isto é, cresce o emprego, mas sobe em proporção semelhante o número de desligamentos. A Tabela 2 apresenta o comportamento destas variáveis entre 2007 e 2012, para o setor. Percebe-se que o volume de desligados no ano permanece acima do estoque de vínculos ativos em 31 de dezembro de cada ano, em toda a série, com exceção de 2007.

TABELA 2
Número de vínculos ativos e desligados no setor da Construção
Brasil - 2007 a 2012

Vínculos ativos e desligados	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Vínculos ativos em 31/12	1.674.483	1.987.131	2.221.254	2.633.674	2.909.131	3.015.373
Desligados no ano	1.606.925	2.150.652	2.262.479	2.847.614	3.174.892	3.386.708
Total de vínculos	3.281.408	4.137.783	4.483.733	5.481.288	6.084.023	6.402.081
% desligados no ano	49,0	52,0	50,5	52,0	52,2	52,9

Fonte: MTE. Rais
Elaboração: DIEESE

Na análise por unidades da Federação, nota-se que os estados de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro, da mesma maneira que lideram o *ranking* de quantidade de vínculos ativos, também são líderes em rompimentos de contratos de trabalho. Em 2012, São Paulo foi responsável por cerca de 22,0% dos desligamentos no setor da Construção, seguido por Minas Gerais, com 13,7%, e o Rio de Janeiro, que aparece em terceiro lugar, com 7,5% dos desligamentos (Tabela 3).

TABELA 3
Quantitativo e distribuição dos desligamentos no setor da Construção
Brasil e Unidades da Federação - 2007, 2009 e 2012

UF	Nº de desligamentos (em n.º absolutos)			Participação no total de desligamentos (em %)		
	2007	2009	2012	2007	2009	2012
11 - Rondônia	9.545	26.284	44.873	0,59	1,16	1,32
12 - Acre	4.810	7.724	8.711	0,30	0,34	0,26
13 - Amazonas	16.864	28.163	40.235	1,05	1,24	1,19
14 - Roraima	1.797	4.861	4.131	0,11	0,21	0,12
15 - Pará	38.615	55.110	91.741	2,40	2,44	2,71
16 - Amapá	4.853	4.080	8.320	0,30	0,18	0,25
17 - Tocantins	14.383	17.597	18.616	0,90	0,78	0,55
21 - Maranhão	26.166	44.092	71.793	1,63	1,95	2,12
22 - Piauí	16.573	26.260	42.311	1,03	1,16	1,25
23 - Ceará	48.737	69.585	128.048	3,03	3,08	3,78
24 - Rio Grande do Norte	30.275	32.567	54.066	1,88	1,44	1,60
25 - Paraíba	18.083	23.087	45.665	1,13	1,02	1,35
26 - Pernambuco	43.976	71.546	151.300	2,74	3,16	4,47
27 - Alagoas	12.482	14.675	41.899	0,78	0,65	1,24
28 - Sergipe	21.902	20.762	33.179	1,36	0,92	0,98
29 - Bahia	90.479	122.182	211.743	5,63	5,40	6,25
31 - Minas Gerais	298.633	362.417	466.538	18,58	16,02	13,78
32 - Espírito Santo	56.636	63.195	77.991	3,52	2,79	2,30
33 - Rio de Janeiro	125.075	194.917	254.111	7,78	8,62	7,50
35 - São Paulo	360.330	540.257	753.389	22,42	23,88	22,25
41 - Paraná	84.119	122.152	196.993	5,23	5,40	5,82
42 - Santa Catarina	63.772	87.481	122.607	3,97	3,87	3,62
43 - Rio Grande do Sul	76.645	104.937	167.206	4,77	4,64	4,94
50 - Mato Grosso do Sul	21.887	33.219	50.179	1,36	1,47	1,48
51 - Mato Grosso	32.354	44.417	65.701	2,01	1,96	1,94
52 - Goiás	57.596	90.765	145.978	3,58	4,01	4,31
53 - Distrito Federal	30.338	50.147	89.384	1,89	2,22	2,64
Total	1.606.925	2.262.479	3.386.708	100,00	100,00	100,0

Fonte: MTE. Rais
Elaboração: DIEESE

Considerando os desligamentos segundo o sexo (Tabela 4), observa-se, pela própria peculiaridade do setor, que o volume tanto dos desligamentos quanto dos vínculos ativos é muito maior entre os homens. Em 2012, entre os desligados, nota-se que 95% são homens e 5,0%, mulheres. Nesse sentido, duas observações são importantes. A primeira é que o contingente de mulheres nos anos observados, ou seja, 2007, 2009 e 2012, manteve o volume de contratos ativos superior aos desligamentos, mas o contrário ocorre entre os homens. A segunda, em relação ao avanço dos desligamentos entre homens e mulheres, constata-se que os desligamentos cresceram 107,6% entre os homens e 186,5% entre as mulheres. No entanto, vale relativizar esse crescimento maior dos desligamentos entre as mulheres, uma vez que o avanço dos contratos ativos também foi superior ao dos homens no período, chegando a 123%, para as mulheres e 77%, para os homens.

TABELA 4
Distribuição dos desligamentos e dos vínculos ativos no setor da Construção e suas divisões, segundo sexo - Brasil - 2007, 2009 e 2012

Variáveis	Homens			Mulheres		
	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Desligados						
Divisão 41 - Construção de Edifícios	96,4	96,1	94,9	3,6	3,9	5,1
Divisão 42 - Construção de Obras de Infraestrutura	95,9	95,7	94,5	4,1	4,3	5,5
Divisão 43 - Serviços Especializados para Construção	95,8	95,3	94,6	4,2	4,7	5,4
Total	96,1	95,8	94,7	3,9	4,2	5,3
Ativos em 31/12						
Divisão 41 - Construção de Edifícios	92,4	91,9	90,6	7,6	8,1	9,4
Divisão 42 - Construção de Obras de Infraestrutura	93,1	92,3	91,3	6,9	7,7	8,7
Divisão 43 - Serviços Especializados para Construção	93,3	92,7	91,8	6,7	7,3	8,2
Total	92,9	92,2	91,1	7,1	7,8	8,9

Fonte: MTE. Rais
Elaboração: DIEESE

Em 2012, os dados da Rais indicam que, entre os vínculos ativos em 31 de dezembro, 50,2% são compostos por negros e 49,8% por não negros. Entre os desligamentos, essa ordem se mantém: cerca de 53,0% dos contratos interrompidos são de trabalhadores negros, enquanto aproxima-

damente 48,0% são de não negros. Entre as divisões do setor, observa-se que a maior concentração de desligamentos entre negros ocorre no segmento de *obras de infraestrutura*, enquanto entre não negros é observada nas atividades ligadas aos *serviços especializados para construção*, conforme pode ser verificado na Tabela 5.

TABELA 5
Distribuição dos desligamentos no setor da Construção e suas divisões
segundo cor/raça - Brasil - 2007, 2009 e 2012

Classificação CNAE 2.0	Negros ⁽¹⁾			Não negros ⁽²⁾		
	2007	2009	2012	2007	2009	2012
Divisão 41 - Construção de Edifícios	48,6	49,3	51,8	51,4	50,6	48,1
Divisão 42 - Construção de Obras de Infraestrutura	52,0	55,6	59,5	47,9	44,4	40,5
Divisão 43 - Serviços Especializados para Construção	44,1	43,4	44,6	55,9	56,6	55,4
Total	49,0	50,4	52,5	51,0	49,6	47,5

Fonte: MTE. Rais
Elaboração: DIEESE

Nota: (1) Negros e pardos; (2) Amarelos, brancos e não identificados

O setor da Construção possuía, em 2012, mais de 3 milhões de vínculos ativos no mercado formal. No entanto, há um contingente também bastante expressivo na informalidade, já que, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), realizada pelo IBGE, que capta não só o mercado formal, como também o informal, estavam ocupados no setor da Construção aproximadamente 8 milhões de trabalhadores. Esse dado apenas confirma que a informalidade é um traço marcante na atividade. A despeito do avanço na formalização dos contratos de trabalho no setor nos últimos anos, estes são em boa parte de curta duração e, por isso, o volume de desligamentos permanece elevado. Em 2012, foram encerrados 3,38 milhões de contratos de trabalho, número 6,6% superior ao registrado em 2011. Na comparação com 2007, nota-se aumento de 110,7%, ou seja, os desligamentos mais que dobraram no período em questão.

Na análise por segmento, verifica-se que na *construção de edifícios* houve maior volume de desligamentos, seguido por *construção de obras de infraestrutura* e, finalmente, pelos *serviços especializados para a construção*. Essa ocorrência pode ser observada em todos os anos da série analisada, conforme dados da Tabela 6.

TABELA 6
Número de desligamentos no setor da Construção e suas divisões
Brasil - 2007 a 2012

CNAE 2.0 Classe	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Divisão 41 - Construção de Edifícios	744.262	982.698	1.014.421	1.298.390	1.541.374	1.614.648
Divisão 42 - Construção de Obras de Infraestrutura	575.368	783.272	807.560	977.211	941.295	1.007.130
Divisão 43 - Serviços Esp. para Construção	287.295	384.682	440.498	572.013	692.223	764.930
Total	1606.925	2.150.652	2.262.479	2.847.614	3.174.892	3.386.708

Fonte: MTE. Rais
 Elaboração: DIEESE

Com esse nível de desligamento a cada ano, esperava-se para a Construção a presença de um volume considerável de contratos por prazo determinado, pois seriam mais apropriados a vínculos de tão curta duração. No entanto, quando se analisa o tipo de contrato dos desligados no período considerado, percebe-se que aproximadamente 95% dos contratos no setor são por prazo indeterminado (Tabela 7).

TABELA 7
Distribuição dos desligados na Construção, segundo tipos de contrato
Brasil - 2007 a 2012 (em %)

Tipo de contrato	2007	2008	2009	2010	2011	2012
CLT ⁽¹⁾ urbano vinculado a PJ ⁽²⁾ prazo indeterminado	91,6	92,5	93,0	93,4	94,1	94,6
CLT ⁽¹⁾ urbano vinculado a PF ⁽³⁾ prazo indeterminado	4,5	3,9	3,7	3,0	2,7	2,2
CLT ⁽¹⁾ urbano vinculado a PJ ⁽²⁾ prazo determinado	2,9	2,6	2,2	2,6	2,1	2,1
Demais tipos de contrato	1,0	1,0	1,0	1,0	1,1	1,2
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: MTE. Rais
 Elaboração: DIEESE

Nota: (1) Consolidação das Leis do Trabalho; (2) Pessoa Jurídica; (3) Pessoa Física

O fato de prevalecerem os contratos por prazo indeterminado nos desligamentos observados no setor da Construção deve ser analisado mais detalhadamente. No que se refere ao tempo de duração desses contratos, a

suposição é de que os por prazo indeterminado seriam efetivados para aqueles trabalhadores que a empresa pretende manter, através de uma realocação em outras obras. Assim, terminada a obra em que eles estariam alocados, a empresa promoveria a transferência desse pessoal para novo empreendimento, sem a necessidade de romper o contrato. Contudo, como mostra a Tabela 8, mais da metade dos contratos firmados por prazo indeterminado é rescindida antes de completar seis meses de duração. O volume expressivo de desligamentos, que ultrapassa o número de vínculos remanescentes ao final de cada ano, bem como a curtíssima duração dos vínculos que são desfeitos, aponta para o fenômeno da elevada rotatividade neste setor de atividade econômica.

TABELA 8
Proporção de desligamentos de vínculos com menos de seis meses de duração, segundo tipos de contrato no setor da Construção - Brasil - 2007 a 2012 (em %)

Tipo de contrato	2007	2008	2009	2010	2011	2012
CLT ⁽¹⁾ urbano vinculado a PJ ⁽²⁾ prazo indeterminado	56,6	58,7	55,3	57,4	56,3	55,4
CLT ⁽¹⁾ urbano vinculado a PF ⁽³⁾ prazo indeterminado	51,7	52,4	49,9	50,3	48,9	47,9
CLT ⁽¹⁾ urbano vinculado a PJ ⁽²⁾ prazo determinado	73,4	74,7	72,4	70,4	69,3	69,9
Demais tipos de contrato	59,7	61,1	61,8	59,8	56,9	51,4
Total	56,9	58,9	55,6	57,5	56,4	55,5

Fonte: MTE. Rais

Elaboração: DIEESE

Nota: (1) Consolidação das Leis do Trabalho; (2) Pessoa Jurídica; (3) Pessoa Física

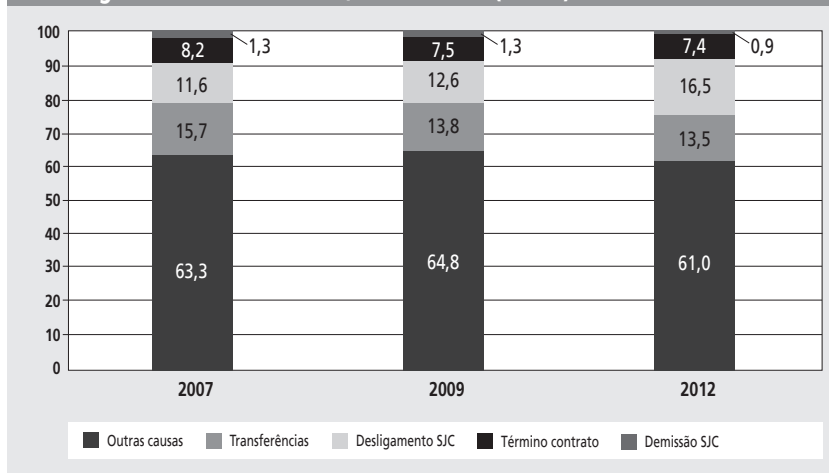
Observando as causas de desligamentos no setor da Construção (Gráfico 1), há uma prevalência das rescisões sem justa causa por iniciativa do empregador, ou seja, praticamente dois em cada três contratos são rompidos a cada ano, seguidos do término de contrato de trabalho que abrange um em cada sete vínculos desligados. Essas proporções se mantêm praticamente inalteradas, ao contrário da rescisão a pedido do empregado, que aumentou consideravelmente no período analisado (de 11,6% para 16,4%, entre 2007 e 2012), possivelmente resultado do incremento das oportunidades de novas vagas com remunerações mais elevadas.

Com o aquecimento do setor, em larga medida decorrente do aumento de investimentos em grandes obras (principalmente relacionadas ao PAC), a partir de 2007, passou a ocorrer a migração dos trabalhadores da *construção de edificações* para o segmento da *construção pesada*, que tem remuneração mais

elevada, em razão das funções mais especializadas que o segmento demanda, por ser intensivo em uso de máquinas e equipamentos.

GRÁFICO 1

Distribuição dos desligamentos no setor da Construção segundo as causas de desligamento - Brasil - 2007, 2009 e 2012 (em %)



Fonte: MTE. Rais
Elaboração: DIEESE

Outro aspecto a ser abordado se refere aos desligamentos de vínculos com menos de três meses (período de experiência), responsáveis por mais de um terço do total da movimentação no setor. Observa-se nesta situação a predominância do término de contrato (35,4%) como o principal motivo para o desligamento de trabalhadores na *indústria da construção*. O término de contrato também é o principal motivo para as rescisões contratuais nos segmentos de *construção de edifícios e serviços especializados para a construção*. No segmento de obras de infraestrutura, a principal causa de desligamento é a demissão sem justa causa. Destaca-se ainda que a maior parte dos contratos encerrados, independentemente do motivo, estava vinculada à pessoa jurídica por prazo indeterminado. Esse nível de desligamento com tão curto tempo de contrato pode sugerir a prática adotada no setor, de desligamento antes do término do período de experiência de 90 dias (Tabela 9).

Considerando a escolaridade, constata-se que a faixa com maior frequência de desligados é a que corresponde ao nível médio completo, com cerca de 30,0% dos desligamentos ocorridos em 2012 (Tabela 10). Observa-se também que essa participação vem aumentando: em 2007 era de 17,0% e em

TABELA 9

Distribuição dos vínculos desligados com menos de três meses de duração segundo as causas de desligamento no setor da Construção e suas divisões
Brasil - 2007, 2009 e 2012 (em %)

Trabalhadores desligados - 2007	Demissão sem justa causa	Término de contrato	Desligamento SJC	Transferências	Outras causas	Total
Construção de Edifícios	27,2	42,2	20,8	8,9	0,9	100,0
Construção de obras de infraestrutura	39,8	32,2	16,9	10,1	0,9	100,0
Serviços Especializados para Construção	30,4	38,4	24,3	5,5	1,4	100,0
Total	32,0	38,1	20,1	8,7	1,0	100,0
Trabalhadores desligados - 2009	Demissão sem justa causa	Término de contrato	Desligamento SJC	Transferências	Outras causas	Total
Construção de Edifícios	27,0	39,2	23,8	9,0	1,1	100,0
Construção de Obras de Infraestrutura	42,1	29,7	17,7	9,6	1,0	100,0
Serviços Especializados para Construção	27,6	38,3	28,4	4,4	1,2	100,0
Total	32,0	35,9	22,8	8,2	1,1	100,0
Trabalhadores desligados - 2012	Demissão sem justa causa	Término de contrato	Desligamento SJC	Transferências	Outras causas	Total
Construção de Edifícios	24,3	38,4	27,8	8,4	1,3	100,0
Construção de Obras de Infraestrutura	42,5	27,2	20,8	8,4	1,2	100,0
Serviços Especializados para Construção	22,6	38,3	33,7	3,7	1,6	100,0
Total	28,6	35,4	27,4	7,2	1,3	100,0

Fonte: MTE. Rais
 Elaboração: DIEESE

2009 foi de 22,0%. Nesses últimos anos, o grau de instrução com maior participação nos desligamentos foi o referente ao nível fundamental completo, com participação de 23,1% e 22,7%, respectivamente em 2007 e 2012. Essa realidade é observada nos três segmentos do setor da Construção, sendo que *serviços especializados para a construção* foi a atividade com maior participação nos desligamentos de trabalhadores com nível médio completo, cerca de 37,0%, seguido por *obras de infraestrutura*, com 31,0% e o segmento de *construção de edifícios*, com 25,0% dos desligados com este nível de escolaridade (Tabela 6 do Anexo).

TABELA 10
Distribuição dos desligamentos no setor da Construção, segundo escolaridade
Brasil - 2007, 2009 e 2012 (em %)

Escolaridade	Desligados em 31 de dezembro			Ativos em 31 de dezembro		
	2007	2009	2012	2007	2009	2012
Analfabeto	1,3	1,1	1,0	1,1	1,0	0,9
Até 5ª Incompleto	11,7	10,2	10,1	10,8	9,7	9,0
5ª Completo Fundamental	14,5	12,3	9,0	13,6	11,2	8,2
6ª a 9ª Fundamental	21,7	20,6	16,8	19,1	17,8	14,7
Fundamental Completo	23,1	22,7	20,6	20,7	20,6	18,6
Médio Incompleto	7,7	8,4	9,7	7,4	8,2	8,9
Médio Completo	17,2	21,7	29,6	21,4	25,3	32,9
Superior Incompleto	0,9	1,0	1,1	1,7	1,8	1,9
Superior Completo	1,8	2,0	2,1	4,1	4,3	4,8

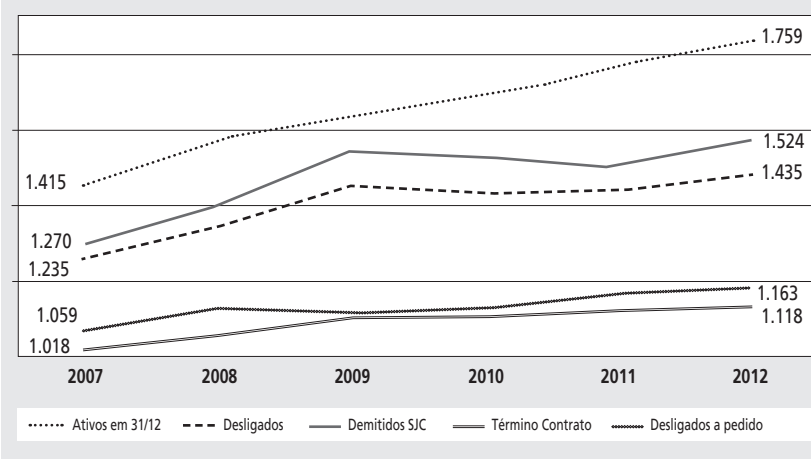
Fonte: MTE. Rais
 Elaboração: DIEESE

No que se refere à remuneração média real dos desligados, verifica-se que a remuneração daqueles que foram desligados, independentemente da causa, é inferior ao rendimento médio daqueles que permaneceram com os contratos ativos. Em dezembro de 2012, a média remuneratória dos desligados era de R\$ 1.434,76 e daqueles que permaneceram ativos no mercado foi de R\$ 1.758,98. Desagregando os afastamentos segundo as causas, a maior remuneração média foi registrada nos desligamentos sem justa causa, R\$ 1.524,31, valor que estava, inclusive, acima da média geral do setor (Gráfico 2).

Na relação entre os valores recebidos pelos desligados e os dos vínculos ativos, em 2012, verifica-se que as remunerações mais próximas dos ganhos dos ativos foram encontradas entre os desligados sem justa causa. No caso desses trabalhadores, o rendimento representa cerca de 87,0% do que ganham aqueles que permaneceram com os contratos ativos. A situação menos favorável é dos que foram desligados na modalidade término de contrato, cuja remuneração corresponde a aproximadamente 64,0% da obtida por aqueles que mantiveram os vínculos ativos (Tabela 11).

O setor da Construção, em 2012, contava com 208.537 estabelecimentos, que mantinham ativos mais de 3 milhões de vínculos. No mesmo período, foram interrompidos 3,38 milhões de vínculos, cerca de 76% deles por iniciativa do empregador (desligados descontados), nas modalidades de demissão sem justa causa ou término de contrato, também denominadas dis-

GRÁFICO 2

Remuneração média real no setor da Construção
Brasil - 2007 a 2012

Fonte: MTE. Rais. Elaboração: DIEESE

TABELA 11

Relação entre a remuneração dos desligados e dos ativos em 31/12, segundo as causas de desligamento no setor da Construção - Brasil - 2007 a 2012

Tempo no emprego	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Desligados no ano	87,3	86,3	90,1	86,4	82,5	81,6
Demitidos sem justa causa	89,7	89,5	95,3	91,5	85,8	86,7
Término de contrato	71,9	68,9	69,6	67,8	65,6	63,6
Desligamento a pedido	74,8	73,0	70,2	68,9	67,9	66,1

Fonte: MTE. Rais
Elaboração: DIEESE

penas imotivadas. Nas divisões do setor, nota-se que no segmento de *construção de edifícios*, as demissões por iniciativa do empregador correspondiam a 46,0% do total de desligamentos; nas *obras de infraestrutura*, a 32,0%; e nos *serviços especializados*, ficaram em 22,0%.

Do total de estabelecimentos ativos no setor em 2012 (208.537), observa-se que 30,0% não realizou nenhum desligamento imotivado. Contudo, nota-se que 5% dos estabelecimentos (10.426) concentram 65,0% (1.666.309 vínculos) dos desligamentos por iniciativa do empregador. Verifica-se ainda que apenas 1,0% dos estabelecimentos (2.085) foi responsável por 39,2% (1.005.042 vínculos) dos desligamentos descontados no período em questão. Essa informa-

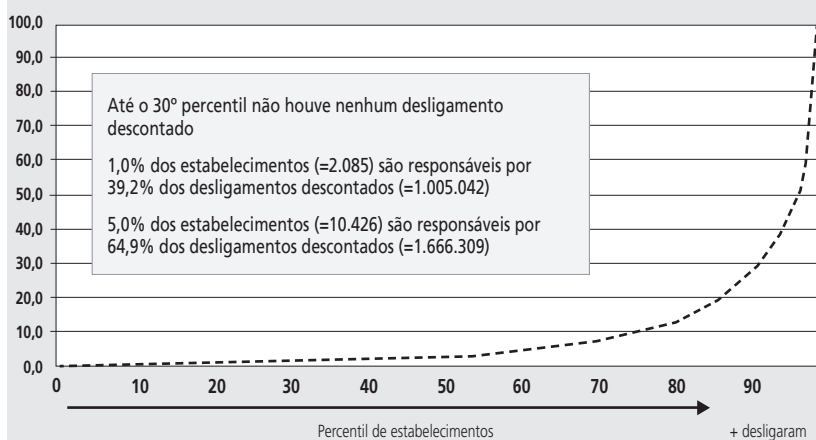
TABELA 12
Distribuição dos Estabelecimentos, vínculos ativos, desligados e desligados descontados no setor da Construção e suas divisões - Brasil - 2012

	Ativos em 31/12	Desligados no ano	Desligados descontados	Estabelecimentos
Construção de edifícios	1.339.911	1.614.648	1.197.479	109.211
Obras de infraestrutura	945.889	1.007.130	810.444	25.565
Serviços especializados para construção	729.573	764.930	558.379	73.761
Total	3.015.373	3.386.708	2.566.302	208.537

Fonte: MTE. Rais
 Elaboração: DIEESE

GRÁFICO 3

Desligados descontados acumulados segundo percentil de estabelecimentos na Construção - Brasil - 2012



Fonte: MTE. Rais
 Elaboração: DIEESE

ção é importante porque evidencia que o fenômeno da rotatividade no setor é concentrado, uma vez que um grande número de desligamentos ocorre em função da decisão de um número reduzido de estabelecimentos.

No que diz respeito à distribuição dos desligamentos segundo o tempo de emprego, verifica-se, no setor, o peso dos contratos rompidos na faixa com menos de três meses. Em 2012, a participação dessa faixa foi de aproximadamente 36%; em 2009, ficou em 35%; e em 2007, em 37%. Essa informação, apesar de ainda merecer um estudo mais profundo, pode confirmar o

fato de as empresas do setor romperem o contrato antes do término do período de experiência.

Em todas as divisões do setor da Construção, observa-se o predomínio dos desligamentos na faixa com menos de três meses de emprego. Na divisão de *construção de edifícios*, a participação do grupo com menos de três meses no total de desligamentos foi de 36% em 2012, 37% em 2009 e 38% em 2007. Nas *obras de infraestrutura*, a proporção correspondeu a 31% em 2012, 32% em 2009 e 34% em 2007. A divisão ligada aos *serviços especializados para a construção*, por sua vez, apresentou taxas de participação nos desligamentos com menos de três meses de emprego de 40%, 38% e 37%, em 2012, 2009 e 2007, respectivamente (Tabela 8 do Anexo).

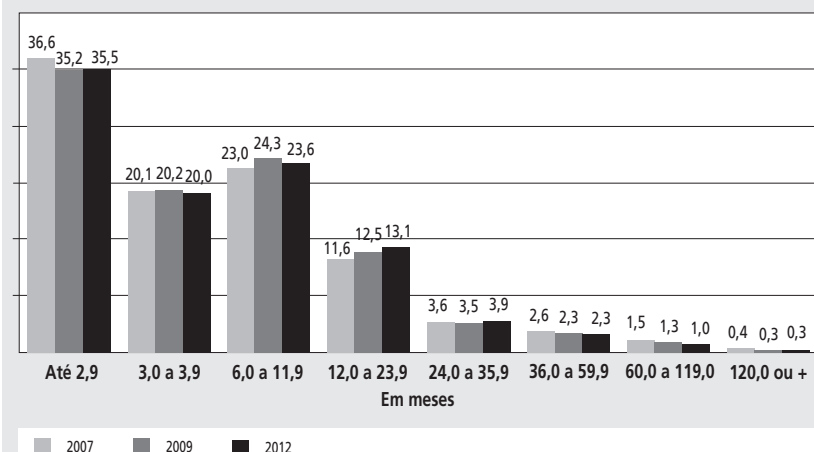
Merece destaque também a participação dos vínculos rompidos com menos de seis meses de emprego, no setor em análise. A participação dessa faixa foi de 20% nos três anos analisados.

Os desligamentos com seis meses a menos de um ano de emprego também apresentam proporção expressiva no total dos desligamentos - 23,6%, em 2012; 24,3%, em 2009; e 23,0%, em 2007.

No tocante às ocupações na Construção, constata-se uma forte concentração de vínculos desligados em apenas 20 famílias ocupacionais. Entre 2007 e 2012 se observa que essas 20 famílias ocupacionais foram responsáveis

GRÁFICO 4

Distribuição dos desligamentos no setor da Construção segundo o tempo de emprego - Brasil - 2007, 2009 e 2012 (em %)



Fonte: MTE. Rais
Elaboração: DIEESE

por cerca de 73% de todos os desligamentos no setor. Apenas os serventes de obras responderam por aproximadamente um terço de todos os desligamentos na Construção.

Além disso, com exceção da 19ª posição do *ranking* (almoxarife), as 20 famílias que apresentaram maior número de desligamentos no setor são praticamente sempre as mesmas no período analisado. Houve apenas uma mudança no *ranking* entre elas, e as três primeiras têm sido: servente de obras, pedreiro e carpinteiro.

TABELA 13
Ranking e participação das 20 principais famílias ocupacionais nos desligamentos da Construção - Brasil - 2007, 2009 e 2012

Classificação Brasileira de Ocupações CBO e Descrição CBO	Posição no ranking de desligamentos			Participação da ocupação nos desligamentos (em %)		
	2007	2009	2012	2007	2009	2012
717020: Servente de Obras	1	1	1	33,5	33,3	32,4
715210: Pedreiro	2	2	2	13,3	13,4	14,6
715505: Carpinteiro	3	3	3	3,2	3,6	3,8
716610: Pintor de obras	7	7	4	1,7	1,7	2,2
710205: Mestre (Construção Civil)	5	5	5	2,0	2,1	2,1
715525: Carpinteiro de Obras	4	4	6	2,2	2,2	1,8
782510: Motorista de Caminhão (Rotas Regionais e Internacionais)	19	6	7	0,8	2,0	1,8
715315: Armador de Estrutura de Concreto Armado	13	9	8	1,2	1,5	1,7
411005: Auxiliar de Escritório, em geral	9	8	9	1,5	1,5	1,7
715615: Eletricista de Instalações	8	10	10	1,6	1,5	1,5
715230: Pedreiro de Edificações	10	13	11	1,5	1,3	1,4
715305: Armador de Estrutura de Concreto	15	11	12	1,2	1,4	1,4
724110: Encanador	12	14	13	1,3	1,2	1,3
724315: Soldador	6	12	14	1,8	1,4	1,1
411010: Assistente Administrativo	20	18	15	0,7	0,8	1,0
517420: Vigia	16	15	16	1,1	1,0	0,9
715545: Montador de Andaimas (Edificações)	17	16	17	0,8	0,9	0,9
951105: Eletricista de Manutenção Eletrônica	14	20	18	1,2	0,7	0,7
414105: Almoxarife	-	-	19	-	-	0,7
724205: Montador de Estruturas Metálicas	11	19	20	1,3	0,7	0,7
Total das 20 ocupações que mais desligaram				72,4	73,2	73,5

Fonte: MTE. Rais
Elaboração: DIEESE

Taxa de rotatividade no setor da Construção

Há uma série de indicações sobre as possíveis causas da rotatividade, a depender do setor e dos segmentos. Nesse sentido, do ponto de vista das empresas, as principais razões para esse fenômeno são: flutuações na demanda relacionadas ao ciclo econômico ou à sazonalidade (como ocorre no setor Comércio); ciclo do negócio (como ocorre na Construção); mudanças tecnológicas; controle individual e coletivo do trabalho; redução de custos, terceirização, entre outros.

Para o trabalhador, a rotatividade, em geral, representa instabilidade no emprego; rebaixamento salarial e impedimento da formação profissional, em função da interrupção do exercício do trabalho e da aprendizagem, entre vários outros aspectos negativos.

A taxa de rotatividade no mercado de trabalho formal é calculada comparando-se, a cada ano, o menor número entre admissões e desligamentos com o total de vínculos ativos². Como se pode perceber, as taxas calculadas para a Construção estão muito acima da média nacional em todas as divisões da CNAE. Ao se analisar o comportamento entre 2007 e 2012, vê-se que a rotatividade no setor é muito elevada, mesmo considerando a taxa descontada, da qual se excluem os contratos rompidos por transferências, falecimentos, aposentadorias e quando o trabalhador pede demissão.

A taxa global de rotatividade no setor da Construção em 2012 foi de 114,3%, resultado superior a 2007, quando foi de 103,2%. Entre os segmentos que compõem o setor, verifica-se que o da *construção de edifícios* foi o que registrou a maior taxa em 2012, 121,9%, seguido pelos *serviços especializados para construção*, 108,6% e, por fim, *obras de infraestrutura*, com taxa de 107,9%. É importante frisar que taxa de rotatividade próxima ou superior a 100% não significa que todos os trabalhadores do setor tenham sido substituídos, mas que uma parcela significativa teve dois ou mais contratos rompidos a cada ano, fazendo com que as taxas médias atinjam essa ordem de grandeza.

A taxa de rotatividade descontada, assim como a taxa global, aumentou na *indústria da construção*, entre 2007 e 2012, ao passar de 82,5% para 86,6%, resultado que também supera a média nacional, que foi de 37,4% em 2012. Entre os segmentos que compõem o setor, o de *construção de edifícios* registrou a maior taxa, 90,4%; *construção de obras de infraestrutura* apresentou taxa de 86,9%; e os *serviços especializados para construção*, 79,2%. Nota-se que,

2. Para mais informações sobre a forma de cálculo da taxa de rotatividade, ver DIEESE, Rotatividade e Flexibilidade no Mercado de Trabalho, 2011.

dentro do setor, a incidência do fenômeno se dá de maneira diferenciada, embora, todos os segmentos sejam afetados e apresentem taxas de rotatividade superiores à média nacional.

TABELA 14
Taxa de rotatividade global e descontada no Setor da Construção
Brasil - 2007 a 2012 (em %)

Classificação CNAE	Taxa global					
	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Divisão 41 - Construção de Edifícios	110,4	125,1	112,1	120,5	123,0	121,9
Divisão 42 - Construção de Obras de Infraestrutura	102,3	117,7	107,1	119,5	106,5	107,9
Divisão 43 - Serviços Especializados para Construção	89,9	101,2	98,9	107,5	109,2	108,6
Setor da Construção	103,2	117,5	107,5	117,3	114,6	114,3
Brasil	46,7	52,4	49,2	53,2	54,6	55,2

Classificação CNAE	Taxa Descontada					
	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Divisão 41 - Construção de Edifícios	87,6	95,9	87,4	89,6	91,4	90,4
Divisão 42 - Construção de Obras de Infraestrutura	82,9	93,7	88,3	96,9	84,6	86,9
Divisão 43 - Serviços Especializados para Construção	71,1	78,1	77,3	80,4	80,0	79,2
Setor da Construção	82,5	91,4	85,6	90,0	86,6	86,6
Brasil	34,3	37,6	36,0	37,4	37,3	37,4

Fonte: MTE. Rais
Elaboração: DIEESE

Considerações finais

O fenômeno da rotatividade ocorre devido a vários fatores. No setor da Construção, a dinâmica do processo produtivo, caracterizada pela descontinuidade temporal e pela sazonalidade, contribui de maneira significativa para elevar o número de substituições dos trabalhadores. Entretanto, para além dessas características, observa-se que a alta rotatividade decorre principalmente da liberdade e facilidade de contratar e demitir, o que depende apenas da decisão do empregador, aliada ao baixo custo desse processo, uma vez que não há nenhum mecanismo legal que iniba a demissão imotivada, principal causa de rompimento do contrato no mercado de trabalho brasileiro.

Dessa forma, medidas devem ser debatidas para atenuar as significativas disparidades encontradas nas relações de trabalho na Construção, setor que é um importante gerador de empregos e riqueza para o país, mas que também carrega o peso de ser uma das atividades econômicas que mais expõem os trabalhadores à rotatividade no trabalho.

ANEXO

TABELA 1
Número de vínculos ativos e desligamentos no setor da Construção e suas divisões
segundo o sexo - Brasil - 2007, 2009 e 2012

Variáveis	Homens			Mulheres			Total		
	2007	2009	2012	2007	2009	2012	2007	2009	2012
Desligados									
Divisão 41 - Construção de Edifícios	717.567	974.437	1.532.382	26.695	39.984	82.266	744.262	1.014.421	1.614.648
Divisão 42 - Construção de Obras de Infra	551.865	773.110	951.730	23.503	34.450	55.400	575.368	807.560	1.007.130
Divisão 43 - Serv. Esp. p/ Construção	275.138	420.014	723.698	12.157	20.484	41.232	287.295	440.498	764.930
Total	1.544.570	2.167.561	3.207.810	62.355	94.918	178.898	1.606.925	2.262.479	3.386.708
Variáveis	Homens			Mulheres			Total		
	2007	2009	2012	2007	2009	2012	2007	2009	2012
Ativos em 31/12									
Divisão 41 - Construção de Edifícios	664.214	879.977	1.214.007	54.258	77.080	125.904	718.472	957.057	1.339.911
Divisão 42 - Construção de Obras de Infra	568.413	727.384	863.977	41.980	60.727	81.912	610.393	788.111	945.889
Divisão 43 - Serviços Esp. p/ Construção	322.318	441.159	670.101	23.300	34.927	59.472	345.618	476.086	729.573
Total	1.554.945	2.048.520	2.748.085	119.538	172.734	267.288	1.674.483	2.221.254	3.015.373

Fonte: MTE. Rais
 Elaboração: DIEESE

TABELA 2
Número e distribuição dos vínculos ativos no setor da Construção segundo
a faixa etária - Brasil - 2007, 2009 e 2012

Faixa etária	Construção Total		
	2007	2009	2012
10 A 17	4.541	6.180	12.594
18 A 24	265.163	371.497	527.275
25 A 29	285.867	376.908	511.551
30 A 39	499.229	654.341	892.779
40 A 49	372.382	478.216	608.760
50 A 64	236.911	319.819	437.207
65 ou mais	10.380	14.290	25.198
{n class}	10	3	9
Total	1.674.483	2.221.254	3.015.373

Faixa etária	Construção Total (em %)		
	2007	2009	2012
10 A 17	0,3	0,3	0,4
18 A 24	15,8	16,7	17,5
25 A 29	17,1	17,0	17,0
30 A 39	29,8	29,5	29,6
40 A 49	22,2	21,5	20,2
50 A 64	14,1	14,4	14,5
65 ou mais	0,6	0,6	0,8
{n class}	0,0	0,0	0,0
Total	100,0	100,0	100,0

Fonte: MTE. Rais
 Elaboração: DIEESE

TABELA 3
Número e distribuição dos vínculos ativos no setor da Construção segundo o grau de instrução - Brasil - 2007, 2009 e 2012

Grau de Instrução	Construção Total		
	2007	2009	2012
Analfabeto	18.917	23.101	26.100
Até 5ª Incompleto	180.950	216.316	270.872
5ª Completo Fundamental	227.295	249.498	248.438
6ª a 9ª Fundamental	319.950	394.452	442.039
Fundamental Completo	346.482	457.733	561.289
Médio Incompleto	124.355	181.705	268.981
Médio Completo	358.848	560.939	993.375
Superior Incompleto	27.699	39.386	57.637
Superior Completo	68.771	96.440	143.815
Mestrado	915	1.211	2.055
Doutorado	301	473	772
(ñ class)	-	-	-
Total	1.674.483	2.221.254	3.015.373

Grau de Instrução	Construção Total (em %)		
	2007	2009	2012
Analfabeto	1,1	1,0	0,9
Até 5ª Incompleto	10,8	9,7	9,0
5ª Completo Fundamental	13,6	11,2	8,2
6ª a 9ª Fundamental	19,1	17,8	14,7
Fundamental Completo	20,7	20,6	18,6
Médio Incompleto	7,4	8,2	8,9
Médio Completo	21,4	25,3	32,9
Superior Incompleto	1,7	1,8	1,9
Superior Completo	4,1	4,3	4,8
Mestrado	0,1	0,1	0,1
Doutorado	0,0	0,0	0,0
Não classificado	-	-	-
Total	100,0	100,0	100,0

Fonte: MTE. Rais
 Elaboração: DIEESE

TABELA 4
Número e distribuição dos vínculos ativos no setor da Construção segundo
a jornada de trabalho - Brasil - 2007, 2009 e 2012

Jornada de Trabalho	Construção Total		
	2007	2009	2012
Até 12 horas	3.458	2.575	3.513
13 a 15 horas	416	428	617
16 a 20 horas	2.733	4.606	11.615
21 a 30 horas	6.535	10.562	18.275
31 a 40 horas	34.372	37.139	54.564
41 a 44 horas	1.626.969	2.165.944	2.926.789
Total	1.674.483	2.221.254	3.015.373

Jornada de Trabalho	Construção Total (em %)		
	2007	2009	2012
Até 12 horas	0,2	0,1	0,1
13 a 15 horas	0,0	0,0	0,0
16 a 20 horas	0,2	0,2	0,4
21 a 30 horas	0,4	0,5	0,6
31 a 40 horas	2,1	1,7	1,8
41 a 44 horas	97,2	97,5	97,1
Total	100,0	100,0	100,0

Fonte: MTE. Rais
 Elaboração: DIEESE

TABELA 5
Remuneração média real dos vínculos ativos e dos desligados segundo a causa do desligamento no setor da Construção e suas divisões - Brasil - 2007 a 2012

Vínculos ativos e desligamentos	41 - Construção de Edifícios					
	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Ativos em 31/12	1.195,42	1.275,19	1.316,40	1.333,40	1.421,97	1.506,24
Desligados no ano	1.030,82	1.071,10	1.127,14	1.113,31	1.153,12	1.223,51
Demitidos sem justa causa	1.059,40	1.105,64	1.183,95	1.160,52	1.193,92	1.274,72
Término de contrato	891,95	880,28	900,45	918,91	947,46	993,44
Desligamento a pedido	952,99	991,15	1.006,36	1.021,53	1.047,15	1.081,99
Vínculos ativos e desligamentos	42 - Construção de Obras de Infraestrutura					
	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Ativos em 31/12	1.719,33	1.917,68	1.969,77	2.149,54	2.186,44	2.286,29
Desligados no ano	1.512,98	1.673,49	1.847,03	1.841,16	1.801,11	1.887,51
Demitidos sem justa causa	1.517,61	1.700,07	1.905,06	1.895,68	1.858,65	1.954,95
Término de contrato	1.215,99	1.311,42	1.382,50	1.388,12	1.295,22	1.350,86
Desligamento a pedido	1.234,14	1.351,62	1.309,79	1.357,13	1.416,88	1.433,48
Vínculos ativos e desligamentos	43 - Serviços Especializados para Construção					
	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Ativos em 31/12	1.322,65	1.347,91	1.390,33	1.416,26	1.546,40	1.530,95
Desligados no ano	1.204,66	1.211,87	1.258,68	1.273,15	1.402,08	1.281,73
Demitidos sem justa causa	1.259,62	1.258,61	1.323,10	1.341,30	1.391,51	1.361,30
Término de contrato	1.078,29	1.108,84	1.160,44	1.159,85	1.302,63	1.177,48
Desligamento a pedido	1.052,85	1.058,66	1.054,04	1.071,22	1.138,77	1.107,57
Vínculos ativos e desligamentos	Construção Total					
	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Ativos em 31/12	1.415,22	1.525,86	1.566,27	1.616,49	1.696,75	1.758,98
Desligados no ano	1.235,38	1.317,03	1.411,02	1.396,28	1.399,98	1.434,76
Demitidos sem justa causa	1.269,73	1.365,10	1.492,25	1.479,21	1.455,62	1.524,31
Término de contrato	1.018,24	1.051,15	1.089,59	1.096,08	1.112,71	1.118,26
Desligamento a pedido	1.059,09	1.113,78	1.098,96	1.113,96	1.152,45	1.163,44

Fonte: MTE. Rais
 Elaboração: DIEESE

TABELA 6
Distribuição dos desligamentos segundo o grau de instrução no
setor da Construção e suas divisões - Brasil - 2007, 2009 e 2012 (em %)

Grau de Instrução	41 - Construção de Edifícios		
	2007	2009	2012
Analfabeto	1,6	1,3	1,3
Até 5ª Incompleto	14,1	12,3	12,4
5ª Completo Fundamental	16,1	13,6	10,3
6ª a 9ª Fundamental	23,1	21,7	17,7
Fundamental Completo	22,2	23,1	21,0
Médio Incompleto	7,5	8,1	9,2
Médio Completo	12,9	17,1	25,0
Superior Incompleto	0,8	0,9	1,0
Superior Completo	1,7	1,9	2,1
Mestrado	0,0	0,0	0,0
Doutorado	0,0	0,0	0,0
Não classificado	-	-	-
Total	100,0	100,0	100,0

Grau de Instrução	42 - Construção de Obras de Infraestrutura		
	2007	2009	2012
Analfabeto	0,9	0,9	0,7
Até 5ª Incompleto	10,3	8,9	8,9
5ª Completo Fundamental	13,9	12,0	8,4
6ª a 9ª Fundamental	21,3	20,8	18,3
Fundamental Completo	22,1	21,4	19,4
Médio Incompleto	7,5	8,4	9,5
Médio Completo	20,7	24,3	30,9
Superior Incompleto	1,1	1,0	1,2
Superior Completo	2,1	2,3	2,7
Mestrado	0,0	0,0	0,0
Doutorado	0,0	0,0	0,0
Não classificado	-	-	-
Total	100,0	100,0	100,0

Continua ►

TABELA 6 (conclusão)
Distribuição dos desligamentos segundo o grau de instrução no
setor da Construção e suas divisões - Brasil - 2007, 2009 e 2012 (em %)

Grau de Instrução	43 - Serviços Especializados para Construção		
	2007	2009	2012
Analfabeto	1,0	0,8	0,7
Até 5ª Incompleto	8,0	8,0	6,7
5ª Completo Fundamental	11,7	9,7	7,4
6ª a 9ª Fundamental	19,2	17,6	13,0
Fundamental Completo	27,1	24,2	21,3
Médio Incompleto	8,9	9,4	10,9
Médio Completo	21,6	27,7	37,6
Superior Incompleto	1,0	1,0	1,0
Superior Completo	1,5	1,5	1,5
Mestrado	0,0	0,0	0,0
Doutorado	0,0	0,0	0,0
Não classificado	-	-	-
Total	100,0	100,0	100,0

Grau de Instrução	Construção Total		
	2007	2009	2012
Analfabeto	1,3	1,1	1,0
Até 5ª Incompleto	11,7	10,2	10,1
5ª Completo Fundamental	14,5	12,3	9,0
6ª a 9ª Fundamental	21,7	20,6	16,8
Fundamental Completo	23,1	22,7	20,6
Médio Incompleto	7,7	8,4	9,7
Médio Completo	17,2	21,7	29,6
Superior Incompleto	0,9	1,0	1,1
Superior Completo	1,8	2,0	2,1
Mestrado	0,0	0,0	0,0
Doutorado	0,0	0,0	0,0
Não classificado	-	-	-
Total	100,0	100,0	100,0

Fonte: MTE. Rais
 Elaboração: DIEESE

Capítulo 4

A rotatividade no Comércio

Caracterização dos trabalhadores do setor do Comércio

Para entender melhor o fenômeno da rotatividade no Comércio, é necessário conhecer as principais características deste setor.

Composto por três grandes segmentos (*varejo, atacado e veículos*), o Comércio incorpora desde grandes redes nacionais e internacionais até uma imensa quantidade de micro e pequenos estabelecimentos familiares. O setor demanda grande número de trabalhadores e é um tradicional absorvedor de mão de obra. Em 2012, 19,4% dos trabalhadores formais no país pertenciam ao Comércio, que ficava atrás somente do setor de Serviços (34,1%). Por possibilitar a inserção em inúmeras funções não especializadas e de baixa remuneração que, em geral, não requerem qualificação ou experiência anterior, atrai grande número de jovens.

É um setor com forte dependência macroeconômica. O volume de vendas responde de maneira relativamente rápida aos indicadores mais diretos de renda e crédito das famílias.

O Comércio é reconhecido pelo alto grau de flexibilidade nas condições e relações de trabalho, com elevada informalidade e grande número de trabalhadores submetidos a extensas jornadas e baixos rendimentos.

A extensa jornada de trabalho é um dos grandes desafios da categoria. Trabalhar aos domingos e feriados e permanecer no estabelecimento além do horário contratado a fim de garantir a venda e, conseqüentemente, a manutenção da renda são comuns entre os trabalhadores do setor. Embora a jornada nos últimos anos tenha diminuído, ainda assim permanece muito elevada. De acordo com os dados da Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED), em 2012, a jornada média semanal no setor era de 45,3 horas, com leve redução diante das 46,4 horas semanais verificadas em 2007. Apesar da queda na duração da jornada em algumas regiões, em 2012, o Comércio ainda era o setor com a

maior proporção de ocupados trabalhando mais do que a jornada legal, situação que abarca, em média, a metade da categoria nas regiões metropolitanas.

Para o levantamento de dados do Comércio, o setor foi delimitado a partir da Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que é composta por modelo hierárquico, organizado em divisões, classes e subclasses.

As agregações propostas para o setor, segundo grupos da CNAE 2.0, foram: *comércio e reparação de veículos automotores e motocicletas*, *comércio por atacado*, exceto reparação de veículos automotores e motocicletas e *comércio varejista*. A composição de cada grupo pode ser vista na Tabela 1.

TABELA 1
Agregações de classes CNAE 2.0 em grupos do setor do Comércio

Grupos	Classes CNAE 2.0
Comércio e reparação de veículos automotores e motocicletas	451: Comércio de Veículos Automotores
	452: Manutenção e Reparação de Veículos Automotores
	453: Comércio de Peças e Acessórios para Veículos Automotores
	454: Comércio, Manutenção e Reparação de Motocicletas, Peças e Acessórios
Comércio por atacado, exceto veículos automotores e motocicletas	461: Representantes Comerciais e Agentes do Comércio, Exceto de Veículos Automotores e Motocicletas
	462: Comércio Atacadista de Matérias-Primas Agrícolas e Animais Vivos
	463: Comércio Atacadista Especializado em Produtos Alimentícios, Bebidas e Fumo
	464: Comércio Atacadista de Produtos de Consumo Não Alimentar
	465: Comércio Atacadista de Equip. e Produtos de Tecnologias de Inf. e Comunicação
	466: Comércio Atacadista de Máquinas, Aparelhos e Equipamentos, Exceto de Tecnologias de Informação e Comunicação
	467: Comércio Atacadista de Madeira, Ferragens, Ferramentas, Material Elétrico e Material de Construção
	468: Comércio Atacadista Especializado em Outros Produtos
	469: Comércio Atacadista Não Especializado
Comércio varejista	471: Comércio Varejista Não Especializado
	472: Comércio Varejista de Produtos Alimentícios, Bebidas e Fumo
	473: Comércio Varejista de Combustíveis para Veículos Automotores
	474: Comércio Varejista de Material de Construção
	475: Comércio Varejista de Equipamentos de Informática e Comunicação; Equipamentos e Artigos e Uso Doméstico
	476: Comércio Varejista de Artigos Culturais, Recreativos e Esportivos
	477: Comércio Varejista de Produtos Farmacêuticos, Perfumaria e Cosméticos e Artigos Médicos, Ópticos e Ortopédicos
	478: Comércio Varejista de Produtos Novos Não Especificados Anteriormente e de Produtos Usados
	479: Comércio Ambulante e Outros Tipos de Comércio Varejista

Fonte: IBGE. CNAE 2.0. Elaboração: DIEESE

Os diferentes segmentos que compõem o Comércio somavam 9.142.668 trabalhadores em dezembro de 2012, representando uma elevação de 33,5% em relação ao observado em 2007 (6.849.108). Destes, 6.590.104 estavam no *comércio varejista* (72,1%), 1.528.235 (16,7%) no *atacadista* e 1.024.329 no *comércio de veículos* (11,2%) - Tabela 2.

TABELA 2
Contratos ativos no setor do Comércio
Brasil - 2007 a 2012

Trabalha- dores ativos em 31/12	2007	2008	2009	2010	2011	2012	Participação sobre o total 2012	Variação % 2007/2012
Comércio de Veículos	750.128	811.540	848.617	927.538	986.174	1.024.329	11,2%	36,6%
Comércio Atacadista	1.124.309	1.215.712	1.272.935	1.380.202	1.454.237	1.528.235	16,7%	35,9%
Comércio Varejista	4.974.671	5.311.240	5.598.844	6.005.089	6.315.917	6.590.104	72,1%	32,5%
Total	6.849.108	7.338.492	7.720.396	8.312.829	8.756.328	9.142.668	100,0%	33,5%

Fonte: MTE. Rais
Elaboração: DIEESE

A composição da mão de obra no Comércio revela maior equilíbrio entre homens e mulheres, em comparação com os demais setores econômicos. Em 2012, 56,3% da categoria era composta por homens (5.148.328) e 43,7% por mulheres (3.994.351). Vale dizer que a participação feminina no Comércio tem aumentado nos últimos anos, acompanhando a tendência verificada no mercado de trabalho como um todo. Enquanto em 2007 as mulheres correspondiam a 40,3% da categoria, em 2012, representavam 43,7% do total de trabalhadores.

Os homens predominam nos segmentos de comércio de veículos (77,1%) e comércio atacadista (68,9%), em 2012. Já no *comércio varejista*, observa-se equilíbrio entre homens (50,2%) e mulheres (49,8%), com praticamente metade do total para ambos os sexos.

Em relação à faixa etária dos comerciários, o maior percentual de trabalhadores tem entre 30 e 39 anos de idade (28,1%), seguida pelos jovens de 18 a 24 anos (26,8%). Em terceiro lugar, aqueles com 25 a 29 anos correspondem a 19,8% do total de trabalhadores.

Na análise dos dados por raça/cor, 64,9% dos comerciários eram não negros (indígenas, brancos, amarelos e não identificados), em 2012. Verificou-se ainda que, entre 2007 e 2012, houve aumento da participação de negros e pardos no conjunto dos trabalhadores do setor, passando de 31,4% para 35,1%.

No que tange à escolaridade, mais da metade (59,1%) da categoria possuía ensino médio completo em 2012, aumento significativo em relação a 2007, quando este percentual era de 49,2%. Como houve avanço na escolarização da sociedade brasileira de forma geral, isso também se refletiu na escolaridade dos empregados do Comércio. Como observado, nesses seis anos, houve crescimento de 10 pontos percentuais na faixa de trabalhadores que possuíam ensino médio completo.

Perfil dos desligados

Em 2012, foram desligados 5.717.106 trabalhadores no Comércio, contingente 57,0% maior do que aquele verificado em 2007 (3.640.719). O maior número de desligados foi observado no segmento *varejista*, que registrou 76,1% dos desligamentos (4.349.203), seguido pelo *atacadista*, com 14,7% (838.736) e, com menor participação, o *comércio de veículos*, com 9,3% (529.167) - Tabela 3.

TABELA 3
Contratos interrompidos no setor do Comércio
Brasil - 2007 a 2012

Trabalha- dores desligados	2007	2008	2009	2010	2011	2012	Participação sobre o total 2012	Variação % 2007/2012
Comércio de Veículos	334.866	422.368	410.338	454.285	516.770	529.167	9,3%	58,0%
Comércio Atacadista	555.127	654.073	663.259	731.765	820.903	838.736	14,7%	51,1%
Comércio Varejista	2.750.726	3.194.560	3.273.951	3.688.981	4.200.851	4.349.203	76,1%	58,1%
Total	3.640.719	4.271.001	4.347.548	4.875.031	5.538.524	5.717.106	100,0%	57,0%

Fonte: MTE. Rais
Elaboração: DIEESE

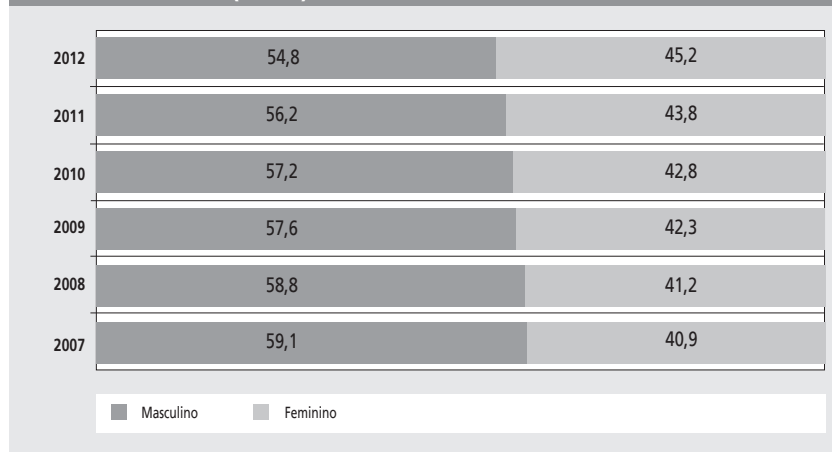
Refletindo a maior capacidade econômica da região, a maioria dos trabalhadores do Comércio encontra-se no Sudeste, onde está também o maior número de desligados em 2012. O estado de São Paulo concentra 28,7% dos desligados, seguido de Minas Gerais, 10,7%, e Rio de Janeiro, 9,9% (Tabela 4).

Observando os indicadores de 2007 a 2012, percebe-se que o perfil dos desligados é semelhante ao dos ativos. Os desligados são, na maioria, homens (54,8%), mas com aumento da participação feminina nos últimos anos (Gráfico 1), muito embora tenha havido queda relativa na participação dos trabalhadores do sexo masculino nos desligamentos no período analisado.

TABELA 4
Distribuição dos vínculos ativos e desligados no Comércio por unidade da Federação
Brasil - 2012 (em %)

	Trabalhadores ativos em 31/12	% do total ativos	Trabalhadores desligados	% do total desligados
Brasil	9.142.668	100,0	5.717.106	100,0
Norte				
Rondônia	80.799	0,9	61.376	1,1
Acre	24.235	0,3	15.386	0,3
Amazonas	89.350	1,0	64.954	1,1
Roraima	15.494	0,2	11.544	0,2
Pará	203.000	2,2	112.313	2,0
Amapá	24.498	0,3	15.626	0,3
Tocantins	46.208	0,5	28.741	0,5
Nordeste				
Maranhão	135.556	1,5	66.317	1,2
Piauí	80.461	0,9	35.133	0,6
Ceará	243.499	2,7	132.393	2,3
Rio Grande do Norte	113.045	1,2	57.341	1,0
Paraíba	94.840	1,0	44.638	0,8
Pernambuco	309.817	3,4	159.074	2,8
Alagoas	83.663	0,9	40.498	0,7
Sergipe	63.155	0,7	30.499	0,5
Bahia	424.822	4,6	218.995	3,8
Sudeste				
Minas Gerais	957.875	10,5	609.042	10,7
Espírito Santo	195.069	2,1	126.027	2,2
Rio de Janeiro	841.275	9,2	563.783	9,9
São Paulo	2.681.646	29,3	1.638.254	28,7
Sul				
Paraná	642.074	7,0	445.686	7,8
Santa Catarina	423.461	4,6	291.796	5,1
Rio Grande do Sul	609.529	6,7	408.393	7,1
Centro-Oeste				
Mato Grosso do Sul	120.002	1,3	84.871	1,5
Mato Grosso	177.412	1,9	135.883	2,4
Goiás	289.297	3,2	190.103	3,3
Distrito Federal	172.586	1,9	128.439	2,2

Fonte: MTE. Rais
Elaboração: DIEESE

GRÁFICO 1**Distribuição dos desligados no Comércio por sexo
Brasil - 2007 - 2012 (em %)**

Fonte: MTE. Rais
Elaboração: DIEESE

Com relação à raça/cor, a maior parte (64,5%) dos desligados, em 2012, eram não negros, com aumento do percentual de negros e pardos nos últimos anos, reflexo também do crescimento da participação desses trabalhadores no conjunto da categoria. Em 2007, os negros e pardos correspondiam a 30,9% dos desligados, já em 2012, representavam 35,5% do total (Gráfico 2).

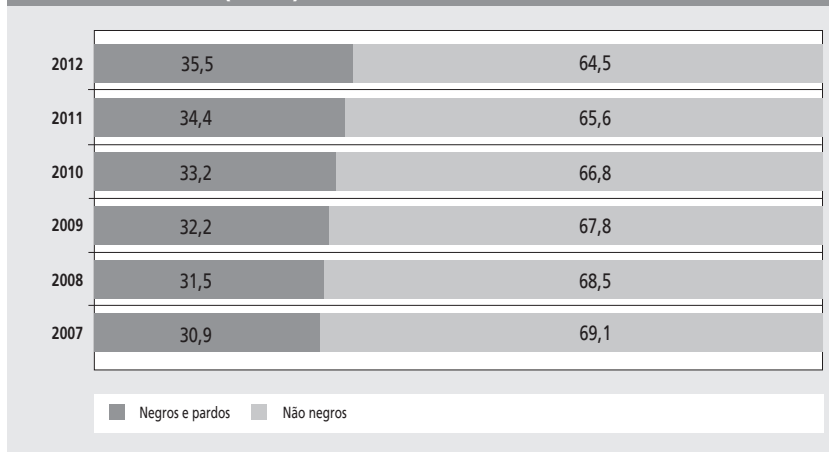
A rotatividade atinge mais fortemente os trabalhadores jovens. Em 2012, 37% dos desligados tinham entre 18 e 24 anos. Se incluída a faixa que vai até 29 anos, o percentual ultrapassa mais da metade dos desligados (59%). A segunda faixa com maior concentração de desligamentos é a de 30 a 39 anos, totalizando 24,7% dos desligados em 2012. Por outro lado, a rotatividade é menor nas faixas etárias mais elevadas. Entretanto, chama atenção o fato de que os percentuais em todas as faixas praticamente não se alteram ao longo do período (Tabela 5).

No que se refere à escolaridade, em 2012, 60,4% dos desligados tinham ensino médio completo. Conforme mencionado anteriormente neste capítulo, houve avanço na escolarização desses trabalhadores, no entanto, essa melhora não se reflete significativamente na diminuição dos índices de rotatividade nem no aumento da remuneração. Os dados mostram que, de 2007 a 2012, houve aumento de aproximadamente 10 p.p. no número de desligados com ensino médio completo nesses seis anos (Tabela 6, na página 92).

Outra característica decorrente da elevada rotatividade é que a maior parte dos desligados permanece pouco tempo no mesmo emprego. Em 2012,

GRÁFICO 2

Distribuição dos desligados no Comércio por cor/raça Brasil - 2007 - 2012 (em %)



Fonte: MTE. Rais
Elaboração: DIEESE

TABELA 5
Distribuição dos desligados no Comércio segundo faixa etária
Brasil - 2007 - 2012 (em %)

Anos	10 a 17	18 a 24	25 a 29	30 a 39	40 a 49	50 a 64	65 ou mais
2007	1,6	36,9	24,2	23,7	9,9	3,7	0,2
2008	1,7	37,0	24,0	23,7	9,8	3,7	0,2
2009	1,6	36,5	23,5	24,2	10,0	3,9	0,2
2010	1,7	36,9	23,3	24,3	9,8	3,8	0,2
2011	2,0	36,7	22,6	24,7	9,9	3,9	0,2
2012	2,3	37,0	22,0	24,7	9,8	4,0	0,2

Fonte: MTE. Rais
Elaboração: DIEESE

observou-se que 29,9% dos desligados permaneceram até três meses nos postos de trabalhos, ou seja, não ultrapassaram nem o período de experiência. Destaca-se também que o percentual de desligamentos dentro do período de experiência aumentou progressivamente de 2007 a 2012: foi de 24,2%, em 2007, para 29,9%, em 2012. A segunda faixa que concentra maior número de dispensas é entre 6 e 11,9 meses (20,2%) - Tabela 7, na página 92. Quando se faz a agregação da faixa até 5,9 meses, nota-se que, em 2007, os desligamentos representavam 37%, enquanto em 2012 correspondiam a aproximadamente 43%.

TABELA 6
Distribuição dos desligados no Comércio segundo escolaridade
Brasil - 2007 a 2012 (em %)

Grau de escolaridade	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Até 5ª Incompleto	1,6	1,5	1,4	1,3	1,3	1,2
5ª Completo Fundamental	3,0	2,6	2,4	2,2	2,0	1,8
6ª a 9ª Fundamental	7,7	7,1	6,4	5,8	5,5	5,1
Fundamental Completo	16,7	15,7	14,6	13,6	12,5	11,5
Médio Incompleto	13,7	13,3	12,8	12,5	12,5	12,4
Médio Completo	49,7	52,2	54,6	56,9	58,7	60,4
Superior Incompleto	4,0	4,0	4,0	3,8	3,7	3,5
Superior Completo e acima	3,6	3,6	3,7	3,9	3,9	4,0

Fonte: MTE. Rais

Elaboração: DIEESE

Obs.: Em ensino superior completo foram agregados graduação, mestrado e doutorado

TABELA 7
Distribuição dos desligados no Comércio por tempo de duração do vínculo
Brasil - 2007 - 2012 (em %)

Anos	Ate 2,9 meses	3,0 a 5,9 meses	6,0 a 11,9 meses	12,0 a 23,9 meses	24,0 a 35,9 meses	36,0 a 119,9 meses	120,0 meses ou mais
2007	24,2	12,8	20,4	19,1	9,6	7,8	1,2
2008	26,2	13,4	20,6	18,1	8,8	7,4	1,1
2009	25,5	13,2	21,2	19,0	8,5	7,1	1,1
2010	27,7	13,7	20,5	17,9	8,7	6,6	1,0
2011	28,7	14,2	20,5	17,3	7,9	6,6	1,0
2012	29,9	13,9	20,2	17,6	7,7	6,1	1,0

Fonte: MTE. Rais

Elaboração: DIEESE

A maior parte dos trabalhadores desligados no setor do Comércio estava vinculada às micro e pequenas empresas¹. Em 2012, a faixa com maior concentração de desligados foi de 20 a 49 funcionários (17,0%), seguida pelas empresas de 10 a 19 empregados (16,9%), de 1 a 4 (16,4%) e de 5 a 9 (15,6%). Essas quatro faixas correspondem a mais da metade dos desligados no setor (64,9%). De 2007 a 2012, há um crescimento mais expressivo no número de desligados na faixa com 20 a 49 empregados e um declínio na faixa com 1 a 4 trabalhadores (Tabela 8).

1. Critério Sebrae para classificação do tamanho de empresas no Comércio: microempresa (até 9 empregados) pequena empresa (de 10 a 49 empregados)

TABELA 8
Distribuição dos desligados no Comércio por porte do estabelecimento
Brasil - 2007 a 2012 (em %)

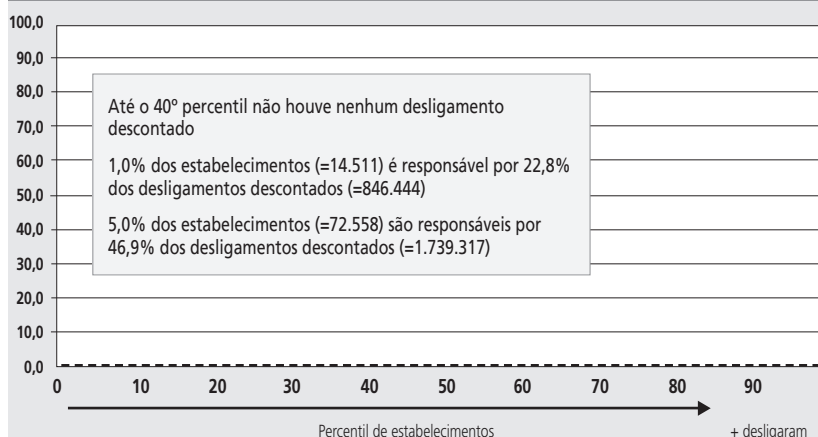
Tamanho da empresa	2007	2008	2009	2010	2011	2012
0 Empregado	9,8	9,1	9,9	8,6	9,3	8,5
De 1 a 4	19,3	18,4	18,3	17,6	16,8	16,4
De 5 a 9	16,1	16,0	15,8	15,7	15,5	15,6
De 10 a 19	16,8	17,0	16,9	16,8	16,7	16,9
De 20 a 49	15,9	16,6	16,2	16,7	16,7	17,0
De 50 a 99	8,8	9,3	9,2	9,5	9,6	9,6
De 100 a 249	8,2	8,4	8,3	8,9	9,5	10,0
De 250 a 499	3,5	3,6	3,6	3,9	4,0	3,9
De 500 a 999	1,1	1,0	1,1	1,3	1,3	1,4
1000 ou Mais	0,5	0,6	0,6	0,9	0,6	0,8

Fonte: MTE. Rais
 Elaboração: DIEESE

Os dados demonstram que há concentração da rotatividade em um pequeno grupo de estabelecimentos. Isto é, um selecionado número de empresas é responsável pela maioria das demissões no Comércio. Em 2012, dos 1.739.317 desligamentos descontados, quase metade (46,9%) ocorreu em apenas 5% dos estabelecimentos do setor (72.558) - Gráfico 3.

GRÁFICO 3

Desligados descontados acumulados segundo percentil de estabelecimentos no Comércio - Brasil - 2012



Fonte: MTE. Rais
 Elaboração: DIEESE

Com relação ao motivo dos desligamentos, a maior parte ocorre por iniciativa do empregador. No Comércio, do total de 5.717.106 trabalhadores desligados dos postos de trabalho em 2012, 49,5% foram demitidos sem justa causa e 13,9%, afastados por término de contrato. O segundo principal motivo de afastamento foi a pedido do próprio trabalhador (27,8%). O aquecimento do mercado de trabalho, que traz novas oportunidades, os baixos salários e a insatisfação gerada pelas elevadas jornadas e precárias condições de trabalho têm aumentado, nos últimos anos, os pedidos de desligamento por iniciativa do empregado. Este fenômeno, aliás, tem sido verificado entre outras categorias com características semelhantes.

Comparando os dados de 2012 com os de 2007, verifica-se que os desligamentos a pedido do trabalhador mais que dobraram no período: o aumento foi de 121,2%. Os desligamentos por término de contrato também registraram crescimento expressivo, com elevação de 90,3%, de 2007 a 2012 (Tabela 9).

TABELA 9
Distribuição dos desligados segundo causas dos desligamentos no Comércio
Brasil - 2007 a 2012

Anos		Demissão s/ justa causa	Demissão c/ justa causa	Desliga- mento a pedido	Termino de contrato	Transfe- rências	Aposen- tadorias e Faleci- mentos	Total
2007	Desligados	2.201.133	39.646	718.514	418.053	251.074	12.299	3.640.719
	% do total	60,5	1,1	19,7	11,5	6,9	0,3	100,0
2008	Desligados	2.464.998	44.579	942.615	511.336	293.472	14.001	4.271.001
	% do total	57,7	1,0	22,1	12,0	6,9	0,3	100,0
2009	Desligados	2.563.550	47.322	897.950	525.586	298.950	14.190	4.347.548
	% do total	59,0	1,1	20,7	12,1	6,9	0,3	100,0
2010	Desligados	2.664.273	54.218	1.185.393	625.162	330.977	15.008	4.875.031
	% do total	54,7	1,1	24,3	12,8	6,8	0,3	100,0
2011	Desligados	2.846.751	65.127	1.445.515	728.856	436.946	15.329	5.538.524
	% do total	51,4	1,2	26,1	13,2	7,9	0,3	100,0
2012	Desligados	2.828.889	72.423	1.589.088	795.477	415.390	15.838	5.717.106
	% do total	49,5	1,3	27,8	13,9	7,3	0,3	100,0
Varição 2007/2012		28,5	82,7	121,2	90,3	65,4	28,8	57,0

Fonte: MTE. Rais
Elaboração: DIEESE

Apesar do bom desempenho desses segmentos nos últimos anos e do peso da força de trabalho no país, pouco têm sido as melhoras nas condições de trabalho. No tocante às horas trabalhadas, cabe ressaltar que a jornada continua extensa. Trabalhar aos domingos e feriados, permanecer no estabelecimento mais tempo do que o horário contratado para garantir uma venda ou

um atendimento melhor ao cliente e, conseqüentemente, a própria remuneração é traço comum na atividade destes trabalhadores. Ademais, nestes segmentos aumentaram as exigências de qualificação e, a exemplo do que tem sido observado em outras áreas, aumentou a intensidade do trabalho.

Ocupações com maior número de desligamentos

A distribuição dos desligamentos por ocupação no Comércio mostra forte concentração de vínculos desligados em um grupo pequeno de ocupações. Em 2012, as primeiras 20 ocupações que registraram maior número de desligados somaram 64,8% de todos os desligamentos do setor. A ocupação com o maior número de desligamentos foi a de vendedor de *comércio varejista*: 1.324.489 trabalhadores ou 23,2% do total de desligados no setor. Em seguida, aparece a ocupação de operador de caixa, com 454.842 desligamentos, representando 8% do total (Tabela 10).

TABELA 10
Ranking das 20 ocupações com maior número de desligamentos no Comércio
Brasil - 2012

Ocupações	Desligados	% do total de desligados
521110: Vendedor de Comercio Varejista	1.324.489	23,2
421125: Operador de Caixa	454.842	8,0
411005: Auxiliar de Escritório em Geral	284.933	5,0
521125: Repositor de Mercadorias	284.923	5,0
521135: Frentista	150.503	2,6
414105: Almojarife	116.655	2,0
411010: Assistente Administrativo	113.620	2,0
784105: Embalador a Mão	106.052	1,9
782510: Motorista de Caminhão (Rotas Regionais E Internacionais)	105.487	1,8
848510: Açougueiro	84.553	1,5
514320: Faxineiro (Desativado em 2010)	83.347	1,5
783225: Ajudante de Motorista	81.436	1,4
513435: Atendente de Lanchonete	80.003	1,4
521105: Vendedor em Comércio Atacadista	74.900	1,3
414110: Armazenista	70.541	1,2
521130: Atendente de Farmácia - Balconista	64.110	1,1
784205: Alimentador de Linha de Produção	57.980	1,0
422105: Recepcionista em Geral	56.029	1,0
914405: Mecânico de Manut. de Auto , Moto e Veículos Similares	55.425	1,0
521115: Promotor De Vendas	52.665	0,9
Total das 20 ocupações	3.702.493	64,8
Total Geral	5.717.820	100,0

Fonte: MTE. Rais. Elaboração: DIEESE

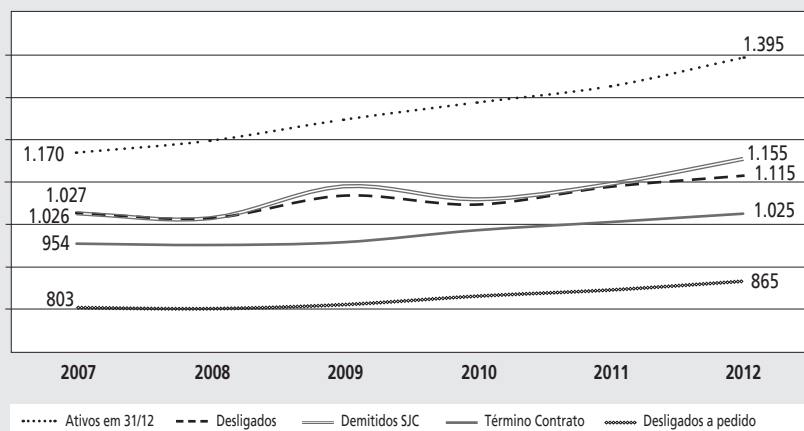
Impactos na remuneração

A remuneração média real dos trabalhadores do Comércio aumentou 19,2%, entre 2007 e 2012, passando de R\$ 1.170 para R\$ 1.395. No entanto, a relação entre remuneração média dos ativos e desligados revela o papel exercido pela rotatividade na redução dos rendimentos. Os dados referentes a 2012 mostram que o salário médio dos desligados (R\$ 1.115,10) equivalia a 80% do salário dos ativos (R\$ 1.395). Nos últimos anos, a diferença salarial ainda aumentou, visto que, em 2007, a remuneração média dos desligados (R\$ 1.025,70) correspondia a 87,8% da recebida pelos ativos (R\$ 1.170,10). Essa realidade revela a prática das empresas de demitir e contratar visando basicamente à redução dos custos com a folha de pagamentos. Muitas vezes, o ganho real que as entidades sindicais obtêm na mesa de negociação é mais do que compensado por esse mecanismo de achatar salários médios que é a rotatividade.

Em 2012, os trabalhadores que se desligaram a pedido possuíam a menor remuneração média (R\$ 865,80), representando apenas 62,1% do salário recebido pelos ativos (R\$ 1.395). A segunda menor remuneração foi verificada entre os que se afastaram devido a término de contrato (R\$ 1.025,70), 73,5% do salário auferido pelos ativos. Os salários dos desligados sem justa causa (R\$ 1.155,1) equivaliam a 82,8% daqueles dos ativos. Em todas essas modalidades de desligamento, houve um aumento da diferença salarial dos desligados em relação aos ativos, de 2007 a 2012 (Gráfico 4 e Tabela 11).

GRÁFICO 4

Remuneração média real dos ativos e desligados no Comércio
Brasil - 2007 a 2012 (em R\$)



Fonte: MTE. Rais. Elaboração: DIEESE

TABELA 11
Remuneração média real dos ativos e desligados no Comércio
Brasil - 2007 a 2012 (em R\$)

	2007	2008	2009	2010	2011	2012	Proporção do salário dos desligados em relação aos ativos 2007 (%)	Proporção do salário dos desligados em relação aos ativos 2012 (%)
Ativos em 31/12	1.170,1	1.198,2	1.247,9	1.288,6	1.327,0	1.395,0		
Desligados	1.027,4	1.015,0	1.068,2	1.047,2	1.089,2	1.115,4	87,8	80,0
Demitidos s/ Justa Causa	1.026,6	1.015,0	1.090,3	1.059,7	1.095,9	1.155,1	87,7	82,8
Desligamentos a pedido	954,7	951,6	958,1	986,5	1.005,8	1.025,7	81,6	73,5
Término Contrato	803,4	800,9	810,4	830,5	845,1	865,8	68,7	62,1

Fonte: MTE. Rais
 Elaboração: DIEESE

Taxas de rotatividade global e descontada

A mensuração das taxas de rotatividade no Comércio revela percentuais bem expressivos. Aqui são utilizadas duas taxas: a global (em que se consideram todos os desligamentos, indiferentemente dos motivos) e a descontada (que leva em conta apenas os desligamentos realizados por iniciativa do empregador).

De acordo com os dados da Rais, em 2012, a taxa global do setor do Comércio foi de 63,9%, superior à nacional, considerando todos os setores econômicos, que foi de 55,2% em 2012. Mesmo na análise somente da taxa descontada, referente estritamente aos desligamentos por iniciativa do empregador, o índice ainda é, quando realizada a comparação com a taxa nacional, muito elevado (41,4%, contra 37,4% do índice geral).

Quando comparada à de outras categorias, como metalúrgicos, bancários, construção civil e químicos, tanto na taxa global quanto na descontada, a rotatividade medida para os comerciários só não é maior que a medida para os trabalhadores da Construção Civil. O Comércio, apesar de estar sujeito também ao aspecto da sazonalidade do negócio, em princípio, não encerra a atividade em determinada data, como acontece na Construção Civil, o conhecido trabalho por empreitada. Por isso a taxa de rotatividade desse setor pode ser considerada muito elevada.

TABELA 12
Taxa de rotatividade geral e descontada no Comércio
Brasil - 2007 a 2012

	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Taxa de rotatividade geral	55,2	60,2	57,7	60,8	64,9	63,9
Taxa de rotatividade descontada	40,4	42,7	41,7	41,8	42,7	41,4

Fonte: MTE. Rais
 Elaboração: DIEESE

Cabe destacar também que a taxa geral no período cresceu mais do que a descontada em pontos percentuais. Isso revela que uma parcela crescente das demissões ocorreu a pedido dos trabalhadores, fenômeno que tem aumentado principalmente em categorias cujo salário médio é baixo.

Considerações finais

A análise dos dados mostrou que a rotatividade no setor do Comércio é mais intensa entre os jovens, do sexo masculino, com ensino médio completo e menor tempo no posto de trabalho. Os resultados também revelaram que, embora tenha crescido o número de pedidos de demissão do trabalhador, os desligamentos por iniciativa do empregador ainda representam a maior parte dos afastamentos. Vale ainda dizer que, nos desligamentos a pedido do trabalhador, os salários eram nitidamente menores.

Destaca-se também que há concentração da rotatividade em determinado grupo de estabelecimentos, ou seja, um certo número de empresas é responsável majoritariamente pelas demissões no Comércio. Em 2012, quase metade dos desligamentos ocorreu em 5% dos estabelecimentos do setor.

As elevadas taxas de rotatividade no Comércio, mesmo após os descontos dos motivos que não dependem de decisões das empresas, revelam a ampla liberdade de demitir no país, dado que a “institucionalidade” do mercado de trabalho não prevê mecanismos que inibam as demissões imotivadas, ao contrário, estas são facilitadas pela flexibilidade contratual que impera no Brasil.

Na análise também foi possível observar que, além de a rotatividade no setor ser bastante elevada, há um crescimento da taxa nos últimos anos. A geral passou de 55,2%, em 2007, para 63,9%, em 2012.

O aprofundamento do debate e a tomada de ações de combate à rotatividade por parte do movimento sindical, bem como por toda sociedade, é imperativo num país onde se busca progressivamente a conversão de crescimento econômico em bem-estar social e melhora da qualidade de vida.

Capítulo 5

A rotatividade no setor Bancário

Entre 2007 e 2012, o saldo de emprego no setor Bancário foi positivo. Considerando, então, a **regra do mínimo**, verifica-se que o numerador da fórmula da taxa de rotatividade nos bancos será igual ao número de **desligados** no setor.

Por uma especificidade do setor Bancário, as transferências foram excluídas do total de desligamentos na análise do perfil dos desligados. Esse procedimento se justifica pelo fato de o número de transferências no setor ser bastante expressivo, pois cada transferência de um mesmo trabalhador para um novo local de trabalho - ainda que na mesma *holding* financeira - é registrado como um desligamento. Isso ocorre porque cada agência bancária possui um CNPJ diferente. Assim, quando um bancário muda de um local de trabalho para outro é como se ele tivesse sido desligado.

A análise do perfil dos desligados enfatizará as características dos trabalhadores desligados sem justa causa, por justa causa ou por término de contrato. O foco deste estudo é caracterizar a rotatividade no setor Bancário e seus impactos na remuneração dos trabalhadores.

Rotatividade segundo os bancos

Há diversas maneiras de calcular a rotatividade. A metodologia utilizada pelo DIEESE distingue as formas de demissão por iniciativa do empregador das demais formas de desligamento como demissão a pedido, aposentadorias, transferências, falecimentos etc.

É importante ressaltar que em alguns relatórios divulgados pelas *holdings* financeiras podem ser encontradas taxas de rotatividade distintas das apresentadas neste estudo.

O caso do Itaú Unibanco, por exemplo, é ilustrativo, pois a instituição divulgou recentemente uma taxa de rotatividade próxima de 17%¹. Sabe-se,

1. Relatório Anual de 2012 - Desempenho social - práticas trabalhistas. p.65

nesse caso, que o banco calcula a taxa de rotatividade de outra maneira, com base no quociente entre o total de desligamentos no ano (11.549), independente do motivo, e o total de funcionários existentes em dezembro de 2012 (86.374), conforme consta na Nota nº 3 do Relatório Anual de 2012².

Particularidades do setor Bancário

No setor Bancário, é possível destacar três características importantes: a primeira houve um grande número de fusões desde os anos 1990, o que resultou em alto índice de concentração. Com isso, 87,2%³ dos bancários trabalham nos seis maiores bancos do país.

A segunda característica é a alta taxa de formalização do emprego bancário. Entre os bancários, a totalidade dos vínculos é formal, tanto nos bancos públicos quanto nos bancos privados.

A última característica fundamental é a alta escolaridade dos trabalhadores do setor. Segundo a Relação Anual de Informações Sociais 2012 (Rais), 85,2% dos bancários têm ensino superior incompleto ou completo.

Taxa de rotatividade

A taxa de rotatividade descontada observada para o setor Bancário brasileiro, em 2012, foi de 5,1%, bastante próxima à observada nos anos anteriores, como mostra o Gráfico 1. A alta escolaridade e formalização dos bancários e a forte presença de bancos públicos influenciam a taxa de rotatividade nos bancos.

Entretanto, o comportamento da taxa de rotatividade é diferenciado quando se considera a natureza jurídica do estabelecimento (Tabela 1).

Nos bancos públicos, a taxa de rotatividade descontada - ou seja, aquela que considera apenas demissões sem justa causa, demissões por justa causa e término de contrato de trabalho - oscilou entre 0,3% e 1,2%, de 2007 a 2012.

No caso dos bancos privados, essa taxa variou de 6,1% a 8,9% no mesmo período, bastante superior às taxas observadas nas instituições públicas do setor.

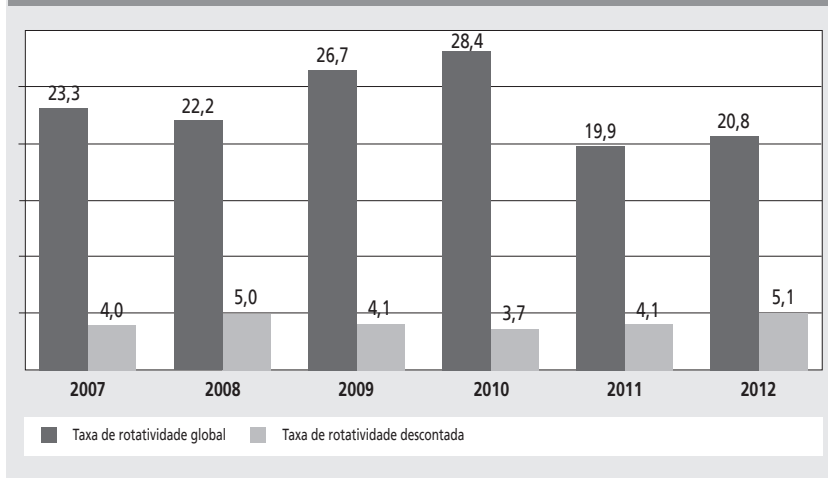
Embora a taxa de rotatividade global seja semelhante nos dois segmentos, nota-se que a taxa descontada, calculada com base no número de desligamentos por iniciativa do contratante, é bastante superior nos bancos privados.

2. <http://www.itauunibanco.com.br/relatoriodesustentabilidade/2012/pt/ra/gri-05.html#griLA7>

3. Banco Central do Brasil (BCB) Ranking 50 maiores Bancos - mar/2013 <http://www4.bcb.gov.br/top50/port/ArquivoZip.asp>

GRÁFICO 1

Taxa de rotatividade global e descontada Brasil - 2007 a 2012



Fonte: MTE. Rais
Elaboração: DIEESE

TABELA 1
Taxas de Rotatividade no setor Bancário
Brasil - 2007 a 2012 (em %)

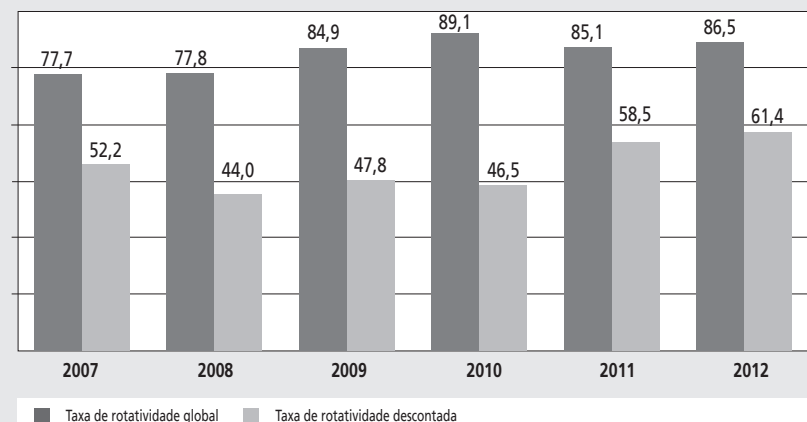
Ano	Bancários		Privado		Público	
	Global	Descontada	Global	Descontada	Global	Descontada
2007	23,20	4,00	24,80	6,80	21,30	0,60
2008	22,10	5,00	26,10	8,20	17,30	1,20
2009	26,60	4,10	29,80	7,10	21,10	0,60
2010	28,40	3,70	27,80	6,10	27,80	0,90
2011	19,90	4,10	23,70	7,20	15,30	0,30
2012	20,80	5,10	22,30	8,90	17,50	0,30

Fonte: MTE. Rais
Elaboração: DIEESE

Impactos na remuneração

A diferença de remuneração entre trabalhadores admitidos e desligados no setor pode ser vista no Gráfico 2. Esse indicador mostra uma característica peculiar do setor Bancário, já que o diferencial de remuneração entre admitidos e desligados é bastante superior ao verificado nos demais setores da economia formal. Ou seja, a rotatividade tem efeitos mais perversos sobre o achatamento da remuneração no setor Bancário do que em outros setores econômicos.

GRÁFICO 2

Diferença de remuneração entre admitidos e desligados nos bancos
Brasil - 2007 a 2012 (em %)

Fonte: MTE. Rais
Elaboração: DIEESE

Estima-se que, em 2012, os bancários admitidos recebiam uma remuneração equivalente a 86,5% daquela auferida pelos desligados.

Quando se analisa apenas a relação entre a remuneração dos admitidos (excluídas as transferências) e a dos desligados sem justa causa, com justa causa ou por término de contrato, nota-se que essa diferença é bastante superior. A remuneração média de um admitido no setor, em 2012, representou 61,4% daquela auferida pelo trabalhador desligado por iniciativa do empregador.

A análise da rotatividade por natureza jurídica do estabelecimento revela que, nas instituições financeiras públicas e privadas, a diferença de remuneração entre admitidos e desligados comporta-se de maneira similar.

No entanto, o número de substituições realizadas é bastante superior nos bancos privados, sobretudo devido a demissões sem justa causa. Em 2012, foram 111 demissões sem justa causa nos bancos públicos, enquanto nos privados foram 23.169. Por outro lado, as aposentadorias são o segundo tipo de desligamento mais expressivo nos bancos públicos, enquanto nos privados estas perderam expressividade nos anos analisados, devido ao perfil etário dos trabalhadores nesse segmento. As demissões sem justa causa, em 2012, foram o principal motivo das saídas nos bancos privados (Tabela 2).

A maior incidência de demissões por iniciativa do empregador nos bancos privados tem impacto expressivo na remuneração dos bancários, quan-

TABELA 2
Tipo de desligamento por natureza jurídica
Brasil - 2007 a 2012 (em nºs absolutos)

Ano	Bancos públicos						Bancos privados					
	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Demissão sem Justa Causa	28	39	39	44	36	68	14.803	18.230	16.361	14.023	18.634	23.264
Demissão com Justa Causa	58	100	94	98	81	125	802	822	808	624	673	838
Término Contrato	7	8	5	6	5	10	509	1.174	445	1.087	483	931
A pedido	1.175	2.256	1.607	3.672	2.114	3.343	10.369	11.218	6.702	10.115	10.530	9.460
Morte	34	51	58	55	79	52	141	133	146	157	175	163
Aposentadoria	35	46	52	52	51	47	945	736	617	491	438	463

Fonte: MTE. Rais
 Elaboração: DIEESE

do comparada aos bancos públicos, onde há menor flexibilidade para realizar demissões sem justa causa.

Entre 2007 e 2012, a remuneração média nos bancos públicos teve variação positiva de 13,4%, descontada a inflação do período, enquanto nos bancos privados, variou apenas 4,0%, em termos reais. Isso significa que, na média, o aumento real na remuneração dos trabalhadores do setor foi de 8,4% (Tabela 2).

Perfil dos demitidos em 2012

Os demitidos sem justa causa, com justa causa ou por término de contrato no setor Bancário, em 2012, foram, na maioria, homens. Do total de 25.519 desligados por iniciativa do empregador, 13.016 ou 51,0% eram homens (Gráfico 3).

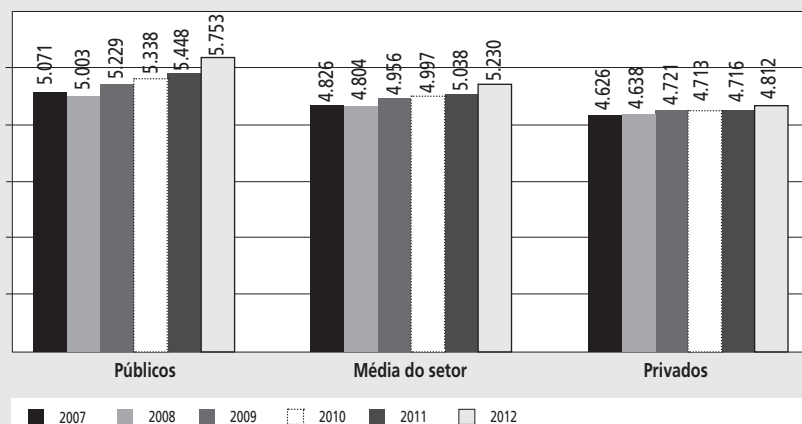
Com relação à raça/cor, a maioria das demissões atinge trabalhadores classificados como brancos, em seguida, estão os pardos e pretos. A forte concentração da demissão entre os brancos deve-se à própria composição da categoria, que conta com 78,0% de brancos, 16,4% de pardos e apenas 2,5% de pretos (Gráfico 4).

As demissões realizadas por iniciativa do empregador atingiram mais fortemente os bancários com idade entre 30 e 39 anos, tanto nos bancos públicos quanto nos bancos privados (Gráfico 5).

A faixa de escolaridade com maior incidência de demissões é a que abrange os bancários com ensino superior completo, que corresponde a 16.872 demissões nos bancos privados e 262 nos públicos, em 2012 (Gráfico 6).

GRÁFICO 3

Remuneração média, por natureza jurídica Brasil - 2007 a 2012 (Em R\$ de Jan/13)



Fonte: MTE. Rais
Elaboração: DIEESE

GRÁFICO 4

Perfil dos demitidos, segundo sexo Brasil - 2012

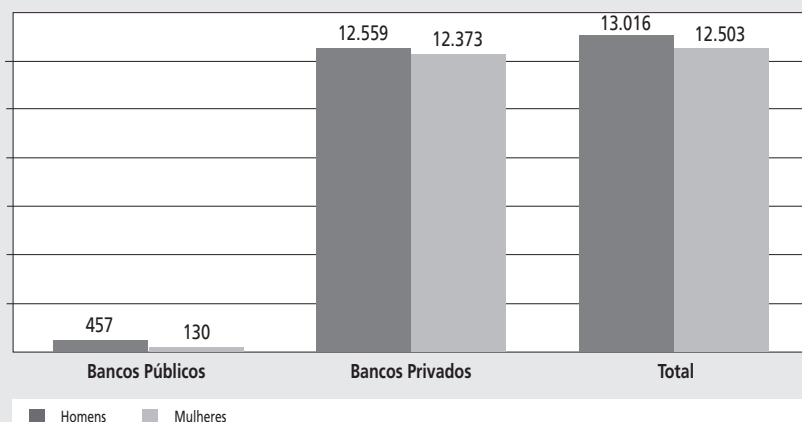
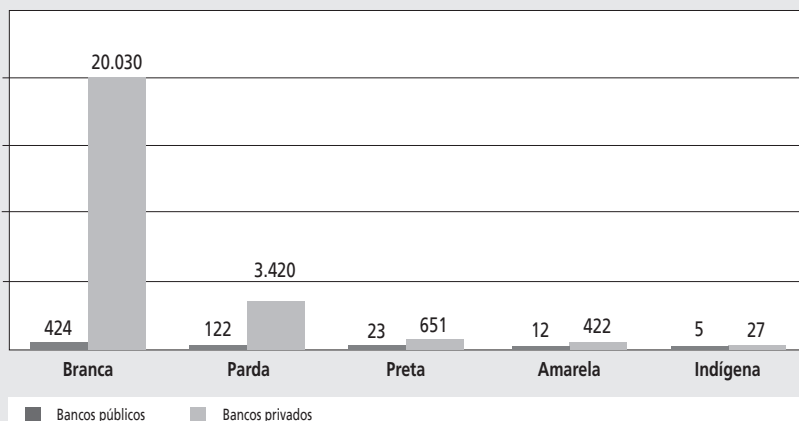


GRÁFICO 5

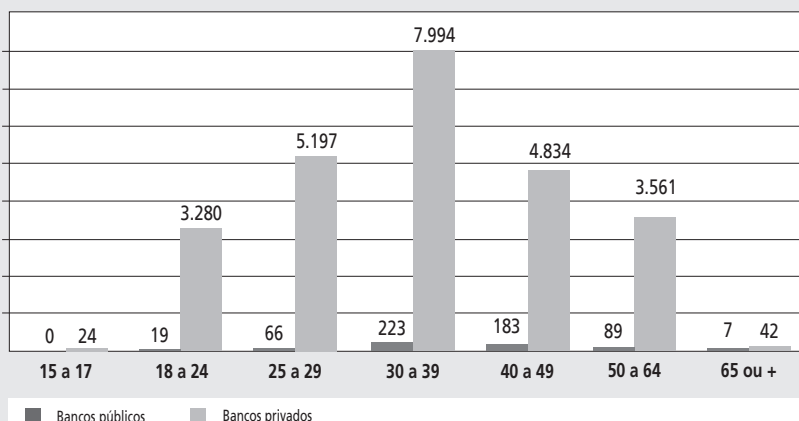
Perfil dos demitidos, segundo raça/cor Brasil - 2012 (em n^{os} absolutos)



Fonte: MTE. Rais
Elaboração: DIEESE

GRÁFICO 6

Perfil dos demitidos, segundo faixa etária Brasil - 2012 (em anos)



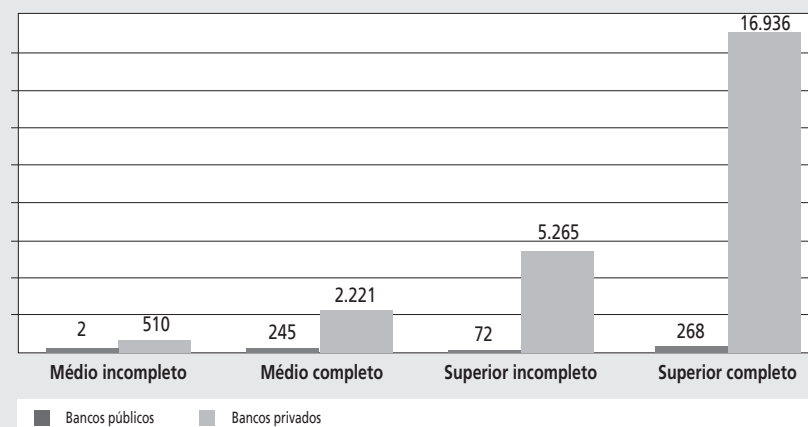
Fonte: MTE. Rais
Elaboração: DIEESE

Com relação aos vínculos de emprego, observa-se que as faixas de remuneração com maior número de desligamentos utilizadas para efeito de cálculo da taxa de rotatividade descontada são aquelas entre 3 e 5 salários mínimos (SM) e as que compreendem trabalhadores que recebiam remuneração entre 5 e 10 salários mínimos (Gráfico 7).

Entre os trabalhadores demitidos, a maioria estava no emprego há mais de dois e menos de cinco anos. A segunda faixa de tempo no emprego que registra maior número de demissões é a de 12,0 a 23,9 meses. Em 2012, 4.184 trabalhadores foram demitidos nos bancos privados antes de completarem um ano no emprego (Gráfico 8).

GRÁFICO 7

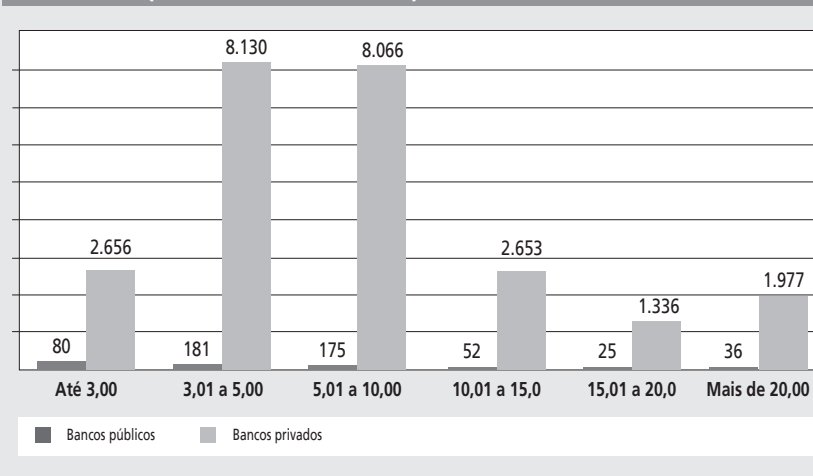
Perfil dos demitidos, segundo faixa de escolaridade
Brasil - 2012 (em nºs absolutos)



Fonte: MTE. Rais
Elaboração: DIEESE

GRÁFICO 8

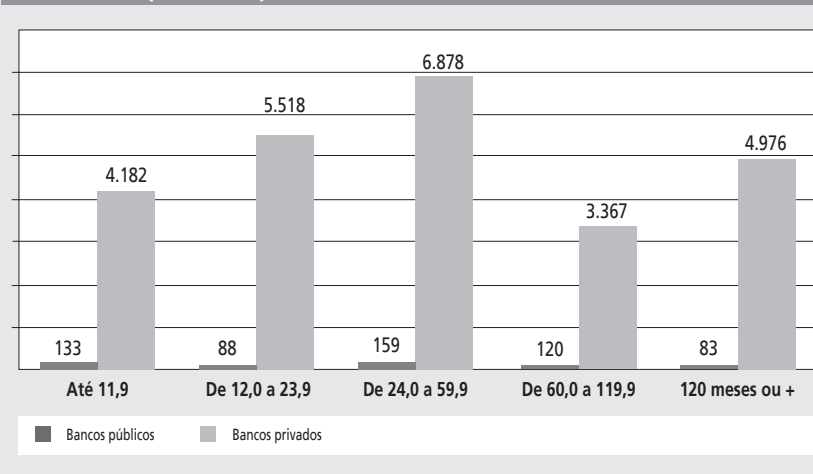
Perfil dos demitidos segundo faixa de remuneração Brasil - 2012 (em Salário Mínimo - SM)



Fonte: MTE. Rais
Elaboração: DIEESE

GRÁFICO 9

Perfil dos demitidos, segundo tempo no emprego Brasil - 2012 (em meses)



Fonte: MTE. Rais
Elaboração: DIEESE

Características ocupacionais

Com base na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), observa-se quais ocupações foram alvo do maior número de desligamentos no setor Bancário, em 2012. A análise revelou que 69,8% das demissões sem justa causa, por justa causa ou término de contrato estão concentradas em 10 ocupações, sendo que a maior incidência observada é para gerente de contas, caixa de banco e gerente administrativo, conforme mostra a Tabela 3.

TABELA 3
Ocupações com maior número de desligamentos
Brasil - 2012

Ocupação	Participação nos desligamentos (em %)		
	Bancos Públicos	Bancos Privados	Total
Gerente de Contas - Pessoa Física e Jurídica	0	4.328	4.328
Caixa de Banco	40	2.909	2.949
Gerente Administrativo	1	1.761	1.762
Assistente Administrativo	0	1.590	1.590
Chefe de Serviços Bancários	0	1.404	1.404
Auxiliar de Escritório, em Geral	11	1.273	1.284
Gerente de Agencia	0	1.275	1.275
Gerente Comercial	0	1.135	1.135
Escriturário de Banco	518	538	1.056
Supervisor Administrativo	0	1.035	1.035
Participação das 10 ocupações	97,1%	69,2%	69,8%

Fonte: MTE. Rais
Elaboração: DIEESE

Considerações finais

A taxa de rotatividade global observada no setor Bancário entre 2007 e 2012 variou entre 19,9% e 28,4%, o que significa dizer que em apenas cinco anos é possível substituir todo o quadro de funcionários do setor.

Já a taxa de rotatividade descontada, calculada a partir das demissões por iniciativa do empregador, variou entre 3,7% e 5,1% e apresentou maior índice em 2012, quando os bancos, sobretudo os privados, realizaram fortes cortes de custos.

Quando se analisa a taxa de rotatividade por natureza jurídica do estabelecimento, nota-se que os bancos públicos apresentam taxa de rotatividade

descontada próxima de zero, dada a menor flexibilidade para realizar demissões, principalmente demissões sem justa causa. Por outro lado, nos bancos privados, a taxa de rotatividade descontada foi de 8,9% em 2012.

A substituição de trabalhadores no setor Bancário tem forte impacto sobre a remuneração. A remuneração média do trabalhador admitido nos bancos representa 86,5% do salário médio auferido pelo trabalhador desligado. Entretanto, quando se consideram os trabalhadores demitidos (com justa causa, sem justa causa ou por término de contrato), nota-se que a diferença de remuneração é bastante superior. Em 2012, o trabalhador admitido recebeu remuneração equivalente a 61,4% daquela auferida pelo trabalhador desligado por iniciativa do empregador.

Com base nessa constatação, pode-se dizer que, no setor Bancário, a rotatividade tem impacto negativo no crescimento da massa salarial.

No que se refere ao perfil dos demitidos no setor Bancário, em 2012, 51,0% eram homens. A faixa etária mais atingida pelas demissões foi a de 30 a 39 anos, com 7.994 demissões. Dos 25.519 demitidos nos bancos brasileiros, 68,7% possuíam, no mínimo, ensino superior completo e 63,5% recebiam remuneração entre 3 e 10 salários mínimos mensais. As ocupações mais atingidas por demissões por iniciativa do empregador foram gerente de contas, caixas e gerentes administrativos.

Capítulo 6

A rotatividade dos trabalhadores de Alojamento e de Alimentação

Caracterização dos trabalhadores de Alojamento e de Alimentação

Os segmentos de Alojamento e de Alimentação correspondem a uma série de atividades econômicas relativamente homogêneas e que tendem a se relacionar, inclusive porque muitas ocupações são comuns aos dois. Há, entretanto, algumas diferenças entre os dois segmentos. Existem muito mais estabelecimentos de Alimentação no Brasil e, conseqüentemente, eles empregam uma força de trabalho maior do que o segmento de Alojamamentos. Todavia, há diversas características que os aproximam, como será visto neste capítulo.

Entre os estabelecimentos de hospedagem, encontraram-se desde hotéis luxuosos e *resorts* a *campings*, pousadas e até dormitórios. O segmento de Alimentação, por sua vez, representa uma série de estabelecimentos diversificados entre si, como bares e restaurantes, padarias, confeitarias, *trattorias*, entre outros.

Para o levantamento de dados sobre estes dois conjuntos de atividades econômicas, foram utilizadas duas famílias de CNAES: *hotéis e similares e outros tipos de alojamento* (Alojamento) e *restaurantes e outros estabelecimentos de serviços de alimentação e bebida e serviços de catering, bufê e outros serviços de comida preparada* (Alimentação), como esquematizados no Quadro 1.

QUADRO 1
Agregações de Classes CNAE 2.0 para Alojamento e Alimentação

Grupos	Descrição CNAE
Alojamento	Administração de hotéis / Hotel / Hotel com ou sem serviço de restaurante Hotel fazenda / Pousada / Spa com serviço de alojamento Apart-hotel (usado como hotel) / Motel / Hotelaria Hoteleiros / Albergue (exceto assistencial) / Acampamento Camping / Pensão com serviço de alimentação / Pensão sem serviço de alimentação Pensão; Hospedagem / Pensão / Serviços de alojamento coletivo Serviços de alojamento turístico / Alojamento para estudantes / Casa de estudante Dormitório / Estalagem / Exploração de vagões-leito, por terceiros Hospedaria / Aluguel de imóveis próprios para curta temporada / Pensionato República de estudantes
Alimentação	A quilo; alimentação, comida, refeição / A peso; alimentação, comida, refeição A quilo; serviço de alimentação / Alimentação com serviço completo Churrascaria / Exploração de vagões-restaurante, por terceiros Gelateria / Pensão alimentícia / Pensão / Pizzaria com serviço completo Restaurante com serviço completo / Restaurantes e similares Rotisseria / Self-service / Trattoria / Adega com serviço completo Bar c/ serviço completo / Bares e outros estab. especializados em servir bebidas Choperia com serviço completo / Choperia com serviço completo Cyber café com predominância de serviço de bar / Snack-bar Whiskeria, whiskaria; com serviço completo / Alimentação sem serviço completo Bar sem serviço completo

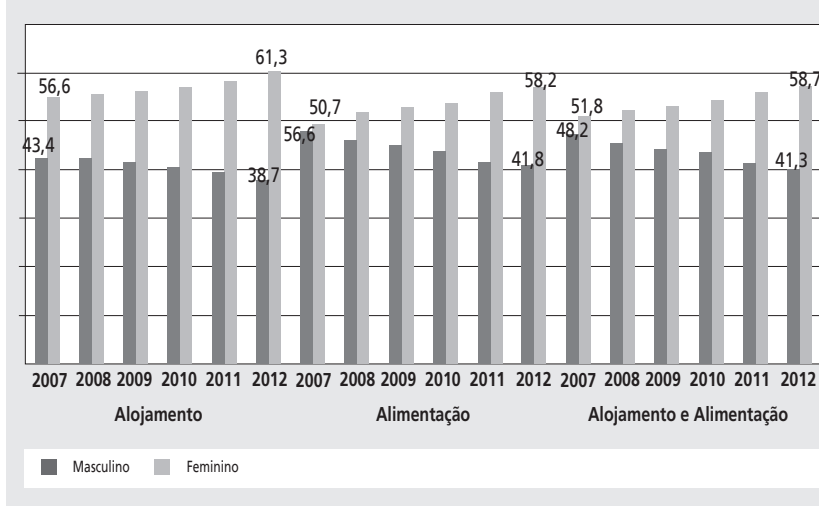
Fonte: IBGE. CNAE
Elaboração: DIEESE

O segmento de Alojamento contava, em 2012, com 322.405 trabalhadores, o que representa aumento de 25,2% em relação a 2007. Trata-se de uma força de trabalho predominantemente feminina: eram 189.765 mulheres (58,9%) e 132.640 homens (41,1%). Já em Alimentação, como já dito, há muito mais trabalhadores empregados: eram 1.417.372 em 2012, aumento percentual de 45,3% em relação a 2007. Também neste segmento, a força de trabalho é majoritariamente de mulheres, que somam 807.147 (56,9%) contra 610.225 homens (43,1%).

Em ambos os segmentos, observa-se aumento na quantidade de trabalhadores empregados e uma tendência marcada para a feminização: o aumento no contingente de mulheres é maior do que no de homens. No segmento de Alojamentos, enquanto o número de homens empregados cresceu 15,6%, o efetivo feminino se expandiu 32,9%. Já em Alimentação, a quantidade de homens aumentou para 28,3% e a de mulheres, para 61,4%.

GRÁFICO 1

Distribuição dos desligados nos segmentos de Alojamento e Alimentação, segundo sexo - Brasil - 2007 - 2012 (em %)



Fonte: MTE. Rais
Elaboração: DIEESE

Com relação à idade dos trabalhadores nos dois segmentos, há uma divisão relativamente semelhante entre as faixas etárias, com ligeira predominância dos que têm entre 30 e 39 anos (28,5% do total, 31,4% no segmento de Alojamentos e 27,9% em Alimentação), em 2012. Entretanto, considerando o total de Alojamentos e Alimentação, trabalhadores com até 29 anos somam 42,1%. Acima de 40 anos são 29,4% do total nos dois segmentos.

Há forte predomínio de trabalhadores brancos nos dois setores (59% do total, 57% dos que atuam em Alojamentos e 59,5% em Alimentação), ainda que esse percentual venha se reduzindo. Em 2007, os brancos representavam 63,1% dos trabalhadores dos dois setores. Os pardos constituem a segunda parcela mais expressiva de empregados, com 34,1%, em 2012, tendo registrado aumento em relação a 2007, quando correspondiam a 29,7%. Já os negros representam uma pequena fatia dos trabalhadores: apenas 5,8% do total. A escolaridade dos trabalhadores é majoritariamente o ensino médio completo. Em 2012, quase metade de todos os trabalhadores ativos possuía até esse nível de ensino (48%) e o número aumentou intensamente desde 2007, quando o percentual era de 33,2%. O número de trabalhadores que ultrapassava o ensino médio, no entanto, era muito baixo e representava apenas 4,5% do total.

Predomina nos dois segmentos a jornada de 41 a 44 horas semanais. Em 2012, 91,7% dos trabalhadores ativos em Alojamento e Alimentação eram contratados com esta jornada. Apenas 4% trabalhavam de 31 a 40 horas semanais e 1,7%, de 21 a 30 horas. Cabe ressaltar aqui que é característica dos setores o trabalho em finais de semana, feriados e período noturno.

Perfil dos desligados

Os trabalhadores desligados dos segmentos de Alojamento e de Alimentação em 2012 somaram 1.321.764, o que corresponde a um aumento de 7% em relação a 2011, mas de 75,3% em comparação a 2007. Em função da maior quantidade de trabalhadores, houve mais desligamentos no segmento da Alimentação: 1.119.656, em 2012. No de Alojamamentos, foram 202.108 desligados. Os dois segmentos apresentaram aumento nos desligamentos em relação ao ano anterior.

O segmento de Alimentação registrou crescimento maior no número de trabalhadores empregados, mas, relativamente, teve mais desligamentos, o que pode ser indicativo de aumento da rotatividade (Tabela 1).

TABELA 1
Contratos Ativos e Desligados nos Segmentos de Alojamento e Alimentação
Brasil - 2007-2012

Trabalhadores Ativos em 31/12	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Alojamento	257.532	267.789	277.652	293.555	308.487	322.405
Alimentação	975.555	1.062.710	1.122.467	1.238.176	1.334.741	1.417.372
Total	1.233.087	1.330.499	1.400.119	1.531.731	1.643.228	1.739.777
Desligados						
Alojamento	134.520	154.471	159.029	175.704	192.774	202.108
Alimentação	619.329	742.445	790.322	922.403	1.042.479	1.119.656
Total	753.849	896.916	949.351	1.098.107	1.235.253	1.321.764

Fonte: MTE. Rais
Elaboração: DIEESE

O perfil dos trabalhadores desligados e dos ativos é muito semelhante nesses segmentos. Chama atenção, entretanto, no quesito cor/raça, o fato de a quantidade de “não identificados” ser muito alta, o que pode comprometer a análise e inviabilizou uma possível verificação deste quesito entre os desligados. Utiliza-se, geralmente, a autodeclaração para mensurar essa variável, mas, na Rais, as informações são fornecidas pelo empregador. Seria interessante que

se pensasse em outras possibilidades ou ações para promover melhoria na captação deste dado.

Com relação ao sexo dos trabalhadores, observa-se predominância das mulheres entre os desligados nos dois segmentos. Em Alimentação, o número de desligadas subiu de 314.047, em 2007, para 652.142, em 2012, crescimento de 93%. Ainda neste segmento, a diferença entre o percentual de homens e mulheres desligados em 2007 é muito menor do que em Alojamento, e, ao longo da série histórica, a diferença aumenta na medida em que cresce o número de mulheres desligadas e o de homens cai. Esse movimento também se observa no segmento de Alojamentos.

Com relação à faixa etária, há mais jovens de até 24 anos entre os desligados no segmento de Alimentação, enquanto em Alojamento, os desligamentos estão em maior número entre trabalhadores de 30 a 39 anos. Nos dois segmentos, mas de forma mais acentuada em Alojamento, comparando 2012 e 2007, percebe-se retração nos desligamentos entre trabalhadores na faixa de 25 a 29 anos e aumento entre os de 30 a 39 anos. Há relativa estabilidade na faixa até 24 anos nos dois segmentos.

GRÁFICO 2

Distribuição dos desligados nos segmentos de Alojamento e Alimentação segundo faixa etária - Brasil, 2007 a 2012 (em %)



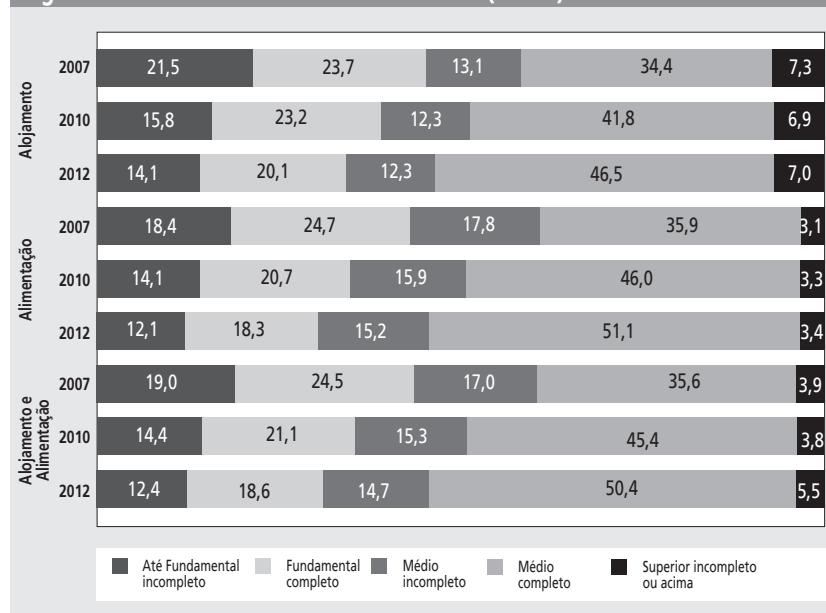
Fonte: MTE. Rais
Elaboração: DIEESE

No que diz respeito à escolaridade dos desligados, mais uma vez, é possível notar muita semelhança com os ativos. A imensa maioria possui o ensino médio completo. Há poucos trabalhadores com nível superior completo ou incompleto ou pós-graduação e, por essa razão, não foi possível analisá-los separadamente, mas de maneira agregada. Entretanto, é possível observar que, entre os desligados, o segmento de Alojamento dispensou mais trabalhadores com escolaridade acima do ensino médio do que Alimentação. Neste último, o percentual com ensino médio completo é maior em 2012: 51,1%, contra 46,5% de Alojamento.

Nos dois segmentos, é possível observar, que desde 2007, há um movimento constante de redução dos níveis mais baixos de escolaridade, mais acentuado entre aqueles que têm até o fundamental incompleto. Assim, constata-se que não se trata de uma mão de obra de baixíssima escolaridade, o que coloca em xeque o discurso patronal da falta de trabalhadores qualificados nos setores.

GRÁFICO 3

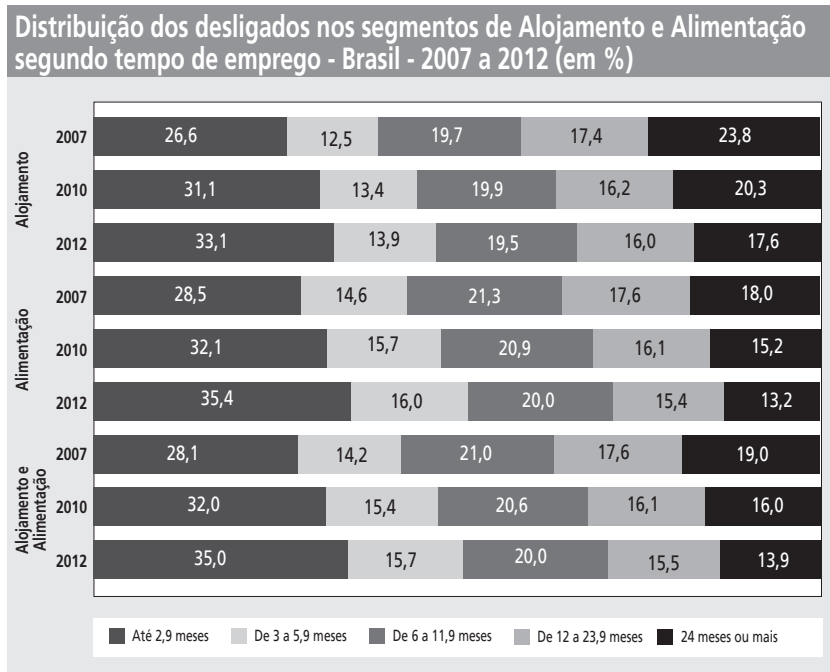
Distribuição dos desligados nos segmentos de Alojamento e Alimentação segundo escolaridade - Brasil - 2007 a 2012 (em %)



Fonte: MTE. Rais
Elaboração: DIEESE

A maior parte dos trabalhadores desligados está nas faixas de **menor** tempo de emprego. No segmento de Alimentação, em 2012, a faixa que vai até 6 meses chega a mais da metade dos desligados (51,4%) e no de Alojamento, a quase a metade (47%). Tanto em Alojamento quanto em Alimentação, há diminuição nas faixas de tempo de emprego superiores a 2 anos, enquanto as faixas de até 3 meses e de 3 a 6 meses cresceram de 2007 a 2012.

GRÁFICO 4



Fonte: MTE. Rais
Elaboração: DIEESE

Distribuição dos trabalhadores por remuneração

Os baixos salários são a regra nos segmentos de Alojamento e Alimentação. Para deflacionar os salários no período analisado, foi utilizado o INPC-IBGE (Índice Nacional de Preços ao Consumidor, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

Nota-se ligeira melhora, no período em análise, na trajetória dos salários dos trabalhadores dos dois segmentos. Expressão disso é o comportamento da remuneração média real dos trabalhadores em Alojamento e Alimentação, que cresce nos últimos anos. Em 2007, no segmento de Alojamento, a

remuneração média correspondia a R\$ 984 e em 2012 chegou a R\$ 1.163, o que significa aumento de 18,2% no período. Para a Alimentação, em 2007, o rendimento médio ficava em R\$ 829 e, em 2012, chegou a R\$ 1.003, incremento de 21%.

Apesar do crescimento da remuneração média real no período, estes segmentos, em comparação com a média nacional e outros setores, ainda apresentam as menores remunerações médias. A relação entre a remuneração média nacional e a dos ativos e desligados evidencia a baixa remuneração dos segmentos de Alojamento e de Alimentação. Como comparação, em 2007, a remuneração média no Brasil era de R\$ 1.803, em 2007, e, em 2012, chegou a R\$ 2.008 para os vínculos ativos. Já os desligados recebiam em média R\$ 1.254, em 2007, e R\$ 1.362, em 2012 (Tabela 2).

TABELA 2
Remuneração média real (R\$) dos vínculos ativos e dos desligados nos segmentos
Alojamento e Alimentação - Brasil - 2007-2012 (em reais)

	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Trabalhadores ativos em 31/12						
Brasil	1.803	1.866	1.913	1.962	2.020	2.008
Alojamento	984	995	1034	1066	1106	1163
Alimentação	829	853	890	933	955	1003
Trabalhadores desligados no ano						
Brasil	1254	1256	1334	1301	1308	1362
Alojamento	972	950	984	980	981	1036
Alimentação	798	791	837	831	859	898

Fonte: MTE. Rais
Elaboração: DIEESE

Na comparação entre a situação dos trabalhadores desligados e a dos que permanecem com vínculo ativo, no que diz respeito à remuneração, os ativos nos últimos anos apresentam um distanciamento das remunerações em relação aos desligados. No período de 2007 a 2012, a diferença percentual entre eles cresce de 1,2%, em 2007, para 12,3%, em 2012, no segmento de Alojamento, e de 3,88% para 11,7% no segmento da Alimentação. Portanto, nos dois segmentos a situação dos desligados sempre se apresenta pior do que a dos ativos e, quando comparada com a média nacional, os dados não são animadores (Tabela 3).

Há uma diferenciação da remuneração a depender da causa do desligamento e, além disso, estes fatores influenciam na rotatividade dos segmentos,

TABELA 3
Remuneração média real dos trabalhadores ativos e desligados, por motivos de
desligamento, nos segmentos de Alojamento e Alimentação - Brasil, 2007-2012 (em reais)

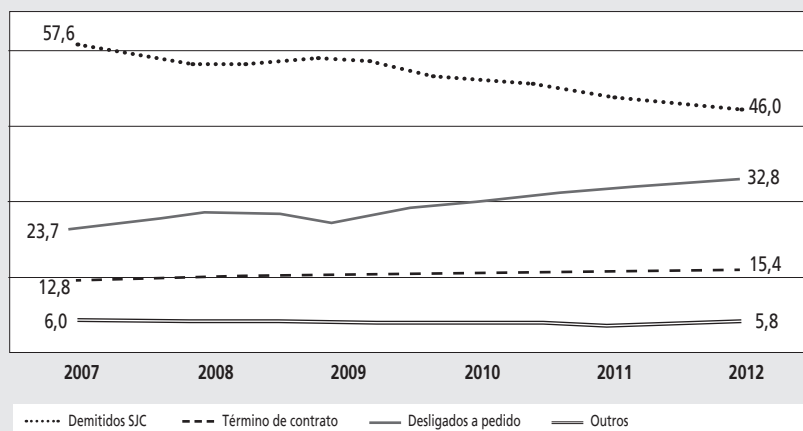
	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Brasil	1.802,87	1.866,41	1.913,27	1.962,44	2.020,02	2.080,07
Alojamento	983,99	994,59	1.034,11	1.066,35	1.106,41	1.162,93
Alimentação	829,03	853,23	889,96	933,36	954,54	1.002,62
Total	1.123,43	1150,05	1197,79	1237,72	1273,14	1337,55
Desligados no ano						
Brasil	1.253,89	1256,46	1334,31	1301,25	1307,89	1362,33
Alojamento	972,10	949,85	983,80	980,24	980,65	1036,26
Alimentação	798,25	791,33	836,51	830,71	858,53	897,78
Total	993,56	981,05	1031,40	1012,05	1050,79	1078,77
Demitidos sem justa causa						
Brasil	1.245,52	1.257,69	1.378,64	1.316,07	1.331,35	1.407,35
Alojamento	993,91	957,40	1003,42	991,22	1003,11	1083,08
Alimentação	824,56	816,21	881,50	863,01	908,52	945,17
Total	998,63	986,51	1058,58	1029,25	1065,94	1122,11
Término de contrato						
Brasil	1.009,38	1.012,66	1.022,56	1.069,76	1.067,42	1.108,58
Alojamento	747,43	759,14	800,63	887,42	833,68	893,02
Alimentação	727,76	722,23	760,17	769,65	781,06	813,81
Total	790,00	787,60	802,15	823,25	834,43	858,19
Desligamento a pedido						
Brasil	1.182,27	1.176,54	1.159,01	1.189,20	1.189,40	1.215,59
Alojamento	971,01	956,28	976,04	964,70	973,61	1004,88
Alimentação	721,51	728,29	736,12	760,99	781,45	831,27
Total	915,91	913,52	918,49	945,20	964,34	989,10

Fonte: MTE. Rais
 Elaboração: DIEESE

por duas razões: a primeira, pelo lado das empresas, que procuram diminuir os rendimentos dos trabalhadores, pois os ativos apresentam uma remuneração média real acima dos desligados por término de contrato e desligados sem justa causa, e o segundo, diz respeito à baixa remuneração média dos desligados a pedido, que, tanto no segmento de Alojamento como no de Alimentação, apresentam remuneração média mais baixa que as outras formas de desligamento. Isso confirma a hipótese de que os trabalhadores estão saindo dos empregos também em razão dos baixos salários, aproveitando o momento de aquecimento na economia para tentar se colocar em outros setores.

GRÁFICO 5

Distribuição dos desligados nos setores de Alojamento e Alimentação segundo principais motivos de desligamento - Brasil - 2007 a 2012 (em %)



Fonte: MTE. Rais
Elaboração: DIEESE

Distribuição dos trabalhadores desligados por tamanho do estabelecimento

A maior parte dos vínculos desligados nos segmentos de Alojamento e Alimentação encontra-se em estabelecimentos que possuem entre 10 e 49 empregados - 39,3% dos estabelecimentos, em 2007, e 41,5%, em 2012. Nota-se, entretanto, que há forte presença dos pequenos estabelecimentos nesses segmentos, ou melhor, estabelecimentos que empregam poucos funcionários. Há mais estabelecimentos na faixa de 1 a 4 empregados do que em todas as faixas que possuem acima de 100 empregados somadas.

É possível observar, entretanto, que, desde 2007, as faixas de 10 a 19 e de 20 a 49 empregados foram as que mais cresceram relativamente em comparação aos outros tamanhos de estabelecimentos. Os pequenos estabelecimentos, com nenhum empregado ou com apenas de 1 a 4, foram os únicos que apresentaram redução (Tabela 4).

Observa-se ainda que 29.317 estabelecimentos do segmento de Alojamentos e 194.809 de Alimentação registraram desligamentos em 2012 (Tabela 5).

Analisando os estabelecimentos que mais desligaram trabalhadores nos dois segmentos, nota-se forte concentração da rotatividade nestes segmentos, uma vez que parte expressiva dos desligamentos deve-se à ação de um número relativamente pequeno de empresas.

TABELA 4
Distribuição dos vínculos desligados em Alojamento e Alimentação,
segundo porte do estabelecimento - Brasil - 2007-2012 (em %)

Número de empregados	Trabalhadores desligados - 2007			Trabalhadores desligados - 2012		
	Alojamento	Alimentação	Total	Alojamento	Alimentação	Total
0 empregado	5,4	8,7	8,1	3,9	6,5	6,1
De 1 a 4	12,1	15,1	14,6	10,1	13,7	13,1
De 5 a 9	14,8	15,5	15,3	14,0	15,9	15,6
De 10 a 19	18,6	17,9	18,0	18,1	19,6	19,3
De 20 a 49	25,6	20,3	21,3	27,9	21,2	22,2
De 50 a 99	10,9	10,5	10,6	11,2	10,7	10,8
De 100 a 249	7,2	4,8	5,2	8,0	5,2	5,6
De 250 a 499	4,2	1,3	1,8	5,0	1,4	1,9
De 500 a 999	0,6	2,1	1,9	1,0	1,5	1,5
1.000 ou mais	0,7	3,6	3,1	0,8	4,3	3,8

Fonte: MTE. Rais
 Elaboração: DIEESE

TABELA 5
Distribuição dos estabelecimentos, ativos em 31/12, desligados e desligados
descontados em Alojamento e Alimentação - 2012

	Ativos em 31/12	Desligados no ano	Desligados descontados	Estabelecimentos
Alojamento	322.405	202.108	140.548	29.317
Alimentação	1.417.372	1.119.656	697.821	194.809
Total	1.739.777	1.321.764	838.369	224.126

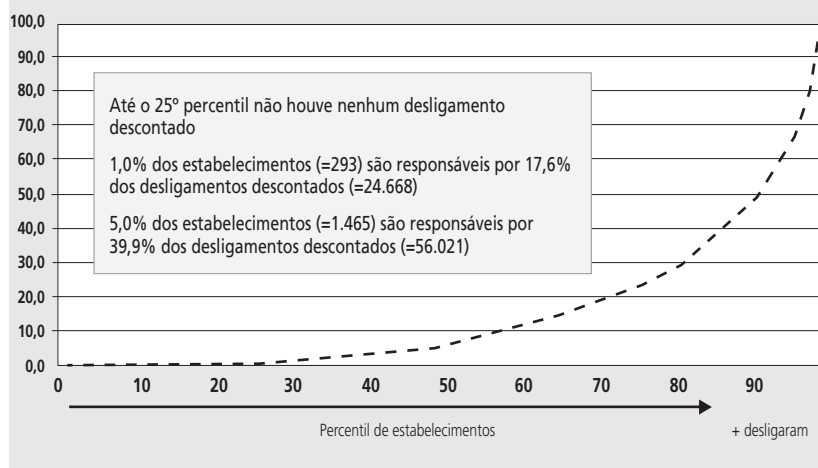
Fonte: MTE. Rais
 Elaboração: DIEESE

No segmento de Alojamentos, apenas 1% dos estabelecimentos (293) é responsável por quase um quinto (17,6%) dos desligamentos descontados. E 5%, ou seja, 1.465 estabelecimentos são responsáveis por 39,9% dos desligamentos, o que equivale a 56.021 pessoas (Gráfico 6).

No segmento de Alimentação, mais amplo, a concentração dos desligamentos por iniciativa do empregador em poucos estabelecimentos é ainda maior. Somente 1% das empresas (1.948) é responsável por 20,5% dos desligamentos descontados, o que equivale a 142.788 afastamentos em 2012. Considerando os 5% (9.740) que mais desligaram, estes foram responsáveis por 42,2% dos desligamentos descontados em 2012, isto é, 294.402 desligados (Gráfico 7).

GRÁFICO 6

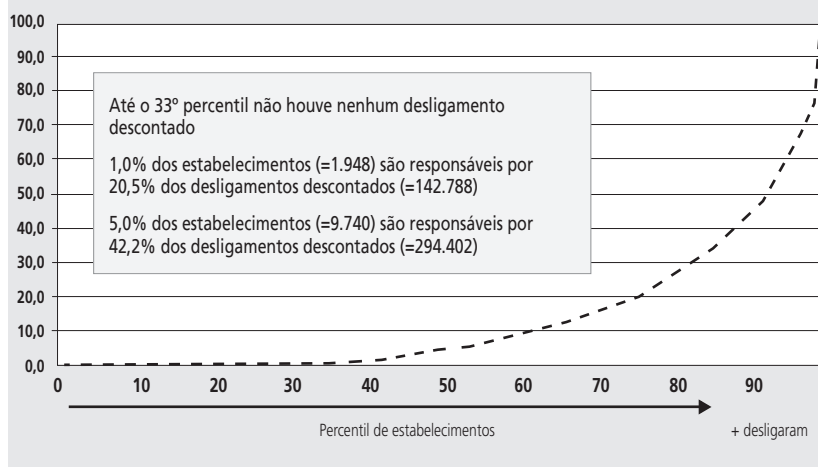
Desligamentos descontados acumulados segundo percentil de estabelecimentos no Alojamento - Brasil - 2012



Fonte: MTE. Rais
Elaboração: DIEESE

GRÁFICO 7

Desligamentos descontados acumulados segundo percentil de estabelecimentos na Alimentação - Brasil - 2012



Fonte: MTE. Rais
Elaboração: DIEESE

Taxas de rotatividade global e descontada

Para proceder à análise das taxas de rotatividade nos segmentos de Alojamento e Alimentação, utilizaremos como parâmetro as taxas para o Brasil. É possível notar que tanto a taxa global quanto a descontada são superiores nos segmentos selecionados. Enquanto a taxa descontada nacional chegou a 37,4%, em 2012, para o segmento de Alojamento foi de 44,6% e para o de Alimentação ficou em 50,7%. Além de serem superiores à média nacional, as taxas apresentaram crescimento entre 2007 e 2012.

Com relação à taxa global, novamente verifica-se que a taxa nos segmentos selecionados é superior à média nacional, mas a diferença é ainda maior. Enquanto a taxa para o Brasil era de 55,2%, em 2012, no segmento de Alojamento, ficava em 64,1%, e no de Alimentação, em 81,4%. As taxas são crescentes em ambos.

TABELA 6
Taxas de rotatividade global e descontada nos segmentos de Alojamento e Alimentação - Brasil - 2007 a 2012 (em %)

	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Taxa de rotatividade descontada						
Alojamento	41,0	44,3	44,6	45,5	45,4	44,6
Alimentação	46,9	49,4	50,2	51,3	51,9	50,7
Total	41,2	43,5	42,9	43,1	44,0	42,7
Taxa de rotatividade global						
Alojamento	53,4	58,8	58,3	61,5	64,0	64,1
Alimentação	66,4	72,9	72,3	78,1	81,0	81,4
Total	56,5	61,7	59,6	63,0	66,9	66,2

Fonte: MTE. Rais
Elaboração: DIEESE

Ocupações com maior número de desligados

A seleção das 10 ocupações que mais desligaram trabalhadores em 2012, para cada um dos segmentos, indica que apenas nestas ocupações estão concentrados 66,8% dos desligados no segmento de Alojamento e 74,9% dos afastados nos estabelecimentos de Alimentação.

Em Alojamentos, a ocupação que mais desligou trabalhadores foi a de camareiro (24,7%), que somou quase 50 mil desligados no ano, e no segmento de Alimentação, atendente de lanchonete (22,9%), que desligou 255.884 trabalhadores em 2012.

TABELA 7
Ranking das 10 ocupações entre os maiores desligamentos para os segmentos de Alojamento e de Alimentação - 2012

	Desligados	Em%
Alojamento		
1 Camareiro de hotel	49.868	24,7
2 Recepcionista de hotel	19.779	9,8
3 Cozinheiro geral	12.241	6,1
4 Recepcionista, em geral	12.003	5,9
5 Garçom	11.819	5,8
6 Faxineiro	8.783	4,3
7 Trabalhador em serviços de limpeza e conservação de áreas públicas	6.714	3,3
8 Copeiro	4.803	2,4
9 Auxiliar de escritório em geral	4.645	2,3
10 Trabalhador da manutenção de edificações	4.385	2,2
Alimentação		
1 Atendente de lanchonete	255.884	22,9
2 Cozinheiro geral	226.872	20,3
3 Garçom	110.668	9,9
4 Auxiliar nos serviços de alimentação	77.023	6,9
5 Vendedor do comércio varejista	40.081	3,6
6 Copeiro	37.350	3,3
7 Operador de caixa	34.480	3,1
8 Faxineiro	23.617	2,1
9 Gerente de restaurante	17.112	1,5
10 Auxiliar de escritório em geral	15.767	1,4

Fonte: MTE. Rais
 Elaboração: DIEESE

Observa-se que há ocupações que são comuns aos dois segmentos: cozinheiro geral, garçom, faxineiro, copeiro e auxiliar de escritório em geral. Essas são ocupações que estão muito presentes no sistema público de intermediação de mão de obra e algumas delas possibilitam trabalhar em diferentes setores, o que oferece a possibilidade ao trabalhador de optar por mudar de emprego, assim como há facilidade do lado do empregador para substituir trabalhadores, pois são ocupações com baixo grau de especialização. Em função de serem as ocupações que apresentam maior índice de desligamentos, seriam as mais indicadas para serem prioritárias na oferta de cursos de qualificação profissional.

Considerações finais

Assim como o país, o mercado de trabalho brasileiro passou por diversas transformações nesses primeiros anos do século 21. Mesmo assim, algumas das características estruturais desse mercado continuam com fortes marcas. Entre elas, destaca-se a rotatividade.

A literatura, as discussões e os estudos produzidos sobre o tema mais recentemente apontam para um fenômeno complexo e de múltiplas causas. Da mesma forma, há um diagnóstico de que a rotatividade tem impactos sobre as empresas, o governo, a sociedade em geral e, particularmente, sobre os trabalhadores.

Entre esses impactos, pode-se destacar: do ponto de vista das empresas, a rotatividade pode implicar custos para treinar e selecionar outro trabalhador para o posto que ficou vago. Entretanto, o que ocorre geralmente é que esse custo não é absorvido pela empresa e sim repassado para o preço final do produto/serviço. O trabalhador, além de ter o contrato de trabalho rompido e o crescimento da remuneração paralisado, ainda paga, como consumidor, um preço mais alto para um produto/serviço, encarecido. Quanto ao governo federal, vê os gastos com programas como o seguro-desemprego serem elevados. Em relação à sociedade, é ela que, em última instância, sofre os impactos.

Considerando todos esses aspectos, chega-se à conclusão de que a rotatividade é, de fato, um fenômeno que precisa ser enfrentado, o que não é tarefa simples nem pode ser de apenas um ou outro segmento da sociedade. Não existe uma única fórmula, mas sim a soma de esforços no sentido de produzir medidas que sejam capazes de trazer as taxas de rotatividade para patamares mais baixos.

Após a produção de dois livros, *Rotatividade e flexibilidade no mercado de trabalho*, de 2011, e *Rotatividade e Políticas Públicas para o Mercado de Trabalho*, de 2014, a observação e o debate das questões tratadas suscitaram a necessidade de discutir o assunto setorialmente. Assim, os seminários organizados tiveram o intuito de verificar e compreender o fenômeno, observando a

dinâmica, as diferenças e semelhanças existentes entre os seis setores abordados nesta publicação. O objetivo: formular propostas para combater a rotatividade e assim reduzir as elevadas taxas geral ou setoriais.

A análise dos dados acerca do perfil dos trabalhadores e dos desligados dos setores econômicos que foram objeto dos seminários revela a existência de mais semelhanças do que diferenças. É importante ressaltar que os segmentos analisados contemplam setores de serviços e da indústria.

Mesmo considerando que a rotatividade possa ter causas distintas, que vão desde contratos de curta duração (Construção Civil), sazonalidade (Agricultura), fusões e aquisições (Bancos), passando por ciclo de negócios, entre outras, a caracterização dos setores é fundamental. Porque a rotatividade depende, entre outros aspectos: do grau de escolaridade; do nível salarial; da concentração/dispersão da ocupação; da jornada de trabalho; dos serviços terceirizados e dos atributos pessoais.

Contudo, além dessas características, observa-se que a elevada taxa de rotatividade de muitos setores decorre da liberdade que o empregador tem para demitir e contratar. Além de o custo do processo ser baixo, não há nenhum mecanismo que iniba a demissão imotivada, que acaba sendo a principal causa de rompimento dos contratos de trabalho no Brasil.

A partir da observação de todos os aspectos mencionados e das características setoriais, percebe-se que a rotatividade é um fenômeno presente em todos os segmentos analisados, mesmo que as taxas (global ou descontada) registrem grandes diferenças percentuais. E mais, pouco se altera no período de 2007 a 2012.

A análise compreende seis setores (Construção, Bancos, Químico, Comércio, Metalúrgico e Alojamento e Alimentação). Dentro de cada setor foram examinados vários segmentos. A análise revela algumas diferenças do ponto de vista do perfil dos vínculos ativos. Em relação a alguns atributos pessoais, como sexo, escolaridade e faixa etária dos trabalhadores, há situações distintas decorrentes da própria atividade produtiva, como é o caso da Construção, cuja mão de obra é majoritariamente constituída por pessoas do sexo masculino, enquanto o setor de Alojamento, por exemplo, emprega cerca de 60% de mulheres. Já no setor Metalúrgico, os homens representam aproximadamente 85% do total de trabalhadores. Nos bancos, há equilíbrio entre homens e mulheres.

Em relação ao quesito escolaridade, embora haja pesos diferentes entre os diversos níveis, setores e segmentos, observa-se aumento dos mais escolarizados no total dos vínculos, entre 2007 e 2012, assim como queda da participação dos níveis de menor instrução. Essa mudança certamente decorre dos avanços observados na escolaridade formal dos brasileiros nesses últimos anos, fato que se reflete na força de trabalho como um todo.

A faixa etária é outro atributo em que se verificam alterações nesse período. Os dados demonstram que, com poucas diferenças de peso em todos os setores, há forte presença de trabalhadores na faixa entre 18 e 29 anos de idade. Entretanto, a faixa entre mais de 29 a 39 anos é a mais representativa em todos os setores.

Há muitas possibilidades para se olhar os desligamentos em cada setor e em todos os segmentos. Contudo, optou-se por dois recortes fundamentais: tamanho do estabelecimento e *ranking* das ocupações. Olhar o desligamento a partir do tamanho do estabelecimento permite averiguar onde se concentram os desligados e quais são os principais estabelecimentos responsáveis por eles. Da mesma forma, analisar os desligamentos sob a ótica das 20 famílias ocupacionais possibilita enxergar quais são as ocupações que mais desligam trabalhadores.

Motivos dos desligamentos, porte das empresas e *ranking* das ocupações

As causas dos desligamentos entre 2007 e 2012, analisadas nesta publicação, demonstram que, apesar das particularidades e da heterogeneidade existentes entre os setores e os diversos segmentos que os constituem, há mais semelhanças entre os principais motivos dos desligamentos do que se imagina.

São considerados seis motivos para os desligamentos: demissão sem justa causa (DSJC), término do contrato, desligamento a pedido, demissão com justa causa (DJC), transferências e outros.

Entre esses motivos, a Demissão sem Justa Causa - iniciativa e responsabilidade exclusiva do empregador - é a principal causa dos desligamentos nos setores e segmentos em toda a série histórica. Apesar de registrar percentuais diferentes entre setores e segmentos, entretanto, mais de 50% de todos os desligamentos ocorrem por essa razão.

O término do contrato aparece como o segundo motivo mais frequente de desligamento dos trabalhadores formais em quase todos os setores. Na sequência vem o desligamento a pedido, ou seja, as situações em que o trabalhador pede demissão. Esses três motivos somados representam mais de 85% de todos os desligamentos nos setores, exceto no bancário.

A análise das diferentes razões para os desligamentos é fundamental para compreender o fenômeno da rotatividade. Analisar essas razões sob a ótica setorial também é de extrema importância para verificar o comportamento, as especificidades e nuances que revelam diferenças ou semelhanças entre os setores.

Os seis setores que são objeto de análise desse livro desligaram no ano de 2012 cerca de 12,4 milhões de trabalhadores. A maioria desses desligamentos tem como razão principal a demissão sem justa causa, ou seja, ocorreram por decisão unilateral do empregador.

O comportamento de cada setor a partir dos motivos de desligamentos, no período examinado (2007-2012), é demonstrado a seguir.

Alojamento e Alimentação (Hotelaria)

Nestes setores, 57,6%, em 2007, e 46%, em 2012, dos desligamentos ocorreram por demissão por justa causa. Término de contrato, o tipo de desligamento com a segunda maior frequência, aparece com 23,7%, em 2007, e 32,8%, em 2012, seguido da modalidade a pedido, com 15,4%, em 2012.

As 10 ocupações com mais trabalhadores desligados em 2012, no setor de Alojamento, foram: camareiro de hotel, com quase 25%; recepcionista de hotel, cujo percentual foi de 9,8%; cozinheiro geral, 6,1% e; recepcionista em geral, 5,9%. Já no setor de Alimentação, entre as 10 ocupações, merecem destaque: atendente de lanchonete, que teve participação de aproximadamente 23%; cozinheiro geral, em segundo lugar, com 20,3%; seguido de garçom, 6,9%.

O desligamento segundo porte do estabelecimento revela que os desligamentos nos dois setores estiveram concentrados em empresas que têm entre 1 e 19 trabalhadores, ou seja, cerca da metade (48%). Já os estabelecimentos que têm de 20 a 49 empregados representaram 22% dos desligamentos em 2012.

As taxas de rotatividade global e descontada são distintas, entre os setores ou mesmo entre os segmentos. Contudo, em 2007 e 2012, as duas cresceram na maioria dos setores e segmentos analisados. Em Alojamento e Alimentação, as diferenças são pouco acentuadas. Somados os dois segmentos, a taxa global foi de **56,5%** e **66,2%** respectivamente, em 2007 e 2012, respectivamente. A taxa descontada, por sua vez, registrou os seguintes percentuais: **41,2%** e **42,7%**, em igual período.

Metalúrgicos

A demissão sem justa causa representou 57,3% dos desligamentos no setor Metalúrgico, em 2007, e 55,6%, em 2012. O segundo motivo de desligamento foi a demissão a pedido, que oscilou entre 17,7% e 21% no mesmo período. Já em 2009, os desligamentos ocorreram de forma diferente dos demais anos. Apesar de as demissões por justa causa continuarem sendo a principal razão para os afastamentos, com 66,4%, os desligamentos a pedido, segundo maior motivo nos outros anos, apresentaram o mais baixo percentual entre todas as causas (12,8%).

Quanto aos desligados segundo o tamanho do estabelecimento, verificam-se grandes diferenças, uma vez que há segmentos com grandes empresas, como, por exemplo, montadoras, aeroespacial, naval etc. Mesmo assim, cerca de 36% dos desligamentos, em 2012, ocorreram em empresas que têm entre 1 e 49 empregados.

O *ranking* das principais ocupações com desligamento no setor Metalúrgico demonstrou que 64% dos desligados em 2012 estavam entre 20

ocupações. Entre essas, três apareceram com maior frequência: alimentadores de linha de produção (12,6%), trabalhadores de soldagem e corte de metais e de compósitos (6,6%) e montadores de equipamentos eletrônicos (5,4%).

A taxa de rotatividade global na indústria metalúrgica, entre 2007 e 2012, oscilou de **37,2%** para **45,3%**. Do ponto de vista dos segmentos dessa indústria, dois apresentaram rotatividade elevada em 2012, a saber: máquinas e equipamentos (62,3%) e naval (51,8%). As montadoras apareceram com a menor taxa (11,9%).

No que diz respeito à taxa de rotatividade descontada, o setor Metalúrgico registrou: **27%**, em 2007, e **32,4%**, em 2012. Observou-se alteração na posição de alguns segmentos do setor, embora máquinas e equipamentos tenham continuado a liderar, com uma taxa de 46,6%, em 2012, seguido de siderurgia e metalurgia básica, com 33,6%.

Químicos

Assim como nos demais setores, no Químico, há uma prevalência dos rompimentos dos contratos de trabalho por iniciativa do empregador, ou seja, a demissão sem justa causa que, em 2012, representou 50,2% de todos os desligamentos. Se a isso forem acrescidos 18,3% por término de contrato (incluindo os termos de contrato de experiência, de até três meses), pode-se concluir que 68,5% dos desligamentos ocorreram por decisão unilateral do empregador.

Entre os 11 segmentos que compõem o setor Químico, o que apresentou o menor percentual de demissão sem justa causa, em 2012, foi o de *petróleo e gás natural*: 33,96%. Já cosméticos e borracha tiveram os maiores índices de afastamentos sem justa causa: 55,5% e 57,4% respectivamente.

Entre 2007 e 2012, observa-se aumento de aproximadamente 11,0% nos desligamentos sem justa causa e redução de cerca de 3,0% nos termos de contrato. Cabe destacar o expressivo crescimento dos desligamentos a pedido do empregado, em igual período - 41,36%.

Do ponto de vista da distribuição dos desligados na indústria química, chama atenção o fato de que apenas 2.015 estabelecimentos, ou 5% do total, foram responsáveis por mais de dois terços de todos os desligamentos em 2012. Ademais, nota-se que aproximadamente 46% desses desligamentos ocorreram em 1% dos estabelecimentos. Isso indica que há uma forte concentração da rotatividade em um pequeno número de empresas do setor.

Independentemente do setor analisado, constata-se que a maioria dos desligados está reunida em um conjunto de 20 ocupações. No caso do setor Químico, em 2012, 56% dos desligamentos estão entre essas 20. É preciso lembrar que, entre as ocupações, algumas são transversais, em outras palavras, estão presentes em todos os segmentos da indústria química.

Um aspecto que merece ser ressaltado é que as ocupações que mais desligaram, em 2012, não exigem nível superior. Quando muito, são ocupações de nível técnico, o que permite inferir que esses trabalhadores desligados podem ser mais facilmente substituídos do que aqueles para os quais é requerida maior qualificação ou mesmo nível mais alto de escolaridade para desenvolver as funções.

O setor Químico é um dos que apresenta taxas de rotatividade (global e descontada) superior à taxa média do mercado de trabalho. No intervalo de tempo que vai de 2007 a 2012, as taxas de rotatividade foram reduzidas de 51,6% para 47,3% (global) e de 37,3% para 33,3% (descontada).

A desagregação dos dados revela que o fenômeno da rotatividade se expressa de formas distintas, afetando grupos diferenciados de trabalhadores. Dessa forma, entre os segmentos da indústria química, os que apresentaram maiores taxas de rotatividade descontada em 2012 foram: sucroalcooleiro (52,1%) e de brinquedos (51,6%) e as menores aparecem nos segmentos de petróleo e gás natural (8,3%) e farmacêutico (18,7%).

Construção

Conforme já mencionado no capítulo que trata do setor, a Construção tem algumas especificidades no que tange às formas de contratação, o que a diferencia de outros setores de atividade. Por exemplo, com elevado índice de desligamento anual, era de se esperar um volume considerável de contratos por tempo determinado, pois seriam mais associados a vínculos de curta duração. Todavia, quando se analisa o tipo de contrato dos desligados em 2012, chama atenção o fato de aproximadamente 95% serem por prazo indeterminado.

No tocante ao tempo de duração, poderia se supor que contratos por prazo indeterminado seriam efetivados para trabalhadores que a empresa quer manter no quadro, por meio da realocação em outras obras. Dessa forma, terminada a obra em que os trabalhadores estão alocados, eles seriam transferidos para novo empreendimento, sem a necessidade de romper o contrato. Contudo, não é o que parece acontecer, uma vez que mais da metade dos contratos firmados por prazo indeterminado é rescindida antes de completar seis meses.

O rompimento dos vínculos com menos de três meses (período de experiência) é responsável por mais de 1/3 (um terço) dos desligamentos na indústria da Construção. Nesta situação pode ser observada a predominância do término de contrato (35%) como o principal motivo da ruptura do contrato de trabalho.

Os desligamentos na Construção, em 2012, tiveram como principais motivos a demissão sem justa causa. Esse e os demais motivos permaneceram praticamente estáveis entre 2007 e 2012, exceto aquele em que o trabalhador pede o afastamento (a pedido), que saltou de 11% para 16,4% em igual perí-

odo. O aumento, provavelmente, ocorreu em função das oportunidades criadas pelas novas vagas, com remunerações melhores.

O setor da Construção tem uma das mais altas taxas de rotatividade do mercado de trabalho formal brasileiro. Em 2012, a taxa de rotatividade global foi de 114% e a descontada registrou percentual de 86%.

Bancários

O setor Bancário tem particularidades que o torna diferente dos demais setores de atividade no que tange às taxas de rotatividade. Pelo menos três características são fundamentais para entender o comportamento e a magnitude das taxas de rotatividade: o processo de fusões iniciado nos anos 1990, que tem como resultado elevada concentração - prova disso é que atualmente os seis maiores bancos concentram cerca de 87% dos bancários ou, em outras palavras, de cada 10 bancários quase nove trabalham em em uma dessas instituições; outra característica é o elevado índice de formalização, ou seja, a totalidade dos vínculos é formalizada, tanto nos bancos públicos quanto privados; e uma terceira característica é a alta escolaridade dos trabalhadores: segundo a Rais 2012, 85% tinham ensino superior incompleto e completo. Por essas razões, a rotatividade nos bancos é bastante inferior à dos demais setores e à média nacional.

Entre 2007 e 2012, as taxas de rotatividade nos bancos apresentaram comportamento distinto. Enquanto a global registrou declínio, saindo de **23,3%** para **20,8%**, a taxa descontada apresentou ligeiro crescimento de **4,0%** (2007) para **5,1%** (2012).

Contudo, a rotatividade tem comportamento e trajetória diferenciados quando se considera a natureza jurídica do estabelecimento, ou seja, os bancos públicos exercem considerável influência na magnitude da taxa. Nessas instituições, a taxa descontada (demissão sem justa causa, demissão por justa causa e término do contrato de trabalho) oscilou de 0,3% para 1,2%, entre 2007 e 2012. Já no caso dos bancos privados, essa taxa variou de 6,1% para 8,9% em igual período.

A rotatividade sabidamente tem efeitos negativos sobre os trabalhadores. Entre esses pode ser citado o impacto sobre a remuneração. Há significativa diferença entre o salário dos admitidos e dos desligados. No caso dos bancos, esse diferencial é muito superior ao verificado nos demais setores formais da economia.

Os desligamentos bancários sob a ótica das ocupações revelam que 10 delas concentraram 70% de todos os desligamentos em 2012. Entre as ocupações que mais desligaram estão: gerente de conta pessoa física e jurídica, com participação de cerca de 17%; caixa de banco, quase 12% e; gerente administrativo, com aproximadamente 7% dos desligamentos.

Conforme já mencionado, a questão da rotatividade não poderá ser combatida e solucionada com uma única arma nem é tarefa para um ator social apenas. O problema requer iniciativas diferentes e envolvimento de muitos. Diante da percepção de que esse é um fenômeno complexo, de múltiplas causas e com diversos rebatimentos, o debate ocorrido nos vários seminários formulou um conjunto de propostas que procurou contemplar três âmbitos: da negociação coletiva (acordo/convenção coletiva de trabalho); do legislativo e; das políticas públicas.

PROPOSTAS

Além de procurar identificar as características e particularidades dos setores para melhor entender o fenômeno da rotatividade, foram sugeridas nos seminários algumas questões para orientar o debate, entre elas: 1) que medidas que vêm sendo tomadas pelo movimento sindical para combater a rotatividade? 2) que ações podem ser implementadas para combater a rotatividade nos âmbitos mencionados acima?

A partir dessas questões e do conjunto de informações e indicadores dos setores, os participantes tentaram observar se há ações em curso, desencadeadas pelas entidades sindicais para lidar com o problema, e quais seriam essas iniciativas, para iniciar a formulação de propostas.

No caso do setor de **Comércio**, destacam-se as seguintes medidas:

Medidas no âmbito da negociação coletiva

- fim do contrato de experiência ou, no mínimo, redução deste tipo de contrato para 30 dias; aumento considerável do piso salarial; convênio médico sem custo para o trabalhador; valorização profissional por meio de qualificação profissional financiada pelo setor patronal; qualificação profissional promovida pelo empregador dentro da jornada; vale-alimentação igual a 20% do piso; multa no valor de um piso salarial por descumprimento de qualquer norma coletiva; extinção das horas extras e principalmente dos bancos de horas; piso nacional unificado; unificação da data-base; trabalho decente; elevação de cargos e salários; estabilidade para gestante.

Medidas no âmbito legislativo

- regulamentação do artigo 239, § 4º da Constituição Federal de 1988 (seguro-desemprego); ratificação da Convenção 158 da Organização Internacional do Trabalho (OIT); alteração da Lei de Participação nos Lucros e Resultados (Lei 10.101/2000); fim do contrato de experiência; extinção do banco de horas; redução da jornada de trabalho para 40 horas semanais sem redução salarial; valorização do salário mínimo nacional.

Medidas no âmbito das políticas públicas

- Desonerações setoriais com contrapartida de estabilidade de emprego; aumento da fiscalização no local de trabalho; desoneração da folha de pagamento apenas para empresas que têm baixa taxa de rotatividade.

Essas propostas abrangem tanto a melhoria das condições de trabalho, principalmente no tocante à remuneração, aos benefícios e à jornada, quanto a regulação do mercado de trabalho no país. Assim, garantir o trabalho decente e inibir as inadequadas práticas empresariais são importantes direcionamentos para a redução da rotatividade.

No caso da **indústria da Construção**, a formulação das propostas foi precedida por duas questões: 1) de fato a natureza da atividade econômica pode explicar parte da rotatividade no setor? 2) que características distinguem a rotatividade nesse setor? A partir daí, as propostas foram formuladas contemplando os âmbitos: negociação coletiva; legislativo; Mesa Nacional da Construção (espaço tripartite de diálogo e negociação que tem como objetivo o aprimoramento das condições de trabalho na indústria da Construção) e outros.

Foram mencionadas as seguintes questões: as obras terminam, mas as empresas continuam a atuar; é importante desconstruir o pensamento de que é natural a rotatividade no setor; um setor “fácil” cuja admissão é fácil; há grande possibilidade de trabalho por conta própria, com maiores rendimentos; existe sazonalidade (migração de trabalhadores do campo, por exemplo); os salários são baixos e há pouca valorização dos trabalhadores; há precarização das relações de trabalho; existe elevado índice de terceirização; as empresas utilizam a legislação a favor da rotatividade, como, por exemplo, contratos de experiência etc.

Medidas no âmbito da negociação coletiva

- fim da aplicação do contrato de experiência para quem possui experiência anterior; redução do período de experiência para quem estiver entrando no setor; jornada compatível com tempo para qualificação; valorização e unificação do piso salarial; garantia de liberdade na ação sindical, por exemplo, em relação às greves e mobilização; luta pela adoção do Contrato Coletivo Nacional (com cláusulas que tratem de condições de trabalho, saúde e segurança); criação de critérios para regular a atuação das empresas terceirizadas conforme a atividade fim; contrato de experiência de 30 dias; criação de mecanismos nas convenções coletivas de trabalho que garantam certa estabilidade nos contratos de trabalho; organização no local de trabalho.

Medidas no âmbito legislativo

- alteração do modelo licitatório (inclusão nas licitações de cláusulas que deem mais proteção aos trabalhadores nos contratos); regulamentação da

terceirização; criação de mecanismos de proteção à paralisação das obras pelas empreiteiras; luta pela ratificação da Convenção 158 da OIT; regulamentação do artigo 239 da Constituição Federal, § 4º; exigência ao governo federal de aparelhamento do Ministério do Trabalho e Emprego (realização de concursos públicos para auditores fiscais do trabalho).

No que diz respeito à **Mesa Nacional da Construção**, foram elencadas as seguintes sugestões:

- promoção do reconhecimento do saber tácito (certificação) dos trabalhadores; demanda aos empresários e ao governo de qualificação/requalificação dos trabalhadores durante a jornada de trabalho; ampliação da representação da Mesa, de forma que se possa construir um contrato coletivo de trabalho com respeito às especificidades regionais, mas inserindo critérios que atendam a todos, como o contrato de experiência, folga de campo e outra série de temas.

No âmbito **outros** foram lançadas as seguintes propostas: garantia de fiscalização nas obras por meio do aumento do número de servidores/fiscais do Ministério do Trabalho e Emprego.

No tocante ao **setor Metalúrgico**, foram identificadas algumas iniciativas em curso visando ao combate da rotatividade:

- proposta específica de acordo coletivo nacional para o setor naval; combate às demissões em massa/rotatividade; delimitação do número de homologações no sindicato; plano de cargos e salários em algumas empresas; exigência, como contrapartida, de algumas empresas que acessam recursos do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) que mantenham taxa de rotatividade baixa; organização no local de trabalho (OLT); não admitir terceirização na atividade fim da empresa; ações sindicais, quando há demissões em massa; denúncias ao Ministério Público do Trabalho (MPT); pedidos de fiscalização nas empresas.

Entretanto, os participantes do seminário avaliaram que as medidas adotadas são insuficientes. A prioridade das ações é sempre o ganho/aumento de salários, além de haver dificuldade para se detectar a rotatividade nas demissões que envolvem menos trabalhadores e são mais e espaçadas.

As propostas destacadas no seminário do setor **Metalúrgico** são as seguintes:

Medidas no âmbito da negociação coletiva

- acordo coletivo nacional do setor Metalúrgico - junto às Centrais Sindicais; criação de pisos para determinadas ocupações; criação dos planos de cargos e salários com a participação da representação sindical; melhora das cláusulas nos acordos e nas convenções para inibir as demissões; organização no local de trabalho (OLT); exigir, como contrapartida, das empresas que têm

desoneração da folha de pagamentos, recursos públicos etc., que mantenham taxas baixas de rotatividade; comunicação do movimento sindical com os jovens sobre o atual mercado de trabalho/rotatividade; continuidade das melhorias das condições nos acordos e convenções coletivas; garantia às terceirizadas dos mesmos benefícios da empresa contratante.

Medidas no âmbito das políticas públicas

Na esfera das políticas públicas foram sugeridas as seguintes propostas: contrapartida das empresas para receber financiamento público do BNDES (desoneração); reativar a inclusão do movimento sindical na qualificação dos trabalhadores (profissional), com regras bem definidas; exigir do governo a inserção das empresas nacionais (sem rotatividade) nas licitações; plano de desenvolvimento da indústria (longo prazo), com proteção ao emprego.

As propostas para o combate à rotatividade no **setor Bancário** foram precedidas de uma discussão sobre algumas especificidades relativas ao setor, como: forte redução de salário em relação a outros setores, ou seja, o grande diferencial entre a remuneração de admitidos e desligados; instrumento de pressão para aumentar a competitividade e produtividade; oligopólio, porém com muitas unidades (agências); diferença entre bancos públicos e privados; ausência do fator sazonalidade; a rotatividade é parte do negócio; o fenômeno é mais difícil de mensurar e qualificar nos bancos do que em outros setores; alto índice de desligamento de jovens a pedido; metas abusivas, com elevada participação da remuneração variável na remuneração total; alto índice de desligamento por transferência (grande diferença entre bancos públicos e privados).

Medidas no âmbito da negociação coletiva

- valorização do piso; piso de acordo com função; termo de compromisso no PCS (plano de cargos e salários); jornada de seis horas; criação de um grupo de trabalho sobre rotatividade; discussão sobre nível de emprego no setor; obrigatoriedade de homologação no sindicato a partir da data da contratação.

Medidas no âmbito legislativo

- regulamentação do artigo 192 da Constituição Federal; ratificação da Convenção 158 da OIT; realização de uma conferência do sistema financeiro nacional; audiências públicas sobre rotatividade no setor Bancário.

Medidas no âmbito das políticas públicas

- mudança nos registros de transferência com ônus e sem ônus; acesso às informações e aprimoramento das fontes de dados Rais e Caged. Por último,

foram sugeridas ações em âmbito internacional: denúncias à OIT e acordos marcos via UNI-América.

Já no setor **Químico**, são as seguintes as propostas elaboradas no seminário:

Medidas no âmbito da negociação coletiva

- estabelecimento de multa quando as demissões superarem os 10% do efetivo; cláusulas restritivas quanto à demissão coletiva; contrapartidas nos acordos de jornada e de PLR; fim das renovações dos contratos de experiência; fim do contrato de experiência para quem já trabalhou no setor.

Conforme pode ser percebido, há coincidências e mesmo repetições de propostas para enfrentar a rotatividade entre os vários setores. Contudo, a opção por manter as redundâncias teve como objetivo ser fiel ao que foi discutido nas atividades.

As raras iniciativas e ações sindicais no campo da negociação coletiva no sentido de obter algum tipo de regulação da rotatividade nos setores examinados demonstra que há resistência patronal em fazer acordo sobre qualquer mecanismo que busque alguma regulação no sentido de inibir o problema. Diante disso, parece claro que só será possível ter um mecanismo que regule e estabeleça patamares de rotatividade mais baixos, seja para setores de atividade ou para o mercado de trabalho como um todo, por meio de instrumentos legislativos.

As informações sobre as quais se baseia a análise contida neste livro, além de evidenciar as características de cada setor, demonstram que o fenômeno da rotatividade é, ao mesmo tempo, uma dimensão estrutural do mercado formal de trabalho brasileiro e, portanto, um desafio a ser enfrentado pelo movimento sindical. É também um processo com muitas implicações sobre os trabalhadores, as empresas, o Estado, enfim sobre a sociedade.

Nessa perspectiva, cabe salientar que, embora o livro tenha como objetivo apresentar um conjunto de sugestões e propostas para o enfrentamento do problema, e não o propósito de analisar detalhadamente as consequências dele, é necessário tratar, ainda que secundariamente, de aspectos que têm impacto principalmente sobre a vida dos trabalhadores. No caso destes últimos, há rebatimentos de várias ordens: sobre a renda, impedindo o crescimento do salário, na medida em que o vínculo de trabalho é rompido diversas vezes ao longo da vida profissional; sobre a aposentadoria, uma vez que a contribuição para o INSS deixa de ser recolhida durante o intervalo de tempo entre um vínculo empregatício e outro; sobre o Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS), espécie de conta poupança vinculada do trabalhador, já que o

percentual para o Fundo deixa de ser recolhido durante o tempo em que o trabalhador fica sem contrato formal de trabalho, entre outros.

Finalmente, uma observação: a vasta literatura sobre a formação do nosso mercado de trabalho aponta, entre outras características, heterogeneidade, informalidade e flexibilidade. Nesse sentido, a rotatividade é um fenômeno decorrente de uma das dimensões estruturais desse mercado, no caso, a flexibilidade. Portanto, pensar e estabelecer mecanismos que inibam e regulem a rotatividade remete necessariamente para o enfrentamento da questão da flexibilidade.

Referências bibliográficas

DIEESE. **Estudo setorial da construção 2011**. São Paulo, abr. 2011. (Estudos & Pesquisas, 56). Disponível em: <<http://www.dieese.org.br/estudosepesquisas/2011/estPesq56ConstrucaoCivil.pdf>>.

DIEESE. **Estudo setorial da construção 2012**. São Paulo, maio 2013. (Estudos & Pesquisas, 65). Disponível em: <<http://www.dieese.org.br/estudosesetorial/2012/estPesq65setorialConstrucaoCivil2012.pdf>>.

DIEESE. **O programa do Seguro Desemprego: desafios para um permanente aperfeiçoamento**. São Paulo: DIEESE, fev. 2011. (Nota Técnica, 95). Disponível em: <<http://www.dieese.org.br/notatecnica/2011/notaTec95seguroDesemprego.pdf>>.

DIEESE. Mesa Nacional da Construção: o diálogo social tripartite rumo a condições de trabalho decente no setor da Construção. São Paulo, maio 2013. (Nota Técnica, 124). Disponível em: <<http://www.dieese.org.br/notatecnica/2013/notaTec124MesaConstrucao.pdf>>.

DIEESE. **Relatório do Seminário Rotatividade no Comércio e Hotelaria: dados setoriais e diretrizes para ação sindical**. São Paulo, 2013.

DIEESE. **Rotatividade e flexibilidade no mercado de trabalho formal**. São Paulo: DIEESE/MTE, 2011. Disponível em: <<http://www.dieese.org.br/livro/2011/livroRotatividade11.pdf>>.

MTE. **Relação Anual de Informações Sociais**. Brasília, 2012



Confederação Nacional dos
Sindicatos de Trabalhadores
nas Indústrias da Construção e
da Madeira (Conticom-CUT)

Confederação Nacional
dos Trabalhadores
nas Indústrias da
Construção (CNTIC)



Confederação Nacional dos
Trabalhadores na Indústria
da Construção e do
Mobiliário (Contricom)

Federação Interestadual
dos Metalúrgicos e
Metalúrgicas do Brasil
(Fitmetal)

